



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE LETRAS

LETRAS – LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA OU CLÁSSICA

VERA LÚCIA QUEIROZ ALVES

CONFIDENCES À MON VOILE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Bicalho.

SALVADOR

2017.1

VERA LÚCIA QUEIROZ ALVES

CONFIDENCES À MON VOILE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado de Letras – Língua Estrangeira Moderna ou Clássica, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Letras - Língua estrangeira moderna (francês).

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Bicalho.

SALVADOR
2017.1

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso se propõe a traduzir integralmente a obra *Confidences à mon voile* (2016), ainda inédita em português brasileiro, escrita por Nargesse Bibimoune (1991), escritora francesa, de origem árabe, muçulmana, nascida no subúrbio de Lyon, França. Além da tradução, apresenta-se uma reflexão sobre a recriação do texto, os esclarecimentos concernentes às estratégias tradutórias escolhidas, bem como as bases teóricas utilizadas para sua realização. As orientações que guiaram a recriação do texto partiram da reflexão das concepções tradicionais de sujeito e objeto e da reflexão desconstrutivista entre os estudos da linguagem, assim como algumas implicações desse pensamento para a leitura e a tradução. Dessa forma, com base em autores como Edwin Gentzler, Lawrence Venuti, Rosemary Arrojo, Roland Barthes, Stuart Hall e outros que contribuem com suas perspectivas para a valorização cultural do Outro e da atividade tradutória, pretendeu-se iniciar uma reflexão sobre a tradução, e principalmente sobre o papel do tradutor ao mediar a linguagem e o contexto histórico-social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. A AUTORA E A OBRA	13
2. MOTIVAÇÕES E ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS	14
3. CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	19
TRADUÇÃO COMENTADA	20

INTRODUÇÃO

Traduzir é escolher. E escolher (quem traduzir, para quem e como) representa uma tomada de posição no mundo; enfim, um ato político.

Marie-France D  p  che

Tradicionalmente, a imagem do processo tradut  rio   descrita como transferência e substitui o de palavras. Dessa forma, o texto   visto com um objeto estável com um conteúdo que poderia ser transportado de maneira clara e objetiva da língua para a língua. Nessa concep o, ao traduzir, o tradutor assumiria uma fun o mecânica, de transportador de significados, sem poder interferir neles ou interpretá-los. Segundo Arrojo (2007, p. 12), essa visão tradicionalista, baseada em uma determinada teoria da linguagem, delinea as diretrizes que em geral são estabelecidas para o trabalho do tradutor. Como exemplo, a autora cita os três princípios básicos para uma boa tradu o sugeridos por Alexandre Fraser Tytler:

- 1) a tradu o deve traduzir em sua totalidade a ideia do texto original;
- 2) o estilo da tradu o deve ser o mesmo do original;
- 3) a tradu o deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original.

Quando refletimos sobre esses pressupostos, percebemos que esse modelo de tradu o   um ideal difícil de ser alcançado pela própria dinâmica existente entre texto e contexto ao qual o ato tradutório está baseado atualmente. Um texto apresenta várias possibilidades de leitura e interpreta es que podem ser feitas, todas elas refletindo o sujeito, sua concep o de mundo e suas rela es com o outro, sem que isso traga prejuízos para a tradu o e ela seja considerada uma atividade inferior.

Compreende-se, portanto, que o ato de traduzir não   simplesmente uma transposi o de palavras de uma língua para outra. A tradu o não pode ser considerada uma atividade puramente mecânica e objetiva, pois ao traduzirmos um texto não traduzimos apenas as palavras, mas também significados e referências presentes entre as diferentes culturas envolvidas. Assim, podemos dizer que hoje a tradu o   considerada por muitos como um ato de interpreta o, reelabora o textual, mas nem sempre foi assim.

Ao deparar com o formalismo estabelecido pelas teorias linguistas, as questões teóricas que envolvem o ato de traduzir ficam reduzidas a um plano em que sua autonomia é sempre questionada pelo modelo logocêntrico que busca defender a todo custo seus princípios e crenças. Arrojo (1992, p77) comenta que Georges Mounin, por exemplo, em *Os problemas teóricos da tradução* (1975), prioriza claramente a preservação da “ciência linguística”. Para o teórico, não é a linguística que deve reavaliar seus pressupostos, e sim a prática da tradução que deve ser reavaliada. O autor afirma que apenas no interior desta ciência poderiam ser resolvidos “os problemas teóricos suscitados pela legitimidade ou ilegitimidade da operação de traduzir, e por sua possibilidade ou impossibilidade” (MOUNIN, 1975, p.27).

O que parece estar implícito no argumento de Mounin é um pretensão ideal de verdade herdado do mundo platônico, que julga capaz de manipular o processo de significação deixando de lado o mundo humano, que, como entendemos hoje, resiste a qualquer sistematização ou pré-determinação. Como observa Arrojo (1992, p.77):

[...] A tradição tem sido, portanto, inclemente em relação à atividade do tradutor, atribuindo-lhe, frequentemente, um caráter de precariedade, de remendo, de “mal necessário, em oposição a um “original” sempre pleno e completo em si mesmo.

Assim, segundo a visão logocêntrica, que reforça sua crença na distinção entre sujeito e objeto, a tradução é como uma atividade inferior que descaracteriza e diminui o texto “original”. Ao tradutor resta uma postura passiva e o papel de preservar os conteúdos desse original, “o que o autor quis dizer”, independente de qualquer contexto.

As questões concernentes à tradução somente poderiam ser resolvidas, em moldes tradicionais, se a realidade do sujeito e ele próprio estivessem circunscritos também em um modelo imutável, e isso não acontece. Nossa vida é marcada por circunstâncias e regida por uma constante interpretação do que nos cerca, e este interpretar, por sua vez, não se encontra apenas restrito a uma operação linguística. A tradução, assim como toda atividade linguística, sempre será produto das circunstâncias em que ocorre. Nesse sentido, o que se disse até hoje sobre impossibilidade de tradução perde sua força e abre espaço para a possibilidade de reflexões sobre a linguagem, reflexões estas presentes em teóricos da desconstrução como Derrida (1930-2004).

As reflexões desconstrutivistas revisam as ideias que a tradição sempre reforçou sobre a questão do significado, e que conseqüentemente, influenciou na formação da nossa

cultura ocidental, sempre submetida a um ideal de verdade absoluto. Se antes era a oposição sujeito e objeto que se fazia presente em todos os campos do conhecimento, com as ideias pós-estruturalistas essa relação é redimensionada. Porém, desconstruir a oposição sujeito-objeto não implica destruir a dicotomia, e sim problematizá-la e provocar uma reflexão que conduza a um diálogo mais justo entre uma leitura chamada desconstrutivista e outra essencialista.

Segundo Arrojo (1992), “o projeto de desconstrução do logocentrismo delineado por Jacques Derrida na *Gramatologia* tem em Nietzsche e em Freud dois precursores obrigatórios”. Das contribuições psicanalíticas para a área da linguagem tem-se, por exemplo, a denúncia do caráter ideológico da linguagem, exposto por Nietzsche, e a revelação da importância do inconsciente no ser humano, em Freud. São dois pontos importantes para se pensar na autonomia do ser humano em atribuir significações ao mundo que o rodeia a partir de suas próprias vivências.

Outra reflexão importante para a tradução é a noção de autoria proposta por Roland Barthes. No texto *A morte do autor* (2004, p.63), Barthes diz que “dar ao texto um Autor é impor-lhe um travão, é provê-lo de um significado último, é fechar a escritura.” Barthes contraria a concepção clássica que considera o texto um objeto imanente, impenetrável, mas, suas afirmações não significam a real morte do autor; essa metáfora significa que um texto pode e deve ser lido sem que sua leitura esteja submetida a regras de interpretação restritas.

Assim, o leitor/tradutor deixa de ser um receptáculo das intenções do autor; essa relação filial, de submissão é abalada, a linguagem não produz apenas um sentido, pelo contrário, ela é múltipla e o texto não é veículo das intencionalidades do autor. Segundo Barthes (2004, p.63):

[...] um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor [...]

Dessa forma, a objetividade da interpretação não poderia continuar sendo uma regra, e a interpretação subjetiva na atividade do leitor-tradutor passa a ser um elemento fundamental. Esse argumento reverbera no campo de estudo da tradução, e essa atividade passa a partir do final de 1970 e início de 1980, a ser vista como ato de interpretação e (re) criação, e nesse contexto, o tradutor pode assumir o papel de leitor-tradutor-autor.

Para o tradutor e teórico norte-americano, Lawrence Venuti (2002), a tradução representa uma afronta contra esse conceito tradicional que se baseia na intenção autoral, e na permanência do seu significado e funcionamento social. Segundo o autor, mesmo atualmente “onde o influxo do pensamento pós-estruturalista questiona de forma decisiva a teoria e a crítica literária de orientação autoral” (VENUTI, 2002, p. 66), a tradução ainda tem sido negligenciada, e alguns estudiosos ainda supõem que a tradução descaracteriza o texto estrangeiro ao apresentar erros lexicais e sintáticos. Em vista desse argumento Venuti diz que erros podem ser corrigidos, mas eles não tornam a tradução ilegível, nem diminui seu poder comunicativo, e acrescenta que o que também estaria por trás dessa crítica à tradução seria o senso de autopreservação linguística e literária estrangeiras, que respondem, na realidade, a valores estéticos domésticos e interesses ideológicos.

Ao repensar a tradução, Venuti (2002) traz para a relação entre tradução e cultura a questão da formação das identidades culturais. Ele afirma que a tradução tem poder de formar identidades reforçando valores domésticos, reafirmando ou desfazendo estereótipos¹, e acrescenta que: “ao longo prazo, a tradução penetra nas relações geopolíticas ao estabelecer as bases culturais da diplomacia, reforçando alianças, antagonismos e hegemonias entre nações (VENUTI, 2002, p.130).”

Em sua obra, *The Translator's Invisibility: A History of Translation* (1995), Venuti elabora uma crítica à tradução literária americana e britânica e procura denunciar a invisibilidade do tradutor nestas culturas. O autor afirma que a tradução norte-americana “reforça crenças e ideologias domésticas predominantes” (GENTZLER, 2009, p.62), e também aponta as condições em que a tradução é revista, lida, ensinada e realizada nessa cultura. Para Venuti (2002, p.129) existe, nos Estados Unidos, uma tendência tradutória domesticadora que “[...] responde a interesses domésticos particulares [...]”, e este padrão tradutório muda ou estabelece cânones literários e paradigmas conceituais na cultura doméstica, além de fixar valores e estereótipias para a cultura estrangeira.

¹ Segundo Patrick Charaudeau (2007, p.1), o estereótipo contempla “[...] uma proliferação de termos cobrindo o mesmo campo semântico: ‘clichês’, ‘lugares comuns’, ‘ideias recebidas’, ‘preconceitos’, ‘estereótipos’, ‘lugar comum’, apenas citando alguns [...]”. Minha tradução de : « (...) une prolifération de termes couvrant le même champ sémantique : « clichés », « lieux communs », « idées reçues », « préjugés », « stéréotypes », « lieu commun », pour n'en citer que quelques-uns (...) ».

Há quem defenda a ideia que o estereótipo tem uma função essencial ao estabelecimento do meio social ao gerar normas, discussões e ideias partilhadas socialmente. Em contrapartida, há quem rejeite essa noção justificando que ela deformaria e dificultaria a apreensão da realidade pelos indivíduos. Para LYSARDO-Dias (2007, p.26), “o termo comporta em si uma referência ao que foi pré-determinado e encontra-se fixado, cristalizado”.

Sua proposta de um projeto minorizante, contrariamente à política de tradução doméstica estabelecida na cultura em questão, sugere que o tradutor deixe em sua prática tradutória as marcas da cultura de origem. Por minorizante entende-se, por exemplo, a preferência pela tradução de textos estrangeiros que tenham status marginal em relação a seus cânones nativos. Esse projeto abrange escolha de termos e expressões específicas, estratégias discursivas, e mesmo os textos a serem traduzidos. Assim, conforme Venuti (1995, p.148), a tradução estrangeirizadora é:

“uma prática cultural dissidente” que faz associações com valores linguísticos e literários domésticos marginais, e com culturas estrangeiras que tenham sido preteridas devido a sua própria resistência a valores dominantes.

Para Venuti (1995), “Se os efeitos de uma tradução revelam-se conservadores ou transgressores vai depender fundamentalmente das estratégias discursivas desenvolvidas pelo tradutor, mas também de vários outros fatores envolvidos na sua recepção” (ibid., p.131). Porém, ao escolher domesticar a tradução, o tradutor torna-se invisível.

Por invisibilidade entende-se que os tradutores não aparecem no texto traduzido, pois este é manipulado para parecer “fluyente”, passando a impressão de ser o próprio texto “original” e não uma tradução. Conforme Venuti (1992, p.3-5), essa estratégia reforça, “as noções relativamente tradicionais, quase românticas de autoria e conceitos neoplatônicos de construção de uma imagem que reproduz o original”.

Isso exposto, vemos que o projeto de Venuti é também político, pois este teórico concebe a tradução na sua relação com as construções sociais. Para ele, “A tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras” (VENUTI, 2002, p.130). Dessa forma, o autor defende uma tradução que resista às imposições ideológicas, que deixe transparecer as diferenças linguísticas e culturais, e que promovam o intercâmbio de significados.

Venuti fundamentou a sua busca pelo reconhecimento autoral do tradutor nos princípios lançados por Friedrich Schleiermacher (1768-1834). Este autor, com base em sua experiência como tradutor e em suas reflexões sobre o tema, escreveu, em 1813, o ensaio *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* (*Sobre os diferentes métodos de tradução*), onde demarca dois caminhos a serem seguidos pelo o tradutor:

1. “[...] Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro ou 2. [...] Deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos os caminhos são tão

completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente[...]. (SCHLEIERMACHER 1813 apud HEIDERMANN 2010: 57-59)

Esses métodos não recebem do autor nenhuma designação, mas o teórico alemão defende que o primeiro método, aquele que promove o distanciamento entre o leitor do texto traduzido e o autor do texto original, é mais adequado para a tradução e para o fortalecimento da língua e cultura alemãs.

Podemos distinguir nessa concepção a dicotomia clássica de palavra e sentido, a tradução “literal” em oposição à tradução “livre”, que perpassa a teoria tradicional da tradução desde Cícero. Em Schleiermacher (1813) essa divisão categórica ganha outros contornos, pois como são caminhos distintos entre si, o tradutor deve seguir um deles com mais rigor. Assim, o tradutor deve escolher entre o método de distanciamento de um lado, e de familiarização, de outro. Embora Schleiermacher deixe clara, sua preferência pelo método de alheamento, a dicotomia persiste.

Partindo da abordagem de Schleiermacher, Venuti, duzentos anos depois, introduz o componente ideológico às duas possibilidades de tradução expostas acima, e formula a dicotomia em termos de “domesticação” vs. “estrangeirização”. A estratégia domesticadora aproxima o texto do universo linguístico e cultural familiar ao leitor, enquanto que a estrangeirizadora mantém muitas características do texto de partida com o objetivo de aproximar o leitor da outra cultura, deixando evidente a figura do tradutor.

Apesar de defender a estrangeirização, Venuti entende que a domesticação do texto traduzido tem um caráter inevitável. De fato, sempre há certa domesticação a partir das escolhas e condições de produção do tradutor, pois ao interpretar um texto estrangeiro seu contexto cultural-ideológico-político não poderá ser ignorado.

Dessa forma, podemos dizer que o tradutor está profundamente envolvido na construção de uma cultura. Contudo, como é importante manter uma ética da tradução, o tradutor deve elaborar formas de “reconhecer e receber o Outro enquanto Outro [...] acolher o Outro, o Estrangeiro, em vez de rejeitá-lo ou de tentar dominá-lo” (BERMAN, 2007, p.69). Isto porque, como já exposto, o tradutor tem o poder de criar estereótipos ou reforçá-los gerando repulsa ou aproximação com grupos étnicos específicos.

Assim, as escolhas que fazemos enquanto tradutores podem nos levar a reflexões, elas próprias estereotipadas, baseadas em lugares comuns, e como as traduções são

destinadas a circular em comunidades culturais específicas, elas podem influenciar a formação de identidades. Segundo Venuti, (2002, p. 131):

Ao mesmo tempo em que a tradução constrói uma representação doméstica para um texto ou cultura estrangeiros, ela também constrói um sujeito doméstico, uma posição de inteligibilidade que também é uma posição ideológica, informada pelos códigos e cânones, interesses e agendas de certos grupos sociais domésticos.

A formação de identidades culturais na modernidade tardia é uma questão que se discute na teoria social moderna. Segundo Stuart Hall (2011), essa discussão acontece porque as velhas identidades estão em declínio, descentrando o indivíduo moderno, que por muito tempo era visto como um sujeito unificado e ancorado em bases mais estáveis no mundo social.

A “crise de identidade” é para Hall, provocada justamente pelas mudanças nos conceitos de identidade e de sujeito durante a modernidade. O autor alerta que o conceito de “identidade” apresenta uma definição muito complexa por ser ainda pouco compreendido na ciência social contemporânea, porém, em linhas gerais, entende-se que se trata daquele aspecto da nossa identidade ligado a nossa ideia de pertencer sobretudo a uma nação, e a culturas étnicas, linguísticas, religiosas etc.

De forma simplificada, as três concepções distinguidas por Hall são: sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico; sujeito pós-moderno.

1) O sujeito do Iluminismo seria um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão que emergia desde seu nascimento até a morte. Ou seja, a identidade faz parte da essência do próprio indivíduo iluminista.

2) O sujeito sociológico estabelecia interação com a sociedade e grupos sociais “que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2011, p.11)

3) Sobre o sujeito pós-moderno, ele diz que o indivíduo deixou de ser unificado ou permanente. Sua identidade passou a sofrer contínuas transformações sendo definida historicamente através de suas relações com o meio que o rodeia, e não mais biologicamente.

Essas concepções de sujeito nos ajudam a compreender o desenvolvimento da cultura humana - ciências, teorias, visões de mundo, comportamento social, etc. - ao longo do tempo. Historicamente, nunca tínhamos presenciado uma mudança tão constante e

rápida nas sociedades e nas mentalidades como agora. Para Hall, esta é a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”.

Nossa sociedade tem uma característica específica, pois a globalização promove as relações político-econômicas com todas as nações; as tecnologias de comunicação aproximam os indivíduos e suas produções culturais, e esse trânsito acaba por transformar as sociedades e impactar na identidade cultural do sujeito.

As identificações com o Outro e a sensação de não pertencer a nenhum lugar – instituição, nação, língua etc. - específico no mundo, mas de pertencer ao mundo, é o que pode provocar a “crise de identidade” do indivíduo pós-moderno “composto de não uma única, mas várias identidades”. Para Giddens (apud HALL, 2011, p.16):

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana.

Desse modo, o tradutor deve, no contexto cultural atual, procurar refletir sobre as relações entre língua, sobre os trânsitos culturais inevitáveis presentes na atualidade e em como traduzir esse Outro além do verbo. Todavia, não deixando de considerar sua leitura individual, e sua posição diante da diversidade que lhe é imposta em todos os níveis de conhecimento. Citando Nercolini e Borges (2003, p. 139), a tradução, portanto, é “(...) a ferramenta com que uma cultura dá forma a uma matéria-prima muito especial: o significado do Outro.”

O ato tradutório revela, pois, hesitações e questionamentos: Como apresentar esse Outro, esse Estrangeiro para o meu leitor? Como liberar o medo infundado do desconhecido? Dizendo: seja bem vindo! Sem tomar, sem exercer poder de mando, compartilhando as experiências e os sentimentos humanos que são universais.

A interpretação tem a responsabilidade de não perder a conexão com o texto, com o Outro, e este foi um horizonte que tentei não perder no processo de compreender e interpretar a narrativa. Ao mesmo tempo, a preocupação em querer afirmar uma autonomia tradutória se fez presente por eu ter a convicção de que o papel do tradutor não deve ser oculto, pelo contrário, deve ser posicionado. Através da linguagem ele deve expressar sua cultura e a do Outro, pois a tradução não é apenas uma transcrição de

códigos linguísticos no sentido estrito do termo. A relação linguística que procurei privilegiar é a que estabelece a relação entre uma cultura e outra, entre um texto e outro.

Desse modo apresento agora uma breve biografia da autora da obra escolhida para iniciar meu percurso pela tradução. Em setembro de 2016, Nargesse Bibimoune foi recebida pela Aliança Francesa de Salvador-Ba para falar de seus livros e de suas experiências como escritora muçulmana engajada em movimentos sociais. Foi nesta ocasião que eu a conheci, e vislumbrei a possibilidade de desenvolver este trabalho acadêmico de conclusão de curso com sua obra *Confidences à mon voile: Quatorze années au pays de la laïcité*, publicado em 2016 pela ISedition Marseille.

1. A AUTORA E A OBRA

Nargesse Bibimoune é uma jovem escritora de origem argelina, nascida em 1991 na França. Depois de uma formação em Ciências Políticas pela Universidade Lumière Lyon II, concluiu dois mestrados em Sociologia em Grenoble, também na França. Atualmente, Nargesse atua como militante ativa em diferentes movimentos sociais com o intuito de promover debates sobre os direitos da mulher, a luta contra o racismo, o respeito à liberdade de culto religioso, a discussão de temas sobre políticas imigratórias e outros temas ligados às diferenças socioculturais e econômicas.

A escritora foi descoberta depois que seus textos postados em sua página do Facebook alcançaram mais de vinte mil leitores. A partir do grande sucesso de suas narrativas entre seus amigos de bairro e seguidores desconhecidos, ela foi convidada por uma editora francesa a publicar seu primeiro romance *Dans la peau d'un Thug* (2013), ed. Marseille. Três anos após a publicação desse primeiro livro, a autora lança um segundo intitulado *Confidences à mon voile: quatorze années au pays de la laïcité*, editado pela mesma editora. As histórias têm como vetor principal suas experiências cotidianas desde que, aos 14 anos, assumindo-se como muçumana para a sociedade, decide-se por usar o véu na França, país onde nasceu e mora atualmente.

A narrativa de Nargesse Bibimoune toca em questões relativas à polêmica ligada ao Islamismo, ao preconceito relacionado às vestimentas tradicionais usadas pelos adeptos desta religião, bem como a tradições culturais dos imigrantes árabes e de seus descendentes na França.

Confidences à mon voile: quatorze années au pays de la laïcité, tem um modelo narrativo próprio de um diário² em que a autora relata suas experiências pessoais, ideias, opiniões, desejos, sentimentos, acontecimentos e fatos do cotidiano entre os anos de 2002 e 2016. Dentre os relatos estão as razões que a motivaram a escrever livro, a sua entrada na universidade, seu primeiro emprego, sua viagem à Meca, a morte do seu pai.

2. MOTIVAÇÕES E ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS

Dentre as principais razões para a escolha da obra cito: 1) a contemporaneidade temática de suas histórias, que abordam temas presentes na agenda política mundial como o terrorismo, o feminismo, a imigração, o racismo; 2) a presença de aspectos da língua/cultura francesa e árabe; 3) o ineditismo da tradução, pois este livro ainda não foi traduzido em nenhuma língua e não há conhecimento de outros trabalhos acadêmicos sobre ele até então.

Para além das motivações citadas acima, considero importante salientar que me proponho a traduzir por entender que a importância da tradução também reside no fato de ela permitir uma discussão sobre as relações pluriculturais que se estabelecem durante o processo tradutório, e por lançar um olhar para a diversidade que nunca foi tão imperativo como no mundo atual.

Nesse contexto, faz-se necessário rever nossas relações interculturais e resignificar nossos conceitos pré-determinados ao olhar outras culturas e outros indivíduos, pois, como realça Edward Said (2007, p.91) “basta que “nós” tracemos essas fronteiras em nossas mentes; “eles” se tornam “eles” de acordo com as demarcações, e tanto o seu território como sua mentalidade são designados como diferentes dos “nossos””.

Assim, no intuito de estreitar os laços com o Outro, a principal estratégia tradutória por mim escolhida foi a manutenção em língua árabe de palavras como hijab,

2. Dentre as principais características do gênero textual “diário” estão: apresentar linguagem empregada na 1ª pessoa; apresentar o registro de experiências da realidade que cerca o escritor; poderá ser real ou fictício; poderá ser escrito em longos ou curtos períodos; poderá ou não se tornar público, etc. Além dessas especificações existe ainda a marcação da data, pois “Só há escrita em forma de diário quando o texto remete para uma escrita datada” (PASCHEN e LEJUNE apud MARTINS e AZEVEDO, 2016, p. 107). Segundo Martins e Azevedo, (2016, p. 105) o diário, assim como outros modelos narrativos escritos em primeira pessoa, como as biografias e memórias, era considerado um texto literário menor, e por isso era afastado do cânone literário. Não me estenderei aqui nessa questão porque, para a discussão que pretendo estabelecer, as especificidades de delimitação de gêneros literários não interferem no meu processo tradutório nem tampouco na escolha desta obra, tendo em vista que o meu objetivo é reconstruir o texto de partida em outra língua e outra cultura.

burca, niqab, jilbab, burkini, ramadan, inshallah, hamidoulillah³, pois acredito ser importante para possibilitar que o leitor do texto traduzido perceba a interconexão linguística e cultural presente na narrativa.

A diversidade de véus e vestimentas adotados pela comunidade islâmica tem relação com a forma de expressar a religiosidade, pois há grupos mais conservadores que outros. As indumentárias usadas no Irã, no Paquistão e no Líbano, por exemplo, diferem entre si e têm a ver com o modo como cada grupo social reinventa a sua própria tradição. Portanto, a interpretação do Corão de forma mais conservadora ou não, fica a cargo da linha religiosa do adepto.

Dentre esses termos em árabe, a palavra hijab⁴ é a mais recorrente, pois a narrativa se desenvolve a partir dele ou para ele. Dessa maneira, vi no acessório uma fronteira simbólica que eu deveria conhecer em sua forma e em seu significado político-religioso, para então começar um diálogo que me levasse a compreender a cultura estrangeira.

Também optei por manter alguns nomes de construções, rituais, e objetos sagrados, festas e siglas. Para explicá-las optei por duas estratégias:

- 1) trazer a definição lexical no próprio texto de modo que não estendesse o período a ponto de prejudicar a sintaxe como em:

³ **Burca**, típica de países como o Afeganistão e Paquistão, é um tipo de véu que cobre todo o corpo da mulher muçulmana, inclusive rosto e olhos, tendo apenas uma rede que possibilita a visão do mundo externo; **Niqab** (“máscara” em árabe) é considerado a versão da burca e cobre todo o corpo da mulher, com exceção dos olhos. Esta vestimenta é comum em regiões onde se pratica o islamismo conservador, que considera o rosto da mulher como uma parte íntima; **Jilbab** é uma roupa tradicional usada tanto por homens como por mulheres e consiste em uma espécie de robe largo, com mangas compridas e, às vezes, capuz. É usado principalmente na região magrebina (norte da África); **Burkini** é a roupa de banho feminina. Este traje só deixa o rosto, as mãos e os pés da mulher à mostra, o restante do corpo (incluindo os cabelos) devem estar totalmente cobertos; **Ramadan** é o nono mês do calendário muçulmano, quando foi revelado o Alcorão – orientação para a humanidade e evidência de orientação e de discernimento. É um período para reflexão, devoção, autocontrole, e por 30 dias os muçulmanos se abstêm de comida, bebida, fumo e sexo; **Inshallah** é a palavra usada para indicar um desejo de fazer algo que se deseja. Em português é algo como “Se Deus quiser”; **Hamidoulillah** em português significa “graças a Deus”.

⁴ **Hijab**, no imaginário ocidental o hijab usado pelas muçulmanas é muitas vezes visto não como um acessório religioso tradicional, mas como um símbolo de opressão que vai contra a noção de liberdade feminina. No entanto, historicamente, o ato de cobrir a cabeça com o véu é anterior ao Islam e já foi adotado também por outras religiões como o judaísmo e cristianismo, e cada tradição elabora as próprias recomendações para o uso da vestimenta. Para o muçulmano o hijab vai muito além do âmbito da tradição indumentária, ele possui antes de tudo um valor simbólico, e de acordo com o tipo de hijab, seu usuário transmite uma linguagem não verbal que codifica mensagens variadas que remetem a questões cruciais como identidade, crença religiosa, ambiente familiar e status social.

(...) Kaaba, a construção em forma de cubo que fica na mesquita de Meca. (outubro 2012, p 77.)

(...) Ela lia o Corão, livro sagrado do Islam, (...). (agosto de 2002, p.28)

(...) *l'Aïd*, uma das festas sagradas do Islam, (...). (Maio de 2002, p.24)

2) trazer em notas de rodapé os referenciais cuja explicação poderia interferir na construção do texto:

Universidade de Paris - (*Université de Paris*) é uma das mais antigas instituições de ensino superior da Europa, e localiza-se na França. Já não existe como uma única universidade, uma vez que, em 1970, foi dividida em treze universidades independentes umas das outras. (Setembro de 2011,p.67)

Bled - O Jerid, Djerid ou Bled el Djerid (em árabe, literalmente: "palma de tamareira"), é uma região semidesértica situada no sudoeste da Tunísia, que se estende para as áreas contíguas na Argélia. Significa também ter uma mentalidade tradicional. (Dezembro de 2003, p.33)

Voltando ao hijab, este trabalho não tem a pretensão de dar conta de toda a problemática em torno do seu uso. Assim, conduzi a tradução tentando conhecer e respeitar os aspectos linguístico-culturais do texto fonte por acreditar que esse horizonte tradutório evidencia o Outro, seu lugar de fala e meu interesse em conectar as culturas, pois como bem realça Venuti (2002, p. 20), traduzir é negociar com as diferenças, e as traduções devem ser escritas, lidas e avaliadas respeitando a diversidade linguística e cultural que lhes são peculiares.

Portanto, acredito que quanto mais se evidenciar a estrangeiridade do texto, maior será a oportunidade de entrar em contato com as diferenças linguístico-culturais, e ainda deixar evidente a figura do tradutor.

3. CONCLUSÃO

Levando em consideração os pontos discutidos por meio da base teórica escolhida e dos exemplos supracitados e desenvolvidos, percebi que a tradução não se caracteriza mais por um processo meramente interlingual, como preconiza a tradição logocêntrica, mas, sim, por um processo intercultural.

Ao traduzir a obra, meu primeiro objetivo era interpretar e comunicar o texto estrangeiro. Essa interpretação sofreu influência do conhecimento que tenho da língua e das culturas estrangeiras envolvidas, bem como da minha língua e cultura. No processo tradutório, a efetiva comunicação só foi atingida quando o texto fonte deixou de ser totalmente estrangeiro para se tornar compreensível na forma doméstica. Esse paradoxo se refere à inevitável domesticação do texto original à qual Venuti (1995) se refere. A tradução se nutre desse paradoxo.

Para Rajagopalan (2000, p.128) “O que precisa ficar claro é que, mesmo nas traduções que procuram conservar o sotaque estrangeiro da obra sendo traduzida, o tradutor não está, de modo algum, deixando de marcar a sua presença”. Além disso, a tradução se revela como a única maneira de acesso a textos estrangeiros, e o tradutor tem o papel de promover esse ato comunicativo através de sua prática. Ao reescrever o texto ele põe em relevo certos valores e discursos, em detrimento de outros, e nesse momento, de acordo com suas escolhas, é que ele revela sua posição política no mundo.

Conforme vi, a prática tradutória tem atualmente seu lugar legitimado e por isso considero imperativo que não nos esqueçamos da função social e histórica de um produto cultural, pois, voltando a Venuti (1998), as estratégias tradutório-discursivas e seus efeitos podem criar ou reforçar estereótipos que seguem agendas domésticas para representar culturas estrangeiras, estigmatizando ou valorizando, etnias, identidades e nacionalidades. Portanto, cabe ao tradutor mediar essa relação entre culturas revelando suas diferenças e peculiaridades e, sobretudo valorizando-as.

Assim, eu escolhi dialogar com o texto estrangeiro e transitar nas culturas e línguas do Outro. A minha estratégia em manter os termos em árabe, que remetem principalmente à religião e ao vestuário, objetiva promover o estreitamento de um diálogo entre essas culturas visitadas.

A reflexão que desenvolvi no processo desta tradução me afastou da primeira concepção de tradução que eu conhecia, ou seja, aquela na qual a tradução deveria ser uma representação mais próxima possível do original, dentro dos limites do

logocentrismo e suas reflexões acerca da linguagem, da realidade e do sujeito. Mesmo tendo passado a compreender a tradução como um instrumento de desconstrução dessas antigas proposições há muito estabelecida, optei por traduzir algumas palavras para o português, exercendo o que Venuti (1995) chamou de domesticação, com o intuito de conferir maior sentido para o leitor da tradução. Essa possibilidade comprova que essas duas opções tradutórias apresentadas por Venuti, domesticação e estrangeirização, não são estanques nem excludentes. Cabe ao tradutor se servir delas de acordo com suas propostas e orientações tradutórias.

Me permiti passear entre essas duas possibilidades por acreditar que o texto estrangeiro reflete algo além dos códigos linguísticos, por isso é preciso desenvolver um olhar investigativo para ler as diferenças culturais com base nas propostas do pensamento pós-moderno para interpretar o mundo, a tradução e a linguagem, e dessa forma contribuir para a valorização da tradução e do tradutor.

Creio ter tido êxito na recriação do texto de *“confidences à mon voile: quatorze années au pays de la laïcité”*, e conseguido me fazer presente não apenas pela escolha da obra, mas também, evidentemente, por ter conseguido finalizar a minha proposta de reconstrução da língua/cultura do Outro permeada pelo meu olhar e minha cultura que fazem dessa tradução um texto único e, portanto, original.

“[...] E eu vou e amo
o azul,
o púrpura e o amarelo
E entre o meu ir e o do sol,
um aro, um elo.

"Some may like a soft brazilian singer but
I've given up all attempts at perfection".

O Estrangeiro - Caetano Veloso

Referências

- ARROJO, Rosemary. O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino / Rosemary Arrojo (org.). Campinas: Pontes, 1992. p.9-121.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina da tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____ *O rumor da língua*. Tradução de: Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BORGES, Ana Isabel; NERCOLINI, Marildo José. *Tradução cultural: transcrição de si e do outro*. Terceira Margem. Ano 6 nº8, p. 138-154. 2003.
- BRITTO, Paulo Henrique. Tradução e ilusão. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 26, n. 76, p. 21-27, set./ dez. 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux*. In: *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Tome 4. Paris: L'harmattan, 2007.
- DYLIA, Lysardo-Dias. A construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. In: *Stockholm Review of Latin America Studies*. Issue nº 2. November, 2007.
- GENTZLER, Edwin. Capítulo 6: Desconstrução. In: _____. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009. p. 183-228.
- HALL, Stewart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- MARTINS, M. do A. P. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução. In. *Cadernos de Letras*, n.27. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- RAJAGOPALAN, K. Traição versus transgressão: Reflexões acerca da tradução e pós-modernidade. *Alfa*, São Paulo, v.44, n.esp., p.123-130, 2000.
- VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. In: *Palavra 3*. (1995) 111-134. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro, 1995. Tradução de: The translator invisibility: In: *Criticism*. V XXXVIII, n.2, Spring 1986, Wayne state UP, pp. 179-212.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: EDUSC, 2002, cap. 2-4.
- VENUTI, Lawrence. A tradução e a formação de identidades culturais. In: SIGNORINI, Inês. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

Sitografia

<https://www.islamreligion.com/pt/articles/287/o-veu-desvelado/> acesso em 24/08/2017

CONFIDÊNCIAS

AO MEU VÉU

CATORZE ANOS NO PAÍS DA LAICIDADE

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o altíssimo, aquele que me amou antes mesmo de eu ter sido criada, e que a cada dia me cobre com a mais bela forma de amor: a vida.

Ao meu pai, já falecido, a quem eu dedico essas linhas. Os anos passam, mas eu lhe juro, nada muda. Nem o amor que temos por você, nem tua lembrança viva em nossas memórias.

À minha doce mãe, aquela que me encheu de coragem e amor para resistir. Você é minha heroína, aquela que me inspira.

Ao meu marido, Geoffrey, que é meu aliado mais fiel, meu melhor amigo, o homem que me completou.

À minha Lisa, que foi testemunha do início do projeto e que me apoiou desde os primeiros minutos quando, dentro daquele carro no Peru, eu lhe contei sobre o meu desejo de falar do meu véu, de falar para o meu véu.

Aos amigos, todos eles, que se reconhecerão. Vocês me deram muita coragem durante todos esses anos. Agradeço a vocês por serem os pilares da minha existência.

Aos meus colegas e amigos Baptiste e Nico, que me corrigiram, aconselharam e encorajaram da melhor maneira que puderam.

Este livro é dedicado à Soundousse, Sofia, Amina, Wafa, Soukeina, Zahra, minhas irmãs de fé, de coração, de luta, de resistência que ficaram por muito tempo reduzidas ao silêncio. Eu não tenho intenção de representá-las - minha voz é apenas uma entre milhares de outras -, mas eu lhes envio toda sororidade e amor que sou capaz de sentir. Onde quer que vocês estejam minhas irmãs, saibam que não estão sozinhas.

“Existem pessoas que possuem uma verdade, mas não têm os meios de produzi-la; outras que teriam os meios de produzi-la, mas que não possuem esta verdade” dizia Abdelmalek Sayad⁵.

Enfim, agradeço a Harald Bénoliel, meu editor, por ter me dado a possibilidade de produzir minha verdade.

⁵ Sociólogo, diretor de pesquisa no CNRS e na escola dos Altos Estudos em Ciências Sociais, Abdelmalek Sayad era um fino conhecedor da comunidade norte-africana na França. Ele era igualmente descrito como um “Sócrates da Argélia”.

PREFÁCIO

Para realizar esta obra, eu utilizei os vários diários e textos de diferentes gêneros, escritos da minha adolescência até a idade adulta, adaptando os testemunhos para uma escrita literária bem definida. Juntam-se a essas fontes minhas lembranças, as da minha família e de meus amigos. Eu decidi deixar esse testemunho o mais anônimo possível, sem especificar nenhuma situação, nem nenhum nome de pessoas próximas a mim e muito menos o nome de lugares. Dessa maneira, essa narrativa não tem a intenção de classificar todas as estruturas e indivíduos que me submeteram a discriminações individuais, mas, sobretudo de testemunhar o caminho de combatente que atravessamos quando decidimos usar o véu. A obra denuncia igualmente toda uma estruturação islamofóbica vinda das altas esferas. É preciso saber que ousar testemunhar e clamar suas ideias tão pouco consensuais significa também arriscar de ser fichada em uma sociedade que recusa a crítica radical. Contudo, eu não poderia me resignar em esconder o que vivi por medo de represálias, pois como dizia Fanon, psiquiatra e ensaísta francês: “*A grande confrontação não poderá ser indefinidamente adiada.*” No entanto, foi primordial comprometer apenas a mim mesma nessa obra.

Uma das escolhas metodológicas desse texto é a de uma linguagem simples, acessível e o menos técnica possível.

“Esta linguagem dissimula mal o desejo dos conferencistas de enganar o povo, de deixá-lo de fora. A estratégia do obscurantismo da linguagem é uma máscara atrás da qual se situa um trabalho maior de renúncia. Se quer ao mesmo tempo privar o povo, e seus bens e sua soberania. Nós podemos explicar tudo ao povo com a condição que, no entanto, queiramos verdadeiramente que ele compreenda”. Em “os condenados da terra”, Frantz Fanon.

Eu escrevo como eu falo, sem ter um vocabulário pomposo e elitista em cada linha; sem também me desculpar por isso.

Prólogo

*“Tudo aquilo que é feito para nós, sem a
nossa presença, é na realidade feito contra
nós.”*

Nelson Mandela

Passei os últimos quinze anos da minha vida a ouvir o mundo se comover, se revoltar, se indignar em torno do véu - mas também lutar, escrever, argumentar, legislar ao mesmo tempo pelo estandarte da laicidade e pela luta pelos direitos das mulheres -, sem que a questão da fala das primeiras interessadas fosse colocada. Nossas palavras nunca foram ouvidas, nossas vozes nunca levadas em consideração, nossas histórias de vida sempre silenciadas. É por esta principal razão que hoje eu decido dar esse testemunho, descobrir meu caminho espiritual e humano, mas também minhas experiências, e dividir com vocês minhas confidências ao meu véu. E isso sem o foco dos jornalistas, especialistas, cientistas ou sociólogos enfatizando, analisando ou criticando o que eu vivi.

Desejo testemunhar minha resistência enquanto mulher franco-algeriana, mulçumana e coberta com o véu, diante um sistema patriarcal, racista e excludente. Eu não pretendo ser a dona da verdade, nem ser um exemplo de religiosidade, de feminismo, ou o que quer que seja. Essas palavras não foram escritas com o intuito de colocar em causa o véu, o Islam, e muito menos de minhas convicções políticas. Elas não estão aqui para justificar minha fé ou minha escolha em utilizar o véu. O propósito é dividir a experiência de primeira implicada sobre esse objeto de todos os devaneios. Aquele que faz gastar muita tinta de caneta, mas muito raramente por aquelas que decidem se enfeitar com ele.

Por termos falado tanto de você sem sua presença, hoje eu me dirijo a você.

Qualquer que seja a queda, a decepção ou a tristeza, eu acabei sempre por me levantar e você não tem culpa disso. Você é minha aliança profunda com o altíssimo, minha serenidade na tempestade, meu ponto de referência quando os tempos estão difíceis, minha luz quando eu me perco na escuridão de meu coração. Você está no centro da minha vida, no centro da minha fé. Você é sinal de ostentação e de proselitismo no

país da sacrossanta laicidade; alguns o vêem como a encarnação da opressão da “mulher”, ou o último sinal da dominação patriarcal. Outros ainda o consideram como estandarte de um Islam político obscurantista que teria o objetivo de organizar a “Grande Substituição⁶” da França. No final, todos os argumentos são voltados para tentar reduzi-lo a nada. Manipulação midiática, leis liberticidas, mulheres que o usam silenciadas. Mas de que nós estamos imbuídas, se não for de amor, de fé, de convicções, de humildade e de determinação?

Sim, todas essas palavras rimam com você e fazem eco em meu combate. O que eu faço desde que, em uma noite de primavera, decidi ligar minha vida à sua. *Confidências ao meu véu* é um pouco de mim, um pouco de você, um pouco de nós que eu divido com o mundo.

⁶ **A grande substituição** é uma teoria conspiratória, segundo a qual existiria um processo de substituição de população sobre o território francês metropolitano, no qual a população europeia seria substituída por uma população não europeia, originária inicialmente da África negra e do Magrebe. Esta mudança de população implicaria uma mudança de civilização, e esse processo, seria apoiado por uma maioria das elites políticas, intelectuais e midiáticas, seja por ideologia ou interesse. (...) Esta tese foi introduzida por Renaud Camus, escritor francês de extrema direita (...).

Liberdade, igualdade...sem o véu

Maio de 2002

Meu querido hijab⁷,

Nessas últimas semanas eu tenho pensado muito em você. Será que depois da oração devo retirá-lo da minha cabeça? Acho que você combina tanto comigo. Com você fico parecida com minha mãe, me sinto tão bonita. Com você eu existo, pois mesmo que não me agrade, eu agrado a ELE. É como se eu fosse uma princesa, e você minha coroa. Tenho muita vontade de usá-lo, mas não tenho coragem.

Meu pai tem medo por causa dos estudos, e minha mãe tem medo e pronto.

“Você ainda é nova” eles me dizem quando eu falo de você.

“É uma escolha para a vida, minha filha. ”

Eu sei, eu sei de tudo isso, sei da importância que você tem, e vejo o olhar que as pessoas lançam à minha mãe quando ela usa o hijab. Será que elas não notam como ela fica bonita dentro da fé dela? Como ela se sente feliz de estar de acordo com a vontade de Deus? Que ela se sente livre na vida? Não, elas não veem nada disso. É que eles certamente não têm a chance de conhecê-Lo como a gente.

Também tenho medo do olhar da minha professora. Eu sou uma boa aluna, sempre participo da aula, mas sei que ela não vai levar isso em conta. Ela não gosta do que é diferente, eu acho. Ela não conversa com minha mãe do jeito que conversa com a mãe de Suzie. E minha mãe é bem simpática, leva bolos para *l'Aïd*, uma das festas sagradas do Islam, e para as festas da escola. Mas minha mãe não é professora, ela é dona de casa, e trabalha como empregada doméstica quando a gente precisa de dinheiro.

⁷ Hijab - o conjunto de vestimentas preconizado pela doutrina islâmica. No Islã, o hijab é o vestuário que permite a privacidade, a modéstia e a moralidade, ou ainda "o véu que separa o homem de Deus".

Não é como a mãe de Suzie, que é professora também. Não sei se é pela ocupação ou se é por causa do hijab, mas minha professora lança olhares severos para minha mãe do mesmo jeito que ela faz quando repreende as crianças. E eu não gosto nada disso. Não gosto como as pessoas nos olham, é como se tivéssemos piolhos por debaixo do hijab.

Fico me perguntando como minhas amigas vão reagir. Eu sei que Suzie não vai me abandonar; sei que ela gosta de mim com ou sem o hijab. Uma vez, no carnaval, ela tinha um traje de médico muito bonito, e eu, como todo ano, tinha que inventar um. Então, como estava sem ideia, resolvi que iria à escola fantasiada de “nada”. E ela desistiu do traje para ir fantasiada de “nada” como eu. Ser amiga é isso. Eu sei que, fantasiada de nada ou com o hijab, nada mudará, ela gostará de mim da mesma forma.

Mas o resto do mundo, o que pensará de você?

Como fazer as pessoas compreenderem que você é mais importante que tudo, mais do que a piscina, mais do que as tranças de quatro tiras, mais do que as pérolas nos cabelos? Como fazer os outros compreenderem que eu respondo ao chamado de Deus? Deus que amo mais que tudo, e que me ama também. Deus que me deu tudo: uma mãe inacreditavelmente amorosa, um pai doce e apaixonado, e ainda irmãos mais velhos protetores que me permitem ter o maior saco de bola de gudes na hora do recreio, e que compraram a minha primeira bicicleta toda verde e brilhante. Deus que me permitiu ter muitos brinquedos, amigos e boas notas também. Mas, principalmente, Deus que me deu meus tão bondosos irmãozinhos e irmãzinhas. Os gêmeos com quem eu brinco todas as tardes. Sim, Deus me deu uma vida de sonho. Então por Deus, eu quero fazê-lo.

Meu corpo mudou nos últimos meses, nem o reconheço mais, eu não gosto dele. Ele cresce, engorda, é como se eu não pudesse mais controlá-lo, ele se transforma sem que eu possa mudar nada disso. De manhã, quando eu me olho no espelho, nem me reconheço mais. Por que eu não posso ficar bonita? De onde vêm esses pelos? Por que algumas partes do meu corpo engordam? Todas essas perguntas me atormentam, minha mãe diz que eu estou crescendo, me tornando uma mulher. Eu não quero me tornar uma mulher, só quero me sentir bem.

Então, como explicar aos mais velhos que eu só encontro a paz colocando você sobre mim? Sim, me sinto bem só com você. Você me lembra que não importa que esse corpo mude, basta apenas que eu me torne uma bela pessoa, pouco importa o resto. Sim, eu não quero mais deixá-lo, não quero mais perder esse sentimento de tranquilidade. Quero apenas ser uma pessoa bonita interiormente, deixar esse corpo que se transforma

tornar-se o que deve ser e me focalizar somente nas coisas que eu posso controlar: minha atitude, minha inteligência, a relação com minha mãe, meu pai, meus irmãos e minha irmã, os amigos do bairro.

Meu pai sempre me disse que Deus amava as coisas bonitas. Se a gente não se achar bonito, como Deus pode nos amar? E se Deus não nos ama, como amar a si próprio?

Então, sim, para o começo da minha sexta série, eu vou colocar você na cabeça.

Junho de 2002

Querido hijab,

Gostaria de ir para o paraíso. Meu pai me disse que se eu fosse uma boa pessoa, se fosse gentil, se mostrasse aos meus próximos o amor que tenho por eles, se mostrasse a Deus que o amo, eu alcançaria então o paraíso e lá eu teria, na impossibilidade de ter aqui, tudo o que eu quisesse.

Quero fazer de tudo para chegar lá. Sei que você vai me ajudar. Sei que contigo, estarei sempre ligada a Deus, e sei que Ele me amará muito. Você vai me ajudar, não tenho dúvidas. Então, não vou mais deixá-lo, eu quero poder chegar lá. E se eu conseguir chegar lá poderei pedir a Deus para ficar lá ao lado de Britney Spears. Eu teria uma grande sorte.

Quando eu falei do meu plano a meu pai, ele morreu de rir. Depois, ele me disse que seria Britney Spears que teria a sorte de ficar comigo no paraíso. Eu não sei se ele tem razão. Só queria poder chegar lá, ficar com minha família e meus amigos, e ser a melhor amiga de Britney.

Ajude-me a ser esta boa pessoa.

Agosto de 2002

Meu lindo hijab,

O verão chegou ao fim, preciso refazer meu guarda-roupa para a volta às aulas. Chega de roupas baratas da feira, minha mãe me levou nas lojas de Lyon. Estou muito entusiasmada. Vou poder encontrar lenços, bandanas e roupas para usar você sem intimidação. É uma loja atrás da outra, tudo muito colorido, muitas calças jeans, muitas coisas bonitas. Esse dia de compras tinha que acontecer de qualquer jeito, mas com a decisão que tomei, foi preciso vir aqui. Para isso, precisei realmente falar de você à minha mãe. Ela lia o Corão, livro sagrado do Islam, quando eu a interrompi para dizer:

“Mãe, está decidido, vou usar o hijab desde o começo do ano letivo.”

Ela me olhou demoradamente e eu li nos olhos dela um misto de agrado e apreensão. Ela está preocupada com a escola, não quer que isso seja um empecilho para os estudos; ela teve tantos problemas desde que chegou à França, não quer que eu passe pela mesma coisa. O maior desejo dela é que eu consiga ter êxito naquilo que ela não teve. Então, eu nem considero que usar o hijab seja um motivo para interromper a escola. Prometi a ela que, independente das dificuldades, jamais vou abandonar os estudos. Ela acreditou em mim, e acabou concluindo que eram minhas escolhas, e que ela me apoiaria em tudo que eu decidisse fazer. Me fez um bem enorme ter a aprovação dela. Por outro lado, se ela não tivesse me apoiado, ficaria magoada com ela. Ela que usa você desde a adolescência, como não poderia compreender essa necessidade que eu tinha? Se ela, minha mãezinha, que usa o hijab há anos, tivesse uma opinião contrária, como o mundo iria aceitar? Além do mais, você sabe, eu não tenho mil e um argumentos para defender você. Eu poderia dizer apenas que isso é coisa minha, que tenho essa necessidade de responder ao seu chamado da mesma forma que faço com a oração. Na verdade, você não se explica, você se vive.

Eu corro pelas lojas para achar você de todos os modelos, cores, combinando com todas as minhas roupas. Verde, amarelo, azul, preto, branco, rosa. Todas essas cores se misturam como um arco-íris no meu grande saco plástico. Estou sorridente e ando orgulhosa pela cidade. Minha mãe e sua amiga conversam, ao passo que eu fico imaginando amarrá-lo na minha cabeça. Estou certa que você vai me deixar muito bonita. Eu não duvido de você. Eu duvido do mundo que me rodeia.

Setembro de 2002

Querido hijab,

Já faz um mês que eu uso você. Tanta coisa se passou desde então. Tive que encarar muitos olhares, muitas reações - boas ou más - em tão pouco tempo.

Primeiro eu saí pelo bairro. Naquele dia, você era azul, como o céu. Eu usava uma camisa da mesma cor e um desses jeans claros bem bonitos, comprados na semana anterior com minha mãe. Algumas amigas estavam sentadas no banco perto da grande árvore cujo pólen me fazia espirrar na primavera. Me aproximei delas meio hesitante. Mas elas, elas não me olhavam, continuaram a conversar alegremente. Até que eu tropecei numa pedra e me espatifei lamentavelmente nos cascalhos do terreno. Todos os amigos e amigas que estavam presentes do lado de fora viraram o olhar na minha direção. Aqueles e aquelas que jogavam baseball pararam, as meninas que pulavam corda também. Foi como se o mundo tivesse parado. Levantei chamando por Deus, e me enchi de coragem expulsando da minha mente a vergonha de ter caído no chão.

“Sim, coloquei o hijab!” eu disse levantando as mãos.

Esta frase foi seguida de um “*fiu fiu*” de uma de minhas melhores amigas. Todo mundo então sorriu para mim e se levantou para me parabenizar. Os mais novos começaram a bater palmas ritmadas como se festejássemos um casamento, enquanto que os maiores vieram um a um me beijar como sinal de encorajamento. Alguns queriam saber desde quando, outros onde eu tinha encontrado minhas roupas, minhas bandanas. As perguntas pipocaram, as histórias também. Todo mundo tinha uma coisa para dizer, mas principalmente, todo mundo estava muito feliz por mim.

Em seguida veio o momento de voltar às aulas. Não consegui dormir na véspera, de tanta angústia. O sexto ano: não há somente uma professora, não há mais sala fixa, um colégio imenso, corredores intermináveis, professores para cada matéria, boletins de notas, de faltas, punições. E se eu paralisasse? Se não conseguisse chegar lá? E além disso, eu pensei em você, nos olhares dos outros alunos, meus antigos colegas de sala, naqueles que não me conheciam, os professores...

Mas, finalmente, nada de anormal aconteceu na escola. Eu, que estava estressada, soube enfrentar meu retorno às aulas sem problemas. Ninguém perguntou nada, nem fez nenhuma crítica. Eu fiz amigos bem legais, não muçulmanos, que respeitam minha escolha, e estão felizes por mim. Minha melhor amiga até me garante que você lhe dá a

impressão que eu guardarei para sempre os segredos dela bem escondidos embaixo de você. Eu tento ter as melhores notas possíveis para que as pessoas não pensem que você me impede de refletir. Ao contrário, você me empurra quase ao nível de excelência. Minha atitude deve ser à sua altura, à altura dos ensinamentos de minha religião, o que quer dizer buscar o conhecimento, lutar pela justiça, ser generosa e boa para com os outros.

Você me incentiva a ser melhor.

Setembro de 2003

Minha querida bandaninha,

Os meses passam, mas nem todos são iguais. Quase um ano que uso você. Com certa dificuldade. Eu acho que você me prepara para as coisas difíceis do mundo.

Eu falei com minha professora de história sobre você e ela disse que não entendia como eu, sendo tão nova, pudesse te usar. Que você era um símbolo de opressão para outras mulheres pelo mundo afora. Tomei coragem, e lhe respondi da melhor maneira possível. Eu lhe disse que era preciso ter confiança nos jovens e na capacidade deles de fazer escolhas, que a fé não tinha idade, não tinha limite, e que se a gente crê, a gente enfrenta qualquer coisa. Muitos construíram monumentos para Deus, outros dedicaram suas vidas em conventos, grutas ou isolados do mundo, outros ainda, dedicando-se aos necessitados. Eu, no meio disso tudo, escolhi simplesmente cobrir meus cabelos, de te usar, para afirmar minha humildade perante Deus.

A conversa foi muito chata e cheia de observações dos meus colegas de sala, já que aconteceu na frente de todo mundo depois que Amir perguntou se você era um mandamento do Islam... Todos os olhares viraram em minha direção. É difícil, aos doze anos, encontrar palavras para me defender diante da minha professora! Eu acho muito injusto interrogar um aluno dessa forma, na frente de toda sua turma, de me condenar à minha própria sorte. É minha convicção pessoal, acho que eu não tinha nenhuma obrigação de responder. Mesmo assim respondi. A sirene felizmente tocou e acabou com esse momento opressor. Desde então, as aulas de história não são mais tão tranquilas.

Também pude refletir quando fomos à sala verde. Nessa vez não foi sobre você meu véuzinho, mas sobre a oração. A primeira noite com Hajer, nós nos preparávamos para a oração. Todas excitadas em poder fazê-la juntas, fomos fazer o ritual de limpeza de certas partes do corpo com outras colegas que não orariam. Elas estavam curiosas para saber o que era e o porquê. Assim, lhes explicávamos o sentido desse ritual, quando uma professora veio nos interromper. Segundo ela, estávamos fazendo proselitismo! Você imagina? Proselitismo? Como Hajer e eu podíamos fazer uma coisa que não compreendíamos nem o que significava? Quando lhe perguntamos o significado dessa palavra ela nos mandou procurar no dicionário, e nos deu ordem para parar de criar polêmica com esse assunto nos ameaçando de punição quando retornássemos. Tremendo

de raiva ela invocou a laicidade, eu tive a impressão de ver um crente invocar Deus. Eu não disse nada a ela, senão ela teria me acusado ainda de proselitismo...

Fiquei triste lendo a definição no dicionário Larousse; “zelo ardente para recrutar adeptos, para tentar impor suas ideias”.

Nós estávamos apenas discutindo entre amigas o assunto sobre a forma de se lavar para fazer a oração. Nem eu, nem Hajer conhecíamos essa palavra antes que ela tivesse falado; nem eu nem Hajer queríamos recrutar adeptos para nossa religião; nem eu nem Hajer queríamos impor nossas ideias! Nós só explicamos aos nossos amigos que o ritual de limpeza corporal pode variar de acordo com a ramificação religiosa da qual pertencemos.

Eu pensei que era você o alvo das preocupações, mas no final é tudo que diz respeito à nossa fé. A laicidade está em toda parte para facilitar a proibição da prática. Eu que pensava que ela nos permitia viver nossa fé livremente, me enganei.

Dezembro de 2003

Minha bandaninha,

Acredito que os pensamentos que mais fazem mal, vêm dos nossos. Eu fui ao salão de beleza para fazer um corte de cabelo moderno que eu gosto muito. Ansiosa, como toda vez que tenho que falar de você, eu peço para a cabeleireira que me coloque longe da vitrine. Ela aceita sem fazer muitas perguntas. Me coloca perto dos lavatórios e inicia uma conversa. Você não está mais na minha cabeça e olho de forma divertida meus cabelos que emolduram meu rosto. Uma vizinha minha, uma senhora de certa idade, entra no salão e senta-se ao meu lado enquanto espera ser atendida. Vendo que estou sem a bandana, me diz com ironia: “Eu sabia que era apenas um modismo. Que ideia é essa de colocar essa coisa na cabeça, aqui, a gente não está no bled⁸”.

Eu olho para ela, muito incomodada, e meus olhos se enchem de lágrimas. Ela nem as percebe, e acha que não respondo nada por concordar com ela. Então ela continua a tagarelar: “Mas teus irmãos, eles não te disseram nada? Hein, e teu pai? Teu pai? Não entendo como ele deixou você fazer isso. Isso é a mentalidade atrasada de tua mãe, só pode ser...”.

Quanto mais ela falava, mais incomodada eu ficava e não conseguia dizer nada. A cabeleireira, que percebeu minha angústia, disse à senhora que ela não tinha mais vaga hoje para ver se ela ia embora. E assim que ela finalmente saiu, eu desabei. Chorei tanto que a cabeleireira não me cobrou o corte de cabelo. Ela me consolou como pôde, sem saber o que dizer. De qualquer maneira, o que poderia ser dito sobre isso, hein? Essa vizinha falou em alto e bom som o que todo mundo pensava e não falava. Eu acho que nunca tinha imaginado receber tanta maldade da parte de um adulto. Ela me rebaixou em todos os sentidos: pelo desprezo à minha mãe que vinha do bled, o desprezo por você, por minha escolha, por minha família. Eu não imaginava que as pessoas podiam criticar tanto uma família como ela fez. E pensar que esta vizinha sempre se mostrou simpática com a gente. Pensar que ela morava no meu coração.

É um absurdo ver como você desperta nas pessoas os instintos mais baixos.

⁸ Bled - O Jerid, Djerid ou Bled el Djerid (em árabe: literalmente "palma de tamareira"), é uma região semi-desértica situada no sudoeste da Tunísia, que se estende para as áreas contíguas na Argélia. Significa também ter uma mentalidade tradicional.

Março de 2004

Minha bandaninha,

Às vezes, eu queria que você fosse invisível, que fosse tão pequena que ninguém pudesse lhe ver, e que parassem de uma vez por todas de me falar de você. Eu coloquei você para me aproximar de Deus, pois no meu íntimo sentia a necessidade de construir uma ligação forte e profunda com aquele que é Eterno. Eu não o coloquei com a intenção de ser apontada, criticada, julgada, analisada por todos os adultos da vizinhança. Por todos os adultos da França. Quando os ouço no colégio, na televisão, na rua, me pergunto se eles falam realmente de você. Como é possível que uma coisa que me trouxe tanta felicidade na vida, tanta confiança em mim mesma, tanta autoestima, pode provocar essas reações alheias? Eu seria incapaz de responder isso. Hoje eu vi duas meninas, um pouco mais velhas do que eu, aparecerem na televisão para falar do vexame que as fizeram passar na escola porque elas te usavam. Poucas pessoas na tevê as escutavam realmente. Na verdade, a gente podia dizer que elas estavam lá apenas para serem interrompidas quando falassem. Mas, essas meninas não são as mais indicadas que qualquer outra pessoa para falarem do que elas vivenciam com você? Foram elas que decidiram te usar todos os dias contrariando a todos, e não os jornalistas, os homens políticos, e os especialistas. Então por que será que as pessoas não as escutam de verdade?

Por que ninguém nos escuta?

Outubro de 2004

Oh meu pobre hijab,

A gente já devia esperar por isso. Eu devia imaginar. Durante meses, ouvi todo tipo de horror sobre você na televisão, a tal ponto que se eu não te conhecesse, meu querido hijab, eu também seria contra você, eu também iria desejar que você saísse da cabeça de todas essas meninas.

Teus detratores fizeram de tudo para que você fosse derrotado, e que as opiniões estivessem do lado deles. Mas eu conheço você; melhor ainda, eu uso você. E uso com tanta convicção e amor que se eles me deixassem falar, eu tenho certeza que eles não poderiam mais te acusar de nada. Todos esses problemas acontecem porque todo mundo fala de você sem usá-lo, sem perguntar nossa opinião.

O resultado de tudo isso, meu pobre hijab, a consequência de todas essas polêmicas, é que uma lei contra você acaba de ser promulgada. Na verdade, não, é uma lei contra mim, contra nós, contra todas as mulheres, que acaba de entrar em vigor. Aconteceu o fato e eu não consigo acreditar, parece que estou num pesadelo.

Imagina você que existem até colegas que tiveram de interromper a escola! Acredita nisso? Em nome da laicidade, as meninas são privadas de educação!

Quanto a mim, não acredito que tenha passado uma humilhação maior que essa. Tive que retirar você da minha cabeça na entrada do colégio. E atravessar o portão completamente sem o hijab, e humilhada... A escola da República possui ares sombrios de tirania. Ela o recusa, pois você seria um sinal de ostentação, um sinal de proselitismo.

Onde estão os defensores dos direitos? Os antirracistas? As feministas? Onde estão os humanistas? Aqueles que gritam na rua para que o mundo seja mais justo?

Ninguém aparece.

Ninguém se indigna com o que estamos vivendo, ninguém vem protestar diante da violência que nós passamos por retirar o hijab, a dura humilhação que nos fazem passar a cada dia quando temos que te retirar sob o olhar de cumplicidade dos educadores. Ninguém. Ao contrário, todo mundo fica feliz com isso. Eles nos tiraram uma identidade que a gente já teve muita dificuldade para construir.

Oh meu véu, como me sinto triste! Nunca sofri tanto. Sinto um misto de raiva por um sistema que acredita que me oprimindo vai me libertar, e de uma tristeza profunda por ver todo mundo apontando o dedo na minha cara.

A reação dos alunos, muito mais dos meninos que nunca tinham visto meus cabelos, foi desastrosa. Eles se divertiram mexendo neles. Fiquei paralisada no meio do pátio, e eu via seus rostos sorridentes tocando meus cabelos desordenados. Foi um pesadelo alucinante. Isso durou alguns minutos, depois um vigilante interveio. Ele exigiu que eles parassem, e tentou me consolar. Eu lhe expliquei com muita amargura que eu pouco me importava com a reação dos alunos, a violência partia da própria escola.

Eu tenho realmente que melhorar minha retórica para responder a esses professores que se alegram com esta lei. Esses professores nos quais eu tinha confiança, esses professores que eu considerava bondosos, que eu até admirava. Mas que hoje não escondem a felicidade com o desenrolar das coisas, que veem em nossa exclusão ou na proibição do hijab uma vitória para eles. Eles não percebem que a história escrita nesse momento, mesmo por linhas tortas, ridicularizou as nossas liberdades mais fundamentais? Que é uma porta que se abre para todas as restrições? Nossa voz, nossas escolhas, não valem nada? Algumas colegas não irão mais à escola, algumas viraram as costas para suas famílias. Eu estou com raiva desses políticos, desses especialistas, desses sabe-tudo que se reuniram sem a gente, para decidir o que seria melhor para nós. Morro de raiva! O ano de 2004 ficará para sempre na minha memória como um ano de injustiça e obscurantismo.

Meu pobre véu, todo dia eu tenho a impressão que parar de te usar é um preço muito alto, é muito difícil me separar de você. Faz dois anos que eu usava você constantemente, dois anos que orgulhosamente eu saía contigo pela rua, pela escola, ou na mesquita como se você fosse uma coroa. E hoje, baniram você do templo do saber, hoje baniram uma parte de nós.

Meus pais não querem que eu crie confusão por você. Eles têm medo que isso me cause problemas, como daqueles que foram expulsos da escola, e que minha vida seja ainda mais difícil. Nós não temos condições de pagar uma escola particular católica que não aplicasse a lei. Nós não temos condições de morar em outro lugar. Não temos condições de resistir, precisamos apenas engolir nossa indignação, vê-la morrer na gente, e permanecer em silêncio diante da injustiça da qual somos vítimas. Eles queriam que a gente tirasse o hijab? Pois, estaremos mais determinados a usá-lo.

Novembro de 2004

Meu pequeno hijab,

Chaima foi expulsa. Ontem, seu conselho disciplinar se reuniu, o veredito foi dado. E amanhã, ela não estará mais na escola com a gente. Ela que era uma aluna tão brilhante, muito boa em ciências e humanas. Foi a única que tentou resistir, a única a recusar a humilhação, a única que negou a auto exclusão.

Eu chorei muito. Primeiro por ela, depois por mim, por você, e por todas as companheiras que o usam, e que durante a noite estão sozinhas encarando o medo. Por todas que são apontadas com o dedo, que são julgadas, condenadas antes mesmo de se defenderem, antes mesmo de poder falar. Aquelas contra as quais foram criadas leis, mas cuja voz não se pode ouvir, nem mesmo respeitar a escolha. Eu chorei minha impotência diante da situação.

O que é preciso fazer meu querido hijab? Na escola, em história, nos ensinam sobre a revolução. É o momento? Nós devemos sair e ocupar os Champs Elisées, a prestigiada avenida de Paris? Nossa causa é justa? Estamos do lado certo? Estamos traçando uma linha invisível entre nós e eles? Eu pensava em fazer parte desse “nós”, desse país, mas no final, quando as leis desse país onde você nasce são dirigidas contra você, como se pode pensar em fazer parte da nação?

Chaima foi expulsa. A escola preferiu tirar ela do sistema. A escola excluiu uma menina de treze anos. E eles dizem que a laicidade triunfou.

Janeiro de 2005

Meu pobre hijab,

Acabei de chegar de uma quermesse no vilarejo de minhas melhores amigas. Eu queria tanto passar esse momento com elas, tomar um sorvete gostoso e me divertir um pouco, que nem por um minuto imaginei que a cidadezinha pudesse ser infestada de racistas. Essas pessoas que não gostam nem dos árabes nem dos negros. Essas pessoas que, na verdade, não gostam de nada que não seja branco, de nada que não seja como eles. Eu iria gostar muito que você passasse despercebido, isso podia evitar muitas mágoas. “Mercenária, tratante, rabugenta, ratazana, árabe de uma figa, ralé”... Palavras que machucam e que ferem os ouvidos, que ninguém quer ouvir quando se está em paz com as amigas. Palavras que me dão vontade de ficar no meu bairro.

E ainda tem o outro lado da moeda do racismo, aquele que lhe dizem:

“Não, mas você não é como os outros.”

“Você, você é uma árabe legal.”

“Eu não sou racista, te juro, mas...”.

As justificativas mais... mais descabidas. Eu estava na “cour des miracles⁹” do racismo tendo que ouvir uma coisa mais estúpida que a outra. Queria só comer churros e brincar no carrinho de bate-bate. Nada a mais que isso.

Mas eu acho que com você a menor das atividades vira uma guerra.

⁹ Cour des miracles- diz-se de lugar mal frequentado e perigoso.

Fevereiro de 2005

Meu querido pequeno hijab,

Eu conversei muito com a mãe de uma amiga minha. Sobre você, evidentemente. Foi uma conversa bem legal. Ela me explicou que ela também, quando era pequena, usava uma bandana regularmente. De quarta a domingo para ser mais exata. Mas não pelas mesmas razões que eu. No caso dela, era porque ela era muito pobre e o banho era só no domingo, dia sagrado. Então, para esconder os cabelos que ficavam oleosos rapidamente, ela colocava uma bandana para cobri-los. Ela até criou uma moda na escola dela.

Eu gosto da ideia que a gente possa cobrir os cabelos por motivos diferentes. E o que eu também gostaria, é que as pessoas nunca julgassem as razões pelas quais fazemos isso.

Março de 2005

Minha bandaninha,

A partir de determinados centímetros você será considerado ilegal na escola. Sim, é exatamente isso, ilegal. Por que se for muito visível e muito largo, é de atitude islâmica. Que retórica! Eu tive que pensar sobre isso.

Hoje, meu CPE (Classificação de programas de ensino francês) o regulamentou.

“Você compreende Nargesse, como você usa o hijab fora da escola, não será preciso substituí-lo por essa bandana”

Eu tentei explicar de todas as formas que essa manhã meu despertador não tinha tocado, que por isso eu não tive tempo de me pentear, e que você foi uma solução que eu encontrei para domar minha cabeleira. Mas, não, nós os muçulmanos nunca temos problemas com o cabelo. Tudo que a gente coloca é de tendência islâmica, tudo é proselitista. E a maneira implacável que eles acharam para lutar contra isso, é de medir os pedaços de pano que a gente usa.

Parece que em outra época se media as saias das mulheres para evitar que fossem muito curtas.

Parece que este tempo acabou e que hoje as mulheres são livres. Livres para fazerem o que elas querem.

Menos as muçulmanas.

Abril de 2005

Meu querido hijab,

Eu não pensei que a exclusão podia fazer tanto mal. Não pensei que podia me sentir tão sozinha.

Estou a caminho do aniversário de minha amiga, que decidiu fazer a festa de quatorze anos dela em um lugar onde a gente pudesse se encontrar e se divertir todas juntas: o boliche. Você sabe, aquele esporte típico das séries americanas que a gente tem de derrubar os obstáculos jogando uma bola grande; esse esporte que faz a gente sonhar que é um ator dessas séries onde os adolescentes passam o tempo fazendo coisas muito legais.

É uma tarde ensolarada como eu gosto. Ficamos todas reunidas na entrada do boliche dando gargalhadas das mínimas coisas esperando as outras meninas chegarem. Eu percebo que o funcionário do boliche olha insistentemente para você, mas eu prefiro me acalmar, me dizendo que é paranoia minha. *Nargesse, você vê coisa negativa em tudo.* As amigas atrasadas chegam, e decidimos aproveitar esse super aniversário no boliche.

Foi então que a humilhação começou. Eu sou a antepenúltima do grupo, e sigo minhas amigas de perto. No íntimo, eu peço que seja apenas coisa da minha cabeça. Meio implicante, o funcionário faz barreira com a mão para me impedir de entrar.

Minhas amigas não percebem logo que duas pessoas do grupo são barradas na entrada. Na defensiva, eu faço algumas perguntas ao rapaz, a boca tremendo, o coração apertado.

Ele me diz que a minha vestimenta não está de acordo com o regimento interno, que você não está de acordo com as regras do local. Eu fico barrada. Meu Deus, aqui não. Não no aniversário de minha amiga. Não.

Ele deixa passar a colega que logo se apressa em avisar ao resto da turma, enquanto ele me isola para me mostrar o tal regulamento. Realmente, está escrito bem claro que roupas sobrepostas e véus são proibidos.

É declarada a sentença. Tive a sensação de ter uma bola de boliche no estômago, seguro minhas lágrimas enquanto minhas amigas se aproximam.

As reações causam certo alívio. Algumas se recusam a entrar no boliche, outras não entendem as regras e se revoltam, e outras ficam em silêncio. E esse silêncio, para mim, é o cúmulo da humilhação. Este silêncio significa: “Para com tuas polêmicas, é um

aniversário, a gente não vai desistir dele por que você decidiu de usar o véu. Se na escola você o tira, por que não tirá-lo aqui? É muito egoísmo...”

Depois de alguns minutos, eu entendo. Eu prefiro não prejudicar o aniversário, eu prometo que tudo vai passar, que minha mãe vai chegar, e que eu reencontro com elas mais tarde...

Eu não as reencontrei mais. Passei a tarde chorando. Eu não culpo você. Eu apenas compreendo a cada dia mais até que ponto é difícil lhe usar.

Até que ponto eles nos complicam as coisas.

Junho de 2005

Meu hijab muito querido,

Eu passei uma tarde tão bonita. A fim de nos reconfortar, Marie nos convidou ao jardim da casa dela para que fizéssemos atividades na água.

E o pai dela, que não pode estar presente quando eu lhe retirar, passou o tempo todo dentro de casa. Pedi mil desculpas pelo incômodo que eu lhes causava e ele me disse, com um sorriso cheio de compreensão, que respeitava minhas convicções, e que ele estava feliz por eu poder aproveitar as brincadeiras.

Existem pessoas assim que alegam o nosso coração de tão tolerantes e altruístas. As perseguições de alguns reforçam minha fé em Deus, o espírito aberto de outros reforça minha fé no Homem.

Julho de 2005

Minha querida bandaninha,

Quero que você mude. Para que fazer concessões sobre você e o jeito que você está colocado, se na escola não nos fazem nenhuma? Eu decidi dessa forma que você não seria mais essa bandana infantil que eu usava; decidi que vou usar você da mesma maneira que minha mãe, um belo hijab que emoldure meu rosto e cubra lindamente meus ombros e pescoço. Para a ocasião, eu e minha mãe fizemos uma seleção de véus de todos os tipos: coloridos, longos, largos, trançados, de linho, de nós, de algodão e ainda muitos acessórios e turbantes.

Apesar disso, o olhar das pessoas sobre mim, endureceu. Eles me encaram na rua cada vez mais. Inocentemente a gente pensou que com um pouco de cor e estilo, a recepção seria mais tranquila. Os rostos demonstram reprovação mesmo que a gente tente deixar a roupa o mais normal possível.

Para festejar o evento e nos reconfortarmos, nós saímos para comer fora com a família. Minha mãe queria agradecer a gente, me agradecer. E sei que em vista das nossas condições, essa saída extraordinária era como se me cochichasse carinhosamente: “não importa o que você fará minha filha, eu a apoiarei”.

A atmosfera estava alegre, meu irmão pequeno se sentia nas nuvens. Ele adora sair com a família, principalmente para ir comer coisas gostosas.

Nossa aparente felicidade durou pouco. Por que você acha que isso aconteceu? Por causa desses rostos que nos encaram mais do que tudo, essa curiosidade doentia que faz com que por longos minutos não se consiga desviar os olhos para uma pessoa diferente. Um casal de certa idade, que estava almoçando, passou todo o tempo nos inspecionando. Os olhares deles, de tão violentos, pareciam queimar minha nuca. Eu me perguntei, nas diversas vezes que levantei a cabeça na direção deles, o que poderia causar tanto mal-estar neles. Eu acabei entendendo, muito além do desprezo que eles têm pelos nossos véus; eu vi o desgosto deles quando viram meu irmão pequeno, que é especial.

Eu que sou relativamente calma quando se trata de pequenas agressões das quais posso ser vítima, tive vontade de pular no pescoço deles quando percebi que era a condição do meu irmão que os incomodava. Várias vezes ele passou do lado deles para ir jogar, e o jeito que a senhora se esquivou para que ele não tocasse nela me revoltou. Então eu passei o almoço devorando minha batata frita olhando fixamente para ela.

Mas que mundo infame, quem são essas pessoas nojentas? Qual o direito que eles têm de nos dirigir tanto ódio?

Mamãe me acalmou me dizendo algumas palavras sábias: “As pessoas gostam de se ver, gostam de se reconhecer naqueles que estão ao redor delas, e quando elas não se veem, elas se opõem. E eu gosto de nos ver continuar vivendo como a gente quer, diferentes e felizes”.

Fevereiro de 2006

Meu pequeno hijab,

Sabe da última? Você teria presumivelmente islamizado meu vestido mais bonito. Sabe aquele que Sarah fez para mim no verão passado na cidade dela, aquele roxo bonito de estilo chinês que vai até os tornozelos. Sim, ele mesmo. Agora estou até alegre ao lhe falar isso, mas não estava assim no momento que a diretora me convocou na sala dela.

Suor frio, náuseas no estômago, cabeça rodando, tive a impressão de ter andado em jejum sob um sol escaldante.

Eu segurei minhas lágrimas durante todo o encontro para manter a pose, depois acabei me debulhando em lágrimas na frente do portão da escola. A cabeça escondida entre minhas mãos, eu liberava a tensão que tinha acumulado na hora. Nem sei como explicar esta torrente de lágrimas que escorriam pelas minhas bochechas. Será que é por que aos catorze anos não se deseja ter o dedo apontado na cara por quaisquer ações ou gestos? Será que talvez eu não seja tão insensível?

Em todo caso, fiquei quase uma hora sem poder conter minhas lágrimas; eu chorava como no dia em que minha mãe soube da morte da mãe dela. O sentimento não era o mesmo, claro, não estou dizendo que na hora sofri como ela, mas tive a impressão, quando eu chorava, de vê-la, inconsolável e desesperada.

Assim, em dia normal, eu sou forte, não hesito em falar as coisas, luto como eu posso para que nossa vida na escola seja boa, para defender os outros alunos, para denunciar as coisas injustas que possam acontecer no pátio, na sala de aula. Os inspetores até se divertem me chamando de “Arlete Laguiller”, a política francesa de extrema esquerda, conhecida por defender os trabalhadores. Mas nessa hora aí, Arlette estava muda, Arlette não encontrou as palavras quando precisava defender a si mesma.

A diretora me disse então que meu vestido estava ostentatório. Ostentatório? Em que meu lindo vestido arroxeadado com estampa chinesa, que eu usava com uma calça jeans, podia ser ostentatório? Por ser longo demais, amplo demais, “étnico” demais...? Fiquei sem palavras na frente dela, sem dizer nada, estava só concentrada em segurar minhas lágrimas.

Meu vestido é fruto do trabalho de minha prima. A única impressão que eu queria passar ao usá-lo era de poder estar na moda! Nada além disso. Eu tenho certeza que se

minha amiga Marie o tivesse usado ninguém teria dito nada, mas como eu uso você fora da escola, ela pode ter pensado que você tinha islamizado meu vestido...

De repente, meu pai deu um basta. Ele me viu voltar para casa com os olhos inchados de chorar, o rosto carrancudo, e me perguntou logo o que tinha acontecido. Assim que ele soube de tudo, não perdeu nem um minuto para telefonar à diretora. Como ele não tinha dito nada quando a lei foi promulgada, dessa vez ele falou.

Eu fiquei cheia de orgulho quando o ouvi falar ao telefone. Meu pai falou como ninguém, ele explicava com veemência que ele estava saturado dessas “imposições ao impudor para estar de acordo com a laicidade”.

Mas ao orgulho, se juntou também um sentimento de tristeza. Eu pensei nas minhas colegas cujos pais não sabiam as palavras certas diante da direção da escola, pois não falavam francês, nem liam livros como o meu pai, não tinham sua desenvoltura nem seu vocabulário. Pensei no desprezo que eles sofriam cada vez que eram confrontados com a educação nacional. Pensei nelas, neles, e na violência a que escola nos submete nos rebaixando constantemente ao fazer da nossa religião, das nossas línguas de origem, da nossa maneira de viver que são estranhas a esse país, coisas sem valor.

Eu pensei nisso, e eu tive vontade de ter os argumentos de meu pai diante do mundo, de dominar as palavras com igual maestria para poder defendê-lo com o mesmo ardor com que ele fez hoje, você meu véu, minha religião, mas também todos aqueles que não têm a chance de serem ouvidos.

Novembro de 2006

Meu querido hijab,

Acabei de terminar “O inferno são os outros” - uma peça de Jean-Paul Sartre, autor e filósofo francês do século XX- para minhas aulas de francês. Não consigo tirar essa frase da cabeça. Penso em você, naquilo que vivo desde que comecei a usá-lo; você representa meu inferno para os outros, e, contudo, você é meu paraíso. Você me ajuda a me amar, a me construir, você estrutura minha vida. Sim, tenho vontade de seguir adiante por sua causa, de provar aos que me julgam - que representam meu inferno ao diminuir minhas possibilidades – que você foi minha liberação e não minha opressão. Você é mesmo meu paraíso. Enfim, assim eu materializo a satisfação de Deus. E se eu O satisfaço, então eu fico feliz, em paz comigo mesma. Você é meu paraíso porque eu te escolhi, e assim eu posso compreender que você possa ser um inferno, não por você existir, mas na medida em que você existe.

Estou do lado dessas mulheres que são obrigadas a usar o véu em outros lugares ou aqui; estou do lado dessas mulheres que são obrigadas a tirar o véu, aqui principalmente; estou do lado dessas pessoas que não podem aproveitar a liberdade de ser o que elas desejam. Nós fazemos parte de uma só e mesma luta: acabar com a ideia de que nosso corpo esteja reduzido a um campo de batalha. Livres para sermos cobertas com o véu ou não, livres para escolher.

“O inferno, são as leis libertárias”.

Fevereiro de 2007

Mabrouk A3lik¹⁰ pequeno hijab,

Você agora está reinando na cabeça de Sarah. Não é fácil para ela, cuja família a rejeita, como aconteceu com muitas outras. Para muitos próximos a nós você não faz sentido algum, eles não compreendem você, eles ficam bem aterrorizados com o que pode nos acontecer com você. Eles querem que nós nos submetamos às leis, que sejamos os mais discretos possíveis, eles desejariam se livrar. E aquelas que ousam dizer “Não, eu mostro o que eu quiser do meu corpo”, estão longe de terem apoio. O imaginário coletivo pensa que nossos irmãos, pais, tios, primos e famílias nos obrigam a te usar, que nós sucumbimos a uma pressão familiar insuportável. Eles não sabem que, para a maioria de nós, o primeiro combate que passamos por você é com as pessoas mais próximas de nós. Existe uma política do medo que se instala aqui que deixa nossos pais petrificados. Eles só querem o nosso bem, e se o governo com suas leis põe dificuldades em nosso caminho, então eles preferem que a gente se afaste de você.

Mas Deus é grande, colocamos nossa confiança Nele, e por você selamos nossa promessa que nos une a Ele.

As tias de Sarah a chamam maldosamente de Batman, como se essas observações irônicas fossem diminuir a fé dela. Ao contrário, ela se fortalece na adversidade. Ela teria gostado de receber *fiu fiu* e parabéns, como eu mesma tive a sorte de receber no bairro. Mas, como ela me disse tão sabiamente, ela não o colocou para as pessoas, mas unicamente para Deus.

¹⁰ “Parabéns” em árabe.

Mai de 2007

Pequeno hijab,

Eu vejo você, azul, amarrado como um turbante ao redor da minha cabeça, e me pergunto: *até onde eles irão para fazer você desaparecer? Será que nossas vidas vão ser postas em risco?* Nós passamos nosso dia colocando e depois retirando você, ao meio dia enquanto almoçamos, na hora de fazer esporte no ginásio, na hora do recreio na frente da rede. Todos os meios são importantes para fazer você existir, para lembrá-los que não é uma lei de uma escola que vai fazer você desaparecer de nossas vidas. Nós tomamos todos os espaços de liberdade como nós podemos.

Nós nos apoiamos da melhor forma que podemos. Uma meia hora para discutir a pressão que uma de nós recebeu na classe hoje; organizamos um grupo de apoio na frente da porta do diretor enquanto outra é convocada; alunos que se revoltam quando nos pedem para remover o hijab antes de entrar na escola... A solidariedade e a contestação fazem bem quando fiéis. Eu acho que a gente cresce, e que com o passar do tempo, nosso espírito crítico fica mais aguçado.

Mas, o que devemos fazer, meu pequeno hijab, quando esta lei é aplicada para restringir nossa liberdade nos lugares? Quando em outros setores, se invoca a laicidade para nos discriminar?

Foi pelo MSN que eu fiquei sabendo que o dentista de minha prima tinha recusado atendê-la por causa do véu que ela usava. Completamente revoltada, ela então saiu do gabinete dele sem ter sido atendida. E, para aliviar a frustração, ela compartilhou a mensagem. Sim, dessa forma aí, nós podemos nos apoiar, podemos falar do assunto, informar nossos amigos, mas como passar de uma simples revolta a uma verdadeira estratégia de resistência real? Eu estou muito frustrada. O que acabou de acontecer com certeza é ilegal, e me mostra, meu hijab, que não conhecemos bem nossos direitos.

É absolutamente necessário se proteger juridicamente e politicamente para não permitir mais que isso se reproduza.

Outubro de 2007

Véu, véu, véu,

No colégio, somos cada vez mais numerosas a ousar usar você, cada vez mais numerosas a sofrer por ter que retirá-lo, cada vez mais numerosas a viver uma esquizofrenia identitária: com ou sem você, o mundo se abre diferentemente para nós. Os rostos amáveis atrás do muro do ginásio se transformam em máscara de desprezo quando eles nos veem usando o véu.

Eles começaram a cassar você oficialmente. Cada dia temos um responsável administrativo que faz a vistoria para que nossa cabeça esteja sem o véu desde a entrada do estacionamento. Não temos mais o direito de utilizar o vitral para ver nosso reflexo e recolocar você na saída, nem direito de seguir livremente nosso caminho para alcançar a parte interna do estabelecimento retirando você aos poucos. Você tem que desaparecer antes mesmo que possamos nos aproximar do portão. Os capuzes, as boinas, os lenços são suspeitos, mesmo no inverno, mesmo no pátio. Eu tenho a impressão que eles temem a islamização de todos os acessórios desse tipo.

O diretor acabou por me convocar ontem. Ele reinando sobre sua enorme cadeira de couro, falando durante longos minutos e me interrompendo toda vez que eu abria a boca, e eu, sentada nessa cadeira deformada atrás da mesa, reduzida ao silêncio forçado.

Nós nem tivemos tempo de descobrir a justiça e já fomos confrontadas com a injustiça. Aquela de um debate assimétrico com um corpo docente que diz nos educar pelo viés do conhecimento, mas que acaba por nos oprimir com seu desprezo. Aquela declarada caça as bruxas iniciada desde 2004, onde o mínimo pedaço de tecido a mais é visto como um atentado à República.

Ele falou comigo durante uma hora do “Grande caldeirão da República” no qual estávamos todos, que precisávamos “cozinhar” juntos para que ela ficasse do gosto de cada um. Seu falatório me deu somente fome.

Depois, pensando nisso de novo, eu não compreendo porque você não poderia fazer parte desses ingredientes. É bem certo que para eles o Islam e a República são incompatíveis como água e óleo.

Acessórios contraditórios, identidades incompatíveis, eles vão acabar me deixando doida! Para eles, nos seria impossível sermos cidadãos e muçulmanos. Contudo, eles invocam um princípio que teria que nos garantir a expressão pessoal e pública da

liberdade religiosa, não? Eu não sei, eu gosto muito desse princípio na teoria, mas na prática vai acabar me fazendo detestar tudo o que está relacionado a ele.

Eu termino o colégio dentro de um ano, tenho ainda que fazer e passar no **bac**¹¹, então não quis me cansar discutindo com alguém que não desejava me escutar. Tentar convencer uma pessoa que tem mais prazer em se fazer ouvir do que prestar atenção no outro, não serve para nada, a não ser para perder seu tempo e sua energia. Logo serei finalmente livre, livre para usar você quando eu quero e onde eu quero. Até lá, como minha mãe e meu pai me disseram: “tenha paciência”.

¹¹ **Baccalauréat**, conhecido na linguagem coloquial francesa como **le bac** (antigamente, **le bachôt**), é uma qualificação acadêmica que franceses e estudantes internacionais, ao final do liceu (ensino secundário), obtêm para ingressar à educação superior.

Abril de 2008

Meu pequeno hijab,

Deitada na minha cama, escrevo essas linhas com uma bola de fogo no estômago. Ela consome cada parte de mim. Seria a raiva, a dor ou a incompreensão que a alimenta? Eu não sei, não sei de mais nada. Não existe uma semana sem que as pessoas me liguem a você, sem que pessoas que não fazem parte da minha vida não tenham um julgamento opressor sobre mim.

Eu então, mais uma vez, dei um escândalo na rua com uma desconhecida por sua causa. Tenho a impressão de só falar de você, que eu não passo de uma cabeça coberta aos olhos dos outros, nem mais nem menos.

Assim, hoje minha roupa está maravilhosa, eu queria brilhar como os raios de sol que me acordaram docemente nessa manhã. Antes das revisões para a prova, eu devia comprar dois ou três livros e beber um copo de suco natural com Jo. Então, para combinar com esse programa de repouso e leveza, eu escolhi você na cor branca, longo e amplo para deixar um ventinho fresco tocar minha pele. Gosto muito de você, eu sinto meus movimentos livres, confortável na minha vestimenta e, além de tudo, desconectada das regras da moda. Lembro-me de ter me olhado no espelho, e de ter me achado particularmente bonita.

Saindo da livraria, onde eu fiz meu ataque aos livros habituais, Jo me elogia em voz alta pelo meu véu. Então, uma mulher de certa idade se mete na nossa conversa, da maneira mais inconveniente possível “Bonita ela, mas faz-me rir”. Demoramos para compreender que ela se dirigia a nós. “Mulheres lutam para retirá-lo, vocês são a vergonha da República!” Gritou-me ela cada vez mais alto. Eu segurei Jo para que ela não jogasse o copo de suco de maçã na cabeça da mulher. E assim que eu falei da minha liberdade de poder escolher, ela terminou por responder: “Vocês me fazem rir, falando de liberdade, voltem pra Arábia para ver se as mulheres são livres por lá”. Eu fiquei impotente dessas palavras. Não que eu não tivesse argumentos, mas por cansaço.

Eu devia então voltar para o lugar de onde eu vim... Será preciso que eu saiba: é para o mundo Muçulmano ou para a Arábia? Estou cansada desse racismo velado por medo do Islam, cansada de ter que dar respostas para pessoas completamente odiosas, cansada de engolir sapo, de manter o sorriso, e de tentar em vão manter a dignidade.

Cansada de ver momentos inacreditavelmente simples acabarem em um instante. Estou também saturada de ser tão sensível aos outros.

A bola de fogo no estômago acabou por esfriar; falar com você me faz bem. As pessoas me reduzem a você, azar o deles, por que eu, eu melhora por você.

Fevereiro de 2009

Meu hijab tão amado,

Nessa última semana, não usei muito você, e só Deus sabe o quanto que você me fez falta. A todo o momento, eu falava com minha mãe para saber qual atitude tomar. Eu devia ter coragem? Impor-me? Não deixar escolha? Fazer o BAFA, o exame de aptidão para a função de animador, usando o hijab? Fazendo isso, eu corria o risco de perder quinhentos euros que minha mãe tinha economizado com dificuldade para mim.

Com o coração dilacerado, com lágrimas de raiva cobrindo meu olhar, acabei por decidir com a ajuda de minha mãe que não seria bom atentar o diabo, e ir à essa formação sem o hijab. A falta de dinheiro não me permite resistir como eu queria, e depois também me dei conta que não conhecemos nossos direitos. Quem pode nos pedir para retirar você, aqui, na França? Realmente, eu não tenho a menor ideia.

E eu não tive a coragem, não tive força de afrontar um bando de adultos vindo me passar sermão pela minha escolha. Meu irmão teve problemas com os jurados, então eu tive medo de correr o mesmo risco, mas por razões diferentes, e de novo fazer minha mãe perder o dinheiro.

Você me fez muita falta durante essa semana, não teve uma noite sem que eu dormisse sem pensar em você, em nós, nesse mundo que gostaria que você sumisse; não há uma manhã na frente do espelho sem que eu não olhe tristemente meus cabelos embaraçados, sem o hijab por minha própria vontade.

Eu teria de ter ao menos tentado? Apenas ver as possibilidades que me eram ofertadas? Não, finalmente me curvei. Eu fui tomada pelo medo...

Julho de 2009

Oh meu hijab muito querido,

Como estou feliz! Passei no BAFA, ele não me venceu! Minha mãe ficou muito orgulhosa, meu pai também. Este exame significa tantas coisas para mim, e uma das mais importantes: eu vou enfim poder estudar usando você! Eu tenho pressa de ocupar os bancos da escola com você. Sem mais a necessidade de pensar em técnicas de resistência secretas. Se eu quero usar você, eu coloco, se eu quero tirar você, eu tiro. Ninguém mais vai me impor nada.

Minha mãe chorou de felicidade. Meu pai estava com seu sorriso mais bonito. A filhinha amada deles tinha passado no BAFA. Provei aos meus pais que você jamais me impediria de estudar e, mais do que isso, que sua presença me incentivou a me superar. Cada vez que eu cruzar com o olhar desprezível do mundo sobre mim, sobre você, sobre nós, lembrarei dos olhos cheios de lágrimas de orgulho de minha mãe, e isso nos ajudará a encarar tudo isso. Ir à universidade sem ser obrigada a retirar você. Não sentir mais minhas mãos tremerem quando, toda manhã, chega a hora de retirá-lo. Não ter mais esse embrulho no estômago que pesa, pesa, pesa, cada dia quando alguém nega a minha capacidade de escolher, e que alguém reduz minha liberdade.

Enfim, sempre tem o mundo do trabalho... Sim, porque esse mundo aí é impiedoso, e que o mercado no qual somos jogados é submetido às doces leis da discriminação. Mas, não tenho escolha, sou obrigada a trabalhar. Me comprometi a devolver para minha mãe o dinheiro que ela me pagou o BAFA e agora, eu tenho que ajudá-la um pouco.

Além disso, eu finalmente consegui minha primeira entrevista de emprego para este verão. Depois de ter enviado uns cinquenta currículos em vão, eu finalmente fui chamada. Então, da mesma maneira que fiz no BAFA eu não me arrisco de ter você comigo. Tenho vergonha de lhe escrever essas palavras, eu o traio um pouco, um pouco mais a cada dia, mas acredito que não tenho escolha.

É desse jeito.

A entrevista é em Villeurbanne, num café. Eu achei uma maneira de não ter que retirar o hijab na frente de todos: um casaco com capuz; eu tirarei meu capuz na hora do encontro com o diretor, esperando que o café esteja vazio, *esperando que o mundo mude rápido.*

Agosto de 2009

Meu hijab escondido,

Você me faz uma falta enorme. É difícil me afirmar enquanto mulher sem usar você. Finalmente fui contratada. Um mês de colônia de férias no interior da Savóia.

Vacas, grama, cidadezinhas bonitas, e principalmente nada de véu...

Talvez eu tenha o traído, talvez eu me traia. O que eu sei é que se eu usasse você eu não poderia viver esses momentos. Assim, da mesma forma que aconteceu no BAFA, toda manhã quando eu cruzo meu olhar no espelho, eu tenho vergonha. Não consigo nem me olhar direito nos olhos. Acredita nisso? Não consigo sustentar nem meu próprio olhar sobre mim. Esse estágio prático mexe comigo em todos os sentidos. Eu devo negar uma parte de mim, pensar nas crianças que me rodeiam, mas também encontrar tempo para orar. Você não consegue imaginar como eu tenho ferozmente necessidade desses momentos de oração. Nunca pensei em encontrar crianças assim, ouvir certas histórias. Meu coração está em pedaços. Hijab querido, em cada uma de minhas orações, eu penso em todos esses pequenos que eu acompanho por um mês e que a vida machucou completamente. Gostaria de adotar todos eles, ser a mãe de todos eles, e curar seus corações atormentados.

No momento da minha primeira atividade esportiva com as crianças, nós sentamos sob o sol, a grama seca pinica minha perna, e meus cabelos amarrados em um penteado desorganizado caem no meu rosto. Tenho dificuldade em organizar minha própria cabeleira, não estou mais acostumada a fazer isso. As crianças percebem minha ansiedade. Eu finjo que sou uma adulta que administra bem seu grupo. Mas, na verdade estou aterrorizada. Eu não sei o que fazer. A confiança que você me dá quando eu uso você não está mais visível, eu a guardei no fundo do armário da mesma forma que fiz com você. Então, eu me sinto completamente nua na frente deles. Alguém me pede para ficar com um grupo de doze crianças, de animá-los, de dar vida a eles, fazê-los rir, que os olhos deles explodam de felicidade, enquanto eu me sinto um pouco morta internamente. Depois, descobrindo as histórias de cada um, eu compreendi que eu não era a única a sofrer. E minha falta de confiança assim como minha liberdade de usar você completamente impedida, nem se compara à vida deles.

É preciso lutar por sua própria liberdade, mas também pela justiça. Para fazer justiça a esses pequenos maltratados pela miséria e a precariedade.

Um duplo combate,
uma dupla resistência

Setembro de 2009

Meu hijab, minha resistência, eu te usarei onde eu quiser, quando eu quiser, como eu quiser.

Eles são loucos! Todos completamente loucos.

Eu sei, meu pequeno hijab, eu passo meu tempo lhe escrevendo para me lamentar. Mas esse mundo escapa a qualquer controle. À exceção de você, ninguém está aqui pra me escutar. As pessoas, seja no seio da comunidade ou da sociedade, sempre tem algo a dizer sobre você.

A última novidade? Será preciso retirar você para fazer trabalho voluntário! Trabalho V-O-L-U-N-T-Á-R-I-O! Você está lendo isso? Que doidera! Eu queria apenas doar um pouco do meu tempo para os restaurantes populares entre minhas aulas, meu curso de direção e minha vidinha. E, claro, eu fui barrada na entrada. O pretexto? O pretexto estúpido? Esta laicidade! Sempre a mesma! A que me excluiu da escola, e que justificava a luta ardente do Estado contra você. E aquela que hoje me impede de doar meu tempo, e devolver o bem que me fizeram. É simplesmente desconcertante. Os restaurantes populares me recusaram invocando a laicidade. Eles disseram que eu não poderia ajudá-los com você na cabeça. Que os ajudados vinham como estavam, mas os ajudantes deviam ser laicos. E depois eu adoro ver essas palavras saírem da boca de uma senhora que carrega orgulhosa sua cruz ao redor do pescoço.

Mas a loucura da intervenção não se limita aos laicistas já que mesmo entre os muçulmanos tem gente que vem medir o comprimento do meu hijab. Segundo eles, eu me radicalizaria porque você é muito longo, muito grande, muito incisivo. Hoje eu decidi colocar você da maneira que me convém melhor, mas de acordo com eles, eu exagerei. Na verdade, eu acho que eles queriam que todos desaparecessem; eles queriam que nós sumíssemos no meio da multidão, e matar toda forma original e pouco convencional de amarrá-lo na cabeça. Seria preciso mostrar as credenciais constantemente e não ser mais

visível. A pressão é tão presente que eles acabam por lhe fazer carregar todos os males que sofremos. Seria então por conta da sua visibilidade que o mundo inteiro nos detesta. Sim, não tem nada de estrutural nisso, nenhum racismo, ou de sistêmico, não. É apenas um problema de tecido.

Eu penso nas irmãs que usam o niqab¹², e meu coração se despedaça. Apontadas com o dedo e excluídas da sociedade civil, elas também são rejeitadas da comunidade que as acusa de uma leitura muito “rigorosa” ou mesmo equivocada do Islam. Eles apontam o dedo para elas com o intuito de protegerem a si mesmos: “ Olhem, nós não somos como esses extremistas”. O véu ainda vai, mas essa coisa que esconde o rosto, isso não! Então a gente sempre recai nessa intervenção sobre os corpos das mulheres.

A todas essas pessoas que veem nos impor uma maneira de ser, uma maneira de amar a Deus, uma maneira de crer, eu digo “droga”! Pode ser verdade meu hijab, pode ser que nós O amemos de um jeito esquisito, pode ser que O amemos de um jeito desastrado, que ninguém se comporte como Ele queria, mas tentamos fazer o melhor que podemos e é isso que conta. E principalmente, pequeno hijab, nós temos a humildade de nunca querer deter a verdade.

Eles têm tanto medo do olhar dos outros que seriam capazes de tudo, até mesmo cortar um pedaço de tecido para que sejamos aceitos. Ninguém o entende de verdade, mas você me ajuda a resistir. Com você, tenho a impressão de não cair na tentação consumista que gostaria que acumulássemos roupas inúteis para nos vestir de forma diferente todos os dias.

Com você, quase nem consumo mais. Ou no mínimo, eu consumo mais “eticamente”. Escolho cuidadosamente os jilbab, uma roupa comprida com capuz, eu os encomendo às irmãs religiosas que costuram na casa delas. Ainda que determinem preço, ainda que gaste toda minha bolsa para pagar e ao menos respeite as prerrogativas do nosso profeta sobre o trabalho. Nós seremos julgados por cada centavo gasto, seremos julgados pela nossa maneira de te respeitar.

¹². Diferentemente do hijab, que cobre apenas os cabelos e deixa o rosto descoberto, o niqab é um véu que esconde quase o rosto inteiro exceto os olhos. Em certos casos, ele pode cobrir o corpo integralmente. É o uso do niqab que resultou em uma lei na França, em 2011, para proibir o fato de encobertar o rosto em lugares públicos. No entanto, o niqab não deve ser confundido com a burca, uma vestimenta imposta pelos talibãs do Afeganistão nos anos 90, que cobre todo o corpo e possui uma rede (ou um véu) na altura dos olhos para permitir a visão.

Lindo jilbab, azul, preto ou verde, você recobre meu corpo com um tecido mole e leve: com você, não me interrogo mais sobre meu corpo, minhas curvas que estão fora dos padrões.

O que devo mostrar? O que devo deixar aparecer? Não quero mais que eles se atenham sobre o que carrego sobre a cabeça, mas no que tenho dentro dela. Se eles são todos loucos, bem, eles todos vão acabar me deixando doida também.

Outubro de 2009

Meu véuzinho amado,

Estou muito feliz usando você nas aulas. A faculdade é o paraíso, não tem um olhar maldoso, nenhuma observação desagradável, nada. Eu sou como qualquer outra estudante. Não estava esperando isso.

Os professores nem se incomodam, os estudantes também não. Parece que é porque estou numa faculdade de “esquerdistas”. As pessoas não se questionam. O inimigo é o capital, e não o hijab. Eu passo noites discutindo vários assuntos diferentes, eu explico para os colegas militantes que o meu hijab me ajudou a resistir à “consumerização” do corpo. O olhar deles mostra um interesse sincero, e mesmo se não dividimos as mesmas ideias, os argumentos sólidos substituíram as observações sórdidas dos transeuntes na rua.

Aprendo coisas fascinantes com os professores que me veem como uma aluna normal, não mais como a Inimiga Pública Número Um da República.

Então, contento-me em acreditar que minha faculdade representa o mundo inteiro. Mas o mundo e suas realidades sempre me reencontram.

Para encontrar trabalho, sou obrigada a “enganar”, de ir para a entrevista sem o hijab e usar de meus talentos estilísticos para fazer você se passar por um acessório de moda. Arquiteto verdadeiras estratégias. Se não tem o jilbab, o vestido longo, eu uso calças do tipo saruel e camisetas de Che Guevara para me dar um ar de hippie, e poder cobrir meus cabelos como eu puder nos meus trabalhos.

No começo, no centro social, isso funcionou. As crianças adoraram a maneira como eu me vestia. Uma menina com leucemia que frequentava o centro ficava muito feliz quando eu usava você. Trocamos conselhos para fazer boas combinações com você, para lhe dar formas bonitas, as outras meninas também queriam usar você. A mãe dela até me agradeceu porque sua filhinha não era mais alvo de piadas.

Depois uma nova diretora chegou.

Era uma quarta-feira à tarde, eu estava fantasiada de Mary Potter, a irmã escondida de Harry Potter que devia achar os dois pedaços da varinha mágica de Sauron. Eu tinha você discretamente sobre a cabeça embaixo do meu chapéu de bruxa. Eu tentava fazer minha equipe de seis-oito anos vencer. Determinados e animados, nós corríamos no

parque quando a nova diretora veio ao nosso encontro. As crianças pensaram que ela tinha uma pista para nos dar. Que nada! Ela simplesmente parou nossa busca pela vitória. Nossa equipe então perdeu o grande jogo, e eu, eu passei duas horas no gabinete dela para justificar minha roupa. Tive a terrível impressão de ter voltado ao ginásio. Talvez até mesmo para o Poudlard, pensionato para bruxas jovens no mundo de Harry Potter, por conta da minha fantasia.

Pais teriam vindo dizer aos outros animadores que eles não queriam que eu tomasse conta dos filhos deles. Não sei se esses rumores são verdadeiros ou se eles não são apenas um pretexto encontrado pela nova diretora para me demitir. A única coisa que eu sei é que eu sou uma boa animadora. Gosto sinceramente das crianças, gosto de transportá-las para um mundo que elas não conhecem, iniciá-las na arte das histórias fantásticas, dividir com elas meu amor pelos livros. E eu não acho que sua presença sobre minha cabeça influencie isso.

Eu finalmente fui convidada a deixar meu posto. Desse jeito. Sem outra maneira mais educada, nem indenização. Nem sei se legalmente é possível. Não tenho nem a força, nem a vontade de lutar contra esse golpe. Não coloquei mais os pés nesse centro. E guardo comigo um grande ressentimento.

Hoje, ao invés de fazer uma coisa que eu gosto, que tenho qualificação, eu faço faxina. Pela manhã, eu limpo os bancos antes das aulas. Eu tenho você sobre a cabeça, simplesmente. Mas aí isso não incomoda ninguém. No fundo as pessoas pouco se importam em saber o que uma empregada usa.

A laicidade não tem importância quando nós estamos relegadas a uma profissão invisível e pouco conhecidas.

Fevereiro de 2010

Pequeno hijab,

Ouvi dizer que não vou conseguir tirar a carteira de motorista se eu não retirar você da cabeça. Para aumentar minhas chances, precisarei me autocensurar. Eu prefiro permanecer pedestre o resto da vida que ser obrigada a retirá-lo aí, onde a lei sequer foi regulamentada.

A autoescola diz que o exame é aleatório, que houve vários casos de mulheres de véu que fizeram um percurso sem erros e não conseguiram a carteira. Parecia que certos examinadores eram grandes racistas.

Então está bem, “droga”, “eu aborreço” os racistas. E minha habilitação, eu a terei com você, ou eu não a terei!

Eu resisto. Por você, por mim, pelos meus direitos.

Abril de 2010

Meu lindo hijab,

Esta manhã, uma mulher no trem me disse que você estava muito bonito.

A surpresa foi tão grande que meus olhos se encheram de lágrimas. A gente falou uns dez minutos sobre você. Ela queria usar você da mesma maneira que eu, e me perguntava se tinha algum problema já que ela não era muçulmana. Eu só lhe expliquei que ela corria o risco de se preocupar com todos os tipos de críticas não muito agradáveis.

Ela parecia sinceramente chocada. O sorriso, as perguntas, o interesse dela, me fizeram um bem enorme. Eles puseram um pouco de luz no meu dia. Os agressores laicistas e islamofóbicos tiveram a coragem de injuriar desconhecidos na rua para escarrar neles todo o desprezo que, na verdade deveria ser evitado. E infelizmente, aqueles que têm alguma opinião positiva a guardam para si mesmos.

Nós não deveríamos ter medo de dizer às pessoas que as achamos bonitas, deveríamos mesmo ter a coragem de interpelar desconhecidos para lhes dizer coisas bonitas, ou apenas para sorrir para eles.

Outubro de 2010

Meu querido hijab,

Hoje, um homem que queria falar comigo depois das aulas me disse que, você, meu hijab, me deixava com ar respeitoso. Na verdade, não, ele me disse literalmente: “Eu prefiro as mulheres que usam o véu porque elas são mais respeitáveis”.

Eu fiquei sem ação. Diante de meu silêncio enigmático, meu interlocutor me garantiu que era um elogio. Mas que elogio? De fato, segundo ele é ao usar você que eu me tornaria respeitável. Não é minha personalidade, nem minha pessoa, muito menos minhas convicções ou meu sucesso que fazem de mim uma pessoa respeitável. Não, não, não e não, é você. E o melhor disso tudo, aliás, o pior, é que eu deveria aceitar essa observação como algo positivo, como um elogio?

Eu gentilmente o coloquei no lugar dele, e desde então, eu não paro de pensar nisso. Pensar nessas palavras saindo tão naturalmente da sua boca, esses supostos elogios, que desvalorizavam as outras mulheres para me conquistar. Mas eu rejeito isso. Eu rejeito que se coloquem as mulheres em concorrência na escala de respeitabilidade.

Eu amo você do fundo do meu coração, meu hijab, eu luto por você diariamente e com você. Eu luto por mim, para reivindicar meu direito de fazer o que eu quiser com meu corpo. Mas eu não luto para que as pessoas achem que usando você eu seja mais respeitável que outra pessoa. Eu não acho que eu mereça mais respeito do que uma mulher sem véu, eu não sou nem melhor, nem pior que nenhuma delas. Todas as mulheres, com ou sem véu, merecem respeito, e não é um pedaço de pano nem o seu comprimento que devem determinar o respeito a elas atribuído.

Fevereiro de 2011

Meu pequeno hijab,

Encontrar um apartamento em Paris é lamentável. Encontrar um apartamento em Paris quando se é pobre, estudante, sem fiador, com um nome árabe e um véu, é quase um milagre. Mas, graças a Deus, eu achei um. Não foi tão fácil, mas acabei encontrando. Eu vou poder morar em Paris. Hamdoulillah¹³!

Antes de chegar aqui, eu dei-me conta de que eu tinha impressão muito exótica sobre Paris. Eu me imaginava escritora nas ruas da capital, com um casaco comprido marrom e uma gola que eu suspenderia quando o vento se levantasse. Eu me imaginava enfeitando você com muitas flores frescas que eu teria colhido no caminho entre Paris e Lyon. Eu me via, o olhar profundo, tentando achar inspiração olhando os pedestres, andando entre as ruazinhas de paralelepípedos da colina de Montmartre, ou sentada à mesa de um café onde eu pediria um chá verde com açúcar, e onde eu deixaria minha caneta correr sobre o papel para fazer os primeiros traços de meus sublimes personagens.

Mas, na verdade, a vida aqui está longe de ser um filme romântico na cor sépia. As pessoas são amargas, apressadas, desconfiadas até maldosas, a desprezível miséria está bem ao lado de uma burguesia que é ainda mais indiferente do que deixa transparecer. O metrô é sujo. Ele fede a desgraça humana, a exploração capitalista: as pessoas são tristes e pálidas, elas respiram morosidade e estão presas em uma rotina que as impede de sorrir. E eu, no meio de tudo isso, não sou um personagem de ficção: eu não tenho casaco, e estou com frio. Espero o encontro com a proprietária não em um terraço de um café, porque não tenho como pagar cinco euros por uma xícara de água quente, mas nos bancos frios do McDonald's. E para me distrair eu não rabisco no papel antigo meu futuro romance, prefiro pedir a senha do wifi do McDonald para poder ler meus e-mails, e adiantar minhas crônicas no Facebook que empesta a vida da vizinhança.

13 Louvação à Deus

Para o primeiro encontro com a proprietária, fiz um esforço. Mudei radicalmente seu estilo: você passou de um longo jilbab que eu adoro a um pequeno hijab colorido e *fashion*. Como no trabalho, a gente nunca sabe. Até agora a gente só se falou por telefone.

Eu chego à parte de baixo do imóvel de tijolos vermelhos um pouco sem fôlego, e vejo uma senhorinha que me dirige alguns olhares atravessados sem vir até mim. Eu suponho que seja minha locadora. Ela se assusta quando eu a chamo pelo nome. Rapidamente ela me responde: “Ah, você é a estudante da qual a moça me falou para o apartamento do segundo andar?”, mas “Eu não sabia que moças de turbantes como você estudavam. ”

“Drrr”, nos dentes. Eu esboço um sorriso forçado. Preciso muito desse apartamento, então vou conter toda minha raiva e sorrir educadamente por todas as críticas que ela me falar sobre você. Internamente, eu agradeço a Deus por ter escolhido você colorido e discreto.

Seguiu-se uma longa, muito longa visita, com os comentários mais racistas possíveis.

“Às sextas-feiras você pode comer cuscuz com o inquilino do andar de cima, ele é argeliano.”

“Eu não sou racista, mas bem, tem muitos africanos em Belleville.”

“Eu não alugo mais para os Romenos, eles dizem que vão morar sozinhos e depois trazem a família toda, imagine.”

Era preciso ver para acreditar, mas apesar disso, ela me fez assinar o contrato e me deu as chaves mesmo assim. Assim que sai, fiz automaticamente uma oração para agradecer a Deus. A mulher mais racista de Belleville concordou em me alugar um apartamento.

Paris não é Amélie Poulain¹⁴, mas eu vou enfim poder viver aqui.

14 Heroína do filme “O fabuloso destino de Amélie Poulain”, que representa uma visão original e idealizada da vida contemporânea em Paris.

Setembro de 2011

Meu querido hijab,

Eu fiquei em dúvida entre as universidades Paris 8¹⁵ e Assas¹⁶, mais uma vez você foi decisivo na minha escolha.

Assim que cheguei na frente da universidade de Assas, um grupo de quatro homens mechem comigo. Um deles diz ao grupo: “Ah, eu não sabia que se aceitava Batman aqui”. O grupo se afasta gargalhando. Assim, vai ser Paris 8 este ano... Ao menos lá, que eu use você como jilbab, como hijab ou como turbante, ninguém se importa.

Esta cidade não lhe dá um minuto de paz, e da mesma forma não me dá também. Nos meus sonhos de uma Paris de antigamente, eu esqueci que lhe usar podia causar problemas. Agora na vida real de Paris, eu coleciono as observações racistas, islamofóbicas e sexistas. Eu não entendo que a gente possa viver em uma capital e ter a mente tão fechada assim. No metrô, dois homens se sentam de um lado e de outro de mim. Tenho meus fones bem empurrados no ouvido para não os escutar. Um deles come um sanduiche, e o oferece ao amigo dele fazendo-o passar embaixo do meu nariz.

Eu abaixo o som do meu MP3, e ouço:

“Hum, é boa a halouf¹⁷, pergunta a moça de véu se ela quer? Hein, quer um pedaço?”

Seguiu-se um embaraço de dez minutos. Em dois, eles me ameaçam de puxar você. Eu não tenho medo, estou cansada, mas se for preciso eu baterei. Está bem, de agora em diante não vou deixar mais isso acontecer, quando eu cruzar com um racista no metrô. Minha determinação fez com que eles hesitassem um pouco. É isso que eu digo a mim mesma para me dar coragem.

¹⁵ Universidade de Paris (*Université de Paris*) é uma das mais antigas instituições de ensino superior da Europa, e localiza-se na França. Já não existe como uma única universidade, uma vez que, em 1970, foi dividida em treze universidades independentes umas das outras.

¹⁶ Universidade Pantheon-Assas (*Université Panthéon-Assas*) é uma universidade em Paris, capital da França, geralmente conhecida como "Assas" ou "Paris II". Foi estabelecida para suceder a faculdade de direito e economia da Universidade de Paris (Sorbonne), quando esta foi subdividida em 13 universidades autônomas em Maio de 1968.

¹⁷ “Carne de porco” visto sob o ângulo dos preceitos religiosos do Islam.

Eles acabaram indo embora, talvez porque tiveram medo dos meus punhos pequenos, talvez porque era a parada deles. As pessoas ao meu redor não intervieram. Foi aí que eu descobri a indiferença parisiense.

Para poder viver aqui, a bolsa não é suficiente, vou ser obrigada a trabalhar e estudar e forçada a lhe retirar de novo. Isso não vai acabar nunca. É o véu ou a extrema pobreza. Detesto ter que fazer esta escolha, parece que estou me traindo, traindo você e traindo Deus.

Paris me ensina a dura realidade da vida.

Dezembro de 2011

Meu querido Hijab,

Pouco a pouco me acostumei com a capital. As coisas nem sempre são tão simples. Eu finalmente o tirei para trabalhar em um colégio e no centro de lazer. O custo de vida é muito alto para eu me contentar só com a bolsa e apenas um trabalho.

Tenho a triste impressão de voltar mais uma vez aos meus anos de colégio, em que tive de fazer uma escolha entre a educação e você. Tenho uma necessidade urgente de retornar às minhas raízes, de reforçar a minha fé, de me reencontrar. Então eu tomo uma grande decisão. Agora que eu vivo sozinha, que pago minhas contas, que tenho meu próprio dinheiro, vou fazer minha peregrinação. Quero que seja minha primeira grande viagem. Vou me juntar a este lugar onde serei aceita, eu, Nargesse, por inteira.

Meu ritmo aqui é a cem por hora. Universidade, trabalho no colégio, trabalho no centro social, trem, Lyon, casa, família, trem, Paris, universidade... Eu quero aguentar também. Então, os tempos dos trajetos TGV ou de carona compartilhada são ideais para descansar.

Além disso, falando de trem, preciso lhe contar uma anedota. Uma vez, no TGV Lyon-Paris, eu fui despertada por grunhido feito pelos passageiros. Um homem suspeito tinha passado correndo pelo vagão. As pessoas falavam alto, e queriam ir atrás dele para verificar o que ele fazia.

Alguns segundos depois, que pareciam uma eternidade, o homem em questão voltou no vagão com um ar envergonhado, as bochechas avermelhadas, com seu iphone em suas mãos levantadas, murmurando explicações confusas. Ele usava um djellaba, uma roupa islâmica com capuz, e tinha barba, e tinha só esquecido seu iphone no banheiro. Com medo de ser roubado, ele voltou correndo no lugar para pegá-lo.

Por causa da barba dele e da djellaba, todas as pessoas logo acharam que ele era um terrorista. Meu Deus, como esse mundo está perdido. Basta que a gente tenha uma espiritualidade declarada seja por Você, seja por uma barba, para ser um carregador de bomba?

Também me ocorreu uma situação parecida no metrô. Nesse dia você era grande, preto e leve. E tinha muita classe. Enfim, na minha opinião. Eu estava sentada num banco de quatro lugares e três deles estavam vazios, e como na maioria das vezes, as pessoas não desejavam sentar-se ao meu lado. Peguei uma garrafa de água Perrier sabor limão

que estava na minha bolsa e evidentemente foi sacudida várias vezes. Eu abri a garrafa para saciar a sede que me matava, e um *xiii* amedrontou todas as pessoas que estavam ao meu lado! Eu então levantei minha garrafa como fez o irmão do iPhone como se fosse um sinal de paz.

Porque nós estamos condenados a ignorar o passado, mostrar as credenciais, a nos desculpar por ter despertado o temor e a sair em silêncio.

Fevereiro de 2012

Oh jilbab comprido,

Hoje aconteceu uma coisa muito engraçada comigo. E finalmente triste também. Nós passeávamos nos Champs-Élysées com uma amiga, jilbab preto ao vento, avançamos pela grande avenida olhando as lojas. Então, depois de algumas horas de passeio, decidimos ir a um café chique da capital. Tendo em vista nossas roupas nós nos preparamos para sermos recepcionadas como sempre, friamente, e a sermos colocadas no fundo de uma sala perto dos banheiros. Mas, qual não foi nossa surpresa ao ver dois garçons correrem em nossa direção e falarem com a gente como se fossemos as netas de Nicolas Sarkozy.

“Senhoritas, vocês desejam ficar no terraço, ou perto das janelas? Vocês querem que a gente abra a sala de cima para terem mais privacidade?”

Bem pouco acostumadas a esse tipo de atenção, nós balbuciamos que um lugar no terraço seria bom para a gente. Não entendemos bem o que se passava. Estávamos em uma dimensão paralela? As leis islamofóbicas foram anuladas na véspera, e de repente para ser perdoado, o governo oferece café a todas as portadoras de véu da França?

Olhamos o cardápio. Os preços não são baixos. *Droga é um péssimo sinal para nós*. Isso quer dizer que vamos pagar uma nota por quase nada. Nós acabamos pedindo somente um café. Os garçons, antes de pegar nosso pedido, nos perguntam, de forma muito educada, o motivo de nossa vinda aqui.

- Bem, a gente saiu da aula e quis passear por aqui. Eles nos examinam com o olhar e fazem a pergunta fatídica:

- Vocês vêm de onde?

- Givors, periferia de Lyon.

Surpresos, eles não dizem nada, apertam os lábios quando passamos o pedido e saem. Você não adivinhará nunca, meu pequeno hijab, eles acharam que éramos sauditas! Daí a recepção, os pequenos cuidados, a gentileza deles! Então, na hora que souberam que éramos apenas moças de bairro que usavam véu, tão pobres que só pedem um café de quatro euros, aí então o desprezo voltou.

Foi inacreditável ver que eles não puseram mais um olhar de desgosto sobre você, ao contrário, que eles estavam completamente devotados enquanto imaginavam que você era feito de uma seda que custava milhões de euros. É triste saber que se você vem de uma loja simples, você se transforma novamente no véu opressivo que é preciso desprezar, que é necessário banir.

O dinheiro fala mais alto.

Março de 2012

Meu querido hijab,

Nossas mães estão definitivamente proibidas de participar dos passeios da escola. O motivo? Ainda e sempre você. Apesar de elas estarem sempre presentes em tudo na escola para dar assistência às professoras quando o número de alunos por turma estava muito desnivelado. Hoje, segundo a circular do ministério da educação nacional que entrou em vigor, considera-se que elas participam da execução de uma missão do serviço público e por isso, que elas são consideradas como colaboradoras ocasionais do serviço público de educação. O que justificaria a proibição delas de exibir símbolos religiosos ostentatórios.

Minha mãe sempre esteve presente na nossa escolarização. Ela participava das atividades na cozinha para ajudar a fazer os bolos de aniversário, estava presente em todos os eventos esportivos, nas saídas, nas quermesses... Ela também mantinha barracas, animava os jogos... Enfim, uma mãe engajada na educação de seus filhos, que vinha compensar gratuitamente a falta evidente de funcionários.

Nossas mães, no finalmente, tratadas por empesteadas. Eles não percebem o que isso representa para as crianças? Com uma mãe excluída do seio escolar, humilhada e desqualificada, como uma criança pode se sentir bem na escola? Como o elo entre escola e família pode ser preservado? Quando a instituição expõe com violência as pessoas mais importantes de nossas vidas, rejeitando-as sob pretextos completamente estapafúrdios, como acreditar na escola? Nesta sociedade? Com esses tipos de medidas, eles aumentam o sentimento de estigmatização, de rejeição, e aumenta a fissura que empurra a juventude a achar abrigo em tudo aquilo que desafia o sistema.

É este tipo de lei que provoca o desencantamento da parte de toda uma população.

Agosto de 2012

Pequeno hijab,

Entramos de férias, entramos de férias... Entramos de férias! Eu estou muito feliz. Acabou Paris, acabaram os problemas. Acabou a luta. Esses próximos dias são de descanso, relaxamento, brincadeira e de banhos de mar! Decidimos com as meninas de nos agradar este ano. Nós alugamos uma casa pequena com piscina no Sul sem contrato e só para meninas. São minhas primeiras férias, você se dá conta?

Para aquelas do grupo que usam você, poder nadar tranquilamente sem ser importunadas pelo olhar desencorajador dos outros sobre nossos burkinis¹⁸ vai ser maravilhoso; para aquelas que não o usam, poder nadar sem o olhar obsceno dos homens sobre o bikini, vai ser maravilhoso também. Finalmente, todas as meninas do grupo aproveitaram. Estamos felizes. O verão chegou, para nós o bronzeado, as noites na piscina, as férias.

Chegamos ao local, e Soumaya é responsável por falar com a proprietária da casa. Ela usa você nas cores branca e azul, ela está radiante com sua roupa toda harmoniosa. A proprietária lhe diz que esse estilo combina muito bem com ela. Soumaya, surpresa, lhe agradece. Ela pergunta sobre a religião de Soumaya:

- Você é judia? Pergunta ela gentilmente.

Soumaya a olha, surpresa, depois lhe responde sorridente:

-Não, senhora, eu sou mulçumana.

- Ah, eu não sabia que na sua religião as mocinhas podiam ser tão elegantes como você.

Sorrimos todas automaticamente. Nas outras religiões, você pode ser elegante, mas na nossa você é propositadamente opressor. Ela pelo menos teve a honestidade de nos dizer o que passava na cabeça dela. Os meios de comunicação de massa veiculam uma imagem sua que para as pessoas, quando você não corresponde às ideias que elas têm de você, é como se você não fosse mulçumano.

Com um pouco de paciência e de coragem, talvez um dia todos saibam que você é uma escolha individual, nem mais nem menos.

¹⁸ É a roupa de banho feminina. Este traje só deixa o rosto, as mãos e os pés da mulher à mostra, o restante do corpo (incluindo os cabelos) devem estar totalmente cobertos.

De todo modo, esta semana é para relaxar, nós nos criamos um espaço de liberdade bastante seguro para que cada uma possa se sentir bem em seu tênis, bem em seu biquíni ou em seu burkini.

Agosto de 2012

Meu querido hijab,

Minhas férias foram encurtadas e meus projetos do Erasmus (programa de intercâmbio entre as universidades e grandes escolas europeias) para este ano devem ser esquecidos. Não por sua causa, não. Dessa vez você não tem nada a ver com isso. É meu pai. Ele está doente, muito doente. Então é preciso estar ao lado dele. Depois de um dia com as meninas nadando e aproveitando, tive que voltar correndo. Os médicos descobriram um tumor no pâncreas dele.

Meu paizinho amado acometido por essa doença terrível, a doença do século que já destruiu tantas famílias. É o “poder que está registrado no seu corpo”, teria dito Foucault, filósofo francês do século XX.

Então, não será nem Paris, nem Madri, nem férias, nem descanso. As horas foram longas, nós esperamos incansavelmente nesse hospital para que os médicos falassem com a gente. Que eles nos tranquilizassem, enfim, que eles nos dissessem que tudo acabaria bem. Mas nessas horas, a esperança se esvai majestosamente. Ninguém veio nos tranquilizar. Ninguém veio nos dizer o que queríamos ouvir. Meu pai está bem doente, então é preciso estar aqui. Reconstruir a vida dele aqui. Esquecer as terras distantes, esse eldorado que eu tanto imaginei, onde eu sonhava poder usar você livremente durante meus estágios, meus trabalhos de estudante, no esporte... Será a volta para casa.

Setembro de 2012

Meu querido jilbab,

Meu coordenador de curso aceitou me orientar, de urgência e sem projeto. Desse jeito mesmo, só para me ajudar. Com os acontecimentos recentes, eu não tinha nem universidade nem plano B. Acabei me sentindo perdida diante da doença de meu pai sem saber como fazer para voltar aqui. Mas, felizmente, graças a Deus, tudo entrou nos eixos. Mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida, Deus estende uma mão que nos conforta e nos salva.

Meu pai, para me agradecer por ter ficado aqui ao lado dele, me deu o presente mais bonito que um pai pode dar a sua filha. Minha peregrinação à Meca. Viajo dentro de dois meses. Estou muito ansiosa. Vou fazer todas as « duha », as orações islâmicas voluntárias, que forem necessárias para que meu pai fique bom. E lá, no centro do nosso universo, como as orações não podem ser ouvidas?

Falando em oração atendida, ontem eu encontrei uma médica que usava você como um turbante da mesma cor da sua blusa. Ela auscultava uma pessoa em uma cama no corredor do hospital, perto da máquina de café. Os gestos dela eram precisos e amáveis. Podia-se dizer que se tratava de um anjo que veio salvar o paciente. Isso me deu um pouco de esperança.

Eu não pensei em ser médica, mas se ela, enquanto funcionária da área de saúde conseguiu negociar, porque não a gente?

Outubro de 2012

Minha doce ligação com Deus,

A pressão de milhares de quilômetros de viagem pesa nas minhas costas, então eu aperto você ao redor de minha cabeça trêmula como uma folha. Penso na inacreditável excursão que estou fazendo graças a meu pai. Ele me permitiu viver esse sonho que eu almejava há tanto tempo, o sonho de todo fiel.

Na hora do “Labayk Allahouma labayk”, cuja tradução é “Eu respondo ao teu chamado oh Deus. Eu respondo ao teu chamado”, sinto meu coração disparar e meus olhos embaçarem. Meu ouvido agradece pelo canto amoroso que vem de todos os peregrinos, e a força com a qual as vozes deles clamam este chamado me dão força para chegar até kaaba, a construção em forma de cubo que fica em Meca, o lugar da peregrinação. Vejo as cabeças de minhas irmãs orgulhosamente cobertas por você, todas vestidas de branco, se aproximarem de nosso último objetivo. Aqui não existe mais nem negro, nem Asiático, nem Árabe, nem Caucasião, nem Persa, somos simplesmente fiéis, peregrinos, magníficos. Lembro então do maravilhoso poema de Ibn Arabi, poeta andaluz mulçumano, de origem árabe: “Casa de meu Senhor, luz da minha vida, frescor dos meus olhos; segredo de meu coração...”.

Eu o amarro novamente ao redor do meu pescoço trocando um olhar cúmplice com minha irmã. Deus nos permitiu viver esse momento único para compreender que nosso envolvimento com Ele não era apenas uma sucessão de provações, mas também um longo caminho feito de recompensas cada uma mais maravilhosa que a outra.

Mas, muitas vezes eu duvidei de você, meu hijab. Muitas vezes eu me perguntava, eu lhe perguntava: para que continuar? Para que essa obstinação em usá-lo?

Todos os meus sacrifícios fazem sentido nesse lugar magnífico. Todos meus sacrifícios tomam uma dimensão eterna aqui. Eu não deixarei mais nenhuma pessoa reprimir minha espiritualidade, mais nenhuma lei limitar minhas possibilidades. Fui convidada por Deus para vir ao seu santuário e armazenar toda a energia que me ajudará a enfrentar minha vida.

Meus dias são pontuados de orações para meu paizinho, terrivelmente doente, para minha mãe que o ajuda, para minha família que está ao lado dele como tem que ser, para os crentes da França que suportam e resistem, pela humanidade inteira que morre a cada dia. Misericórdia para todos. Misericórdia para nós.

Outubro de 2012

Meu hijab,

Nenhum véu protege da covardia dos homens. Isso, eu entendi aqui. Mesmo no lugar mais sagrado do mundo, aquele que ressuscita nossos corações mortos, eles estão aqui. Os violadores. Aqueles que aproveitam a confusão do “tawaf¹⁹”, para praticar atos violentos e vergonhosos. Eu jamais teria acreditado que isso pudesse acontecer naquela hora. Pensei que estávamos protegidas desse mal. Mas a humanidade continua nojenta mesmo no lugar mais sublime do mundo. Eu sei, passo de um extremo a outro. Eu subi aos céus cheia de alegria e de espiritualidade, mas os seres humanos me fizeram rapidamente voltar à terra. Meu pequeno hijab, você não protege mais do que uma saia incita. Apesar do significado que queremos que você ostente, você não representa em nada um obstáculo contra os baixos instintos, e hoje estou perfeitamente convencida disso.

A violência que a gente sofre por estar sempre reduzida ao nosso corpo de mulher, à nossa “fragilidade”, nossa vulnerabilidade, transcende as fronteiras. Pouco importa seu comprimento, sua cor, sua existência ou não, nós permaneceremos essas mulheres que as pessoas podem tocar, abusar, perseguir, violentar como quiser.

Nossa peregrinação devia ser absolutamente magnífica, impecável, transcendida pela espiritualidade e pelo amor. Mas a minha foi cheia de provações, de paciência e dificuldades. Contudo, tenho que admitir que esta foi a viagem mais bonita que já fiz. Aquela que me permitiu testar meus próprios limites, mas também de abrir os olhos para o mundo que nos cerca.

¹⁹ Nome do ritual de peregrinação Islâmico. Os muçulmanos dão sete voltas em torno da Kaaba no sentido anti-horário depois de entrar na Grande Mesquita de Meca o peregrino efetua o tawaf, (cada volta é chamada de shawt, sete ashwat constituem o tawaf)

Outubro de 2012

Meu enfeite mais bonito,

Foi um dia cheio de emoção.

Encontramos uma irmã na Medina que foi uma injeção de ânimo. Ela nos acolheu para responder a nossas perguntas e foi extremamente atenciosa com a gente. Seus conhecimentos nos permitiram perceber nossa própria religião com outros olhos. De tanto ter que responder às acusações islamofóbicas, acabamos por nos convencer que nossa religião é um terreno favorável a tudo isso. É traiçoeiro, perverso, são sementinhas de dúvidas que este clima repugnante planta devagarinho. Mas isso germina em nós, e se propaga ao ponto de termos que voltar a nos justificar constantemente, a mostrar as credenciais, fazer tudo para passar “uma boa imagem”.

Mas esta irmã tocou no ponto certo. Não importa se não agradamos a nossos detratores, temos que agradecer ao nosso Senhor. E para isso, é preciso concordar com nossos valores de justiça social, de paz e de fraternidade. Ela nos lembrou que não bastava ser um muçulmano “fofinho”, maleável, mas ser realmente uma bela pessoa com o que é preciso ter de bondade, mas também de força e de perseverança, que seria preciso resistir. Como as primeiras mulheres do Islam que, pelos ensinamentos do Corão, transcenderam as leis tribais e machistas, nós devemos hoje buscar nossa força na essência da nossa religião para vencer os abusos, sejam eles dentro ou fora da nossa religião.

Outubro de 2012

Meu precioso hijab,

Eu não vou mais retirar você.

Eu lhe fiz essa promessa com a Kaaba como testemunha. As mãos estendidas para o céu, o coração levado pela tawaf de meus irmãos e irmãs, os olhos voltados para a Kaaba, eu prometi a você que nunca mais vou deixar alguém dominar meu corpo, seja pela retirada forçada do véu, seja por violências físicas. Eu não vou mais deixar ninguém me dizer que não existe espaço para você em um lugar sob um pretexto islamofóbico, ou que eu não posso ocupar um lugar em um local sob o pretexto de ser mulher. Esta peregrinação teria me permitido compreender toda a importância de proteger esse veículo corporal que Deus me transmitiu, protegê-lo de todas as ofensas que esse mundo o faz sofrer quotidianamente. Eu busco essa energia nova dessas mulheres inspiradoras que eu encontrei durante minha peregrinação e na minha vida... O combate delas para serem aceitas em todos os lugares onde estão pelo nível de excelência, a admirável história delas, a luta delas, me levaram a fazer a mesma coisa. Nós clamaremos alto e forte: “ Sem nós nunca mais”

Está decidido, chega de entrevista de emprego sem você, mesmo correndo o risco de sofrer mais um pouco, mesmo correndo o risco de ser somente empregada doméstica, será com você ou nada feito. Nenhuma privação de liberdade sem contestação. Eu sei que esta promessa não é eficaz, que minha luta pode ser difícil, mas Deus vai me ajudar.

No final, é por amor a Ele que em uma noite de verão eu decidi usar você.

Dezembro de 2012

Meu pobre hijab,

Muitas vezes a sororidade no Islam sofre provações.

Hoje, uma amiga da faculdade se distanciou muito de mim. No entanto, tínhamos muitas coisas em comum, experiências que tivemos com você, que dizem respeito aos combates que devíamos conduzir diante e contra todos para continuar a usá-lo

Mas, hoje, você não a agradou. Pior, hoje, você a decepcionou. Hoje, você consolidava a riqueza da diversidade do Islam. Entre as tramas do tecido estava bordado em árabe: “todos os dias são Achoura²⁰ todas as terras são Karbala²¹”. Quando ela decifrou essa frase, eu vi o olhar dela se assombrar.

“Mas você é xiita?”

Meu coração apertou violentamente. No passado, eu sofri muitas críticas e pequenas agressões pela orientação religiosa que eu praticava, que esta frase não me incomodava mais. Mas, graças a Deus, nesses últimos anos da faculdade, as pessoas estavam visivelmente mais abertas em relação ao xiismo²² e dos ramos que compõem a religião. Então, assim que eu li a inquietação no olhar dela, e depois a decepção quando eu disse que seguia a Escola de Ahlul Beyt (Escola das “pessoas da casa do profeta”), eu me senti mal. Mal na minha fé, mal no meu corpo. Uma vez minoria de uma minoria, seguiu-se um interrogatório sobre você, sobre minhas práticas, credos como se a gente não se conhecesse, como se o fato de ser xiita fizesse de mim outra pessoa, automaticamente culpada, menos decente... Depois, foi preciso me justificar sobre as práticas de grupos xiitas pelo mundo afora, mostrar as credenciais. Eu acabei por lhe explicar de forma calma, porém firme, que eu não desejaria mais responder a essas perguntas e principalmente, que era preciso exigir de si mesmo o que se exige dos outros.

²⁰ Achoura é o dia do assassinato do neto do profeta Moisés, Imam Hussein, bem como de sua família e de seus companheiros por ter recusado a autoridade do Califa Yazid Ibn Muhawia.

²¹ Karbala é a cidade do Iraque onde aconteceu o massacre.

²² Xiismo é um dos três principais ramos do Islam com o sunismo e o Kharidjisme. Ele representa 15% da população muçumana mundial.

Tínhamos passado horas juntas nos lamentando sobre questões repetidas que dizem respeito a você, tendo que te justificar, devendo explicar que não, nós não apoiamos os atos nos quais as mulheres eram forçadas a lhe usar.

E hoje, essa irmã de luta contra a islamofobia, essa irmã em sofrimento reproduziu o mesmo discurso que ela desacreditava anteriormente. Uma vez minoria de uma minoria, nós sofreremos a islamofobia sistêmica e a “xiítobia” no seio da comunidade.

Março de 2013

Meu lenço querido,

Oito de março não deveria ser o dia das mulheres? O dia para comemorar todas as nossas lutas? Todas as nossas vitórias? Todas as nossas conquistas? Para nos ser dado nosso justo valor? Então, hoje, saiba meu adorado hijab, o fato de te usar elevou nosso status de indivíduo com os mesmos direitos que os outros.

Eu me vi proibida de entrar numa sala de ginástica da minha cidade por causa de meu hijab. Aquela que dava descontos para estudantes muito interessantes para meu orçamento pequeno. Todo mundo me falava das vantagens dessa academia de ginástica. Então, eu decidi ir lá me inscrever. Acompanhada de meu melhor amigo e de meu irmão caçula, perguntei gentilmente na recepção as formas de inscrição. O funcionário quis logo saber para quem era a inscrição. Imediatamente senti meu coração bater como se fosse sair do peito. Eu compreendi que era eu o problema, que você era o problema.

“Muito coberta”

“Lenço proibido”

“Esporte em roupas adequadas”

Todas essas palavras se misturam na minha cabeça. Eu lembro do olhar dela que evitava o meu. Ela não assumia essa colocação que vinha da direção. Um jogo de palavras começa entre ela e eu. Eu percebo meu irmão caçula fraquejar, meu melhor amigo fulminar. Os bonés também seriam proibidos, não sei se você percebe, meu hijab, não é contra você, mesmo os gorros não são queridos por lá. Eu tentei lhe explicar que as pessoas que usavam um não punham nele a mesma simbologia que o hijab trazia, que não poderia haver comparação entre os dois, mas não adiantou nada. Ela acabou sua explicação com uma frase cuja lembrança continua a me machucar violentamente: “É um lugar onde as pessoas são livres e liberadas”.

Insinuando que eu, com você na cabeça, sou oprimida. E ainda, se a gente aceita esse pensamento implacável, se as pessoas que vão lá são livres por natureza, é verdade que existe uma lógica em proibir o acesso aos outros, esses “submissos”... Sim, até privar a liberdade deles... É bem lógico, não? Na realidade, eu entendi o joguinho deles, através dessas medidas discriminatórias, eles desejam apenas materializar o fantasma da muçulmana submissa e encarcerada nela. Eles nos privam de nossos direitos mais básicos: o acesso à escola, às diversões, ao trabalho, para culpá-lo ainda mais, pequeno hijab, de

ser a causa do nosso isolamento e do nosso comunitarismo. Que plano admirável! Por que é exatamente assim que acontece.

Eu entendo essas irmãzinhas que decidem permanecer em casa, ou de ir unicamente a lugares que lhes garantirão um pouco de segurança e de serenidade, lugares onde a presença delas não será questionada, lugares onde não se elaborem leis que lhes dizem respeito.

Não desistirei da ideia. Essa história não vai parar por aqui. Eu quero poder fazer ginástica em um lugar que me convém. Eu vou procurar grupos que se organizam para falar dessas questões, e resistir. Eu não vou me contentar mais em me resignar. É preciso agir.

Não tenho mais escolha.

Abril de 2013

Minha luta mais bonita,

A história corre. Com a petição que eu lancei na internet, isso acabou de tocar onde faz mal: na imagem deles. Quando a gente tecla o nome da academia de ginástica, o primeiro link é essa história. Mais de seiscentas assinaturas recolhidas, e a mobilização continua. Eu me engajo, por você, pela minha liberdade, mas também por todas as irmãzinhas que não sabem como fazer quando isso acontece com elas.

Recordo-me da quantidade de histórias que nós suportamos sem reagir nem nos organizar. Nós ficávamos apenas paralisadas pela injustiça, com um gosto amargo na boca. Todas essas histórias do cotidiano que permanecem impunes; aquele dentista que tinha recusado de tratar minha prima porque ela não podia supostamente abrir a boca convenientemente por estar lhe usando, aquele médico que tinha imposto a retirada do véu a uma de minhas vizinhas para que ela fosse atendida, aquele boliche que tinha expressamente colocado a proibição de te usar no regimento interno dele, aquelas babás que tiveram de tirar o véu na frente das crianças. Todas essas vezes em que as pessoas acreditaram estarem acima das leis utilizando o fundamento islamofóbico da lei de 2004 para criar novas medidas cada vez mais excludentes, e fazer a triagem nas populações que frequentam os seus estabelecimentos.

Existem até jornais no exterior que noticiaram o meu episódio na academia de ginástica.

As pessoas mais próximas têm medo das repercussões que vão afetar minha reputação. Principalmente meu pai. Não é somente a academia de ginástica que teria o nome manchado. É verdade que só basta teclar meu nome em um mecanismo de busca para que a história apareça. Eu aceito sacrificar minha identidade, em todo caso, a partir do momento em que eu falei de você para minha mãe, eu vi nos olhos dela que nada seria simples. É minha liberdade que está em jogo aqui, e eu vou lutar por ela, nem que seja fichada por isso.

Maio de 2013

Meu hijab,

Penso em você todo dia, a cada vez que tenho de encontrar pessoas novas, seja no trabalho, na escola, na rua, para uma associação, em uma carona solidária, nas instituições, no esporte... Na verdade, a cada vez que decido sair da minha zona de conforto família/amigos/mesquita/faculdade, eu tenho medo que você seja por demais notado e que me cobrem por tê-lo na cabeça. Este sentimento é compartilhado por muitas meninas que usam você. Emma recusa pegar o trem para nos encontrar no Sul, ela diz que tem muitos racistas lá, e ela se recusa a encarar isso. Permanecer nos mesmos bairros, nas mesmas cidades, nos mesmos lugares onde a diversidade não amedronta, ou nossa presença é tolerada... Eu tenho a impressão de que nossas possibilidades de inserção nesse mundo se restringem a cada dia.

A lei de 2004 terá criado uma avalanche de medidas formais ou informais que sempre está diminuindo cada vez mais nossa liberdade. Tudo isso em nome de que, pequeno hijab? Em nome de nossa suposta liberdade que você impediria...

Tenho vontade de gritar para eles pararem de tentar nos liberar retirando todas as nossas liberdades.

Junho de 2013

Meu pobre pequeno hijab,

Ele se foi. Depois de meses de luta, meses suportando todos os protocolos (medicamentos), ele se foi para o lugar aonde todos nós iremos nos encontrar, lá onde ficaremos todos em paz.

Eu não sei por onde começar, tantas coisas não foram ditas, e a dor que me invade hoje, nunca teria imaginado ser capaz de suportá-la. Esta dor, ela é mais profunda, um pouco mais destruidora a cada dia que passa, a cada passo que eu dou, que damos, sem ele.

Todos mentiram quando disseram que o tempo fechava as feridas e que apenas sobrariam as lembranças felizes. Meu suplício é cada dia mais insuportável. Desde que ele se foi, eu estou mergulhada, afogada na minha tristeza.

E é o sofrimento, cruel e sem piedade, aquele que nunca dá trégua, que pegou o lugar que ele ocupava nos nossos corações. Este sofrimento é acompanhado do remorso. Você nem pode imaginar o quanto eu me arrependo de não ter lhe dito “Eu te amo” o bastante.

É estranho como essas três pequenas palavras tão simples, mas tão importantes, sempre têm dificuldade de sair da boca quando são sinceras. Eu poderia rabiscar dez páginas com “Eu te amo” para ele hoje que isso não mudaria em nada meu remorso. Ele nos deixou levando com ele nossa alegria, nossa serenidade, nossa força para lutar.

E agora, pequeno hijab, quem me dirá: “Eu te amo Nargessou”? Quem me dirá: “Minha filha, minha filha, minha filha?” Quem secará minhas lágrimas? Quem sentirá dor ao meu lado? Quem me acalmará? Quem me obrigará a dormir, a descansar, a parar de querer mudar de ideia? Quem se preocupará comigo, pelas minhas lutas? Quem reanimará a chama de minha revolta? Quem saberá dosá-la também? Quem debaterá comigo? Quem me escutará como ele fazia, desfardando meu dia, meus ressentimentos, minhas dúvidas também e minhas aflições? Quem terá a paciência de me aconselhar, de me apoiar, de me ajudar como ele fazia?

O único interesse dele era que eu não falasse tão rápido, já que dentro de seus olhos eu tinha a impressão de estar sendo vista, já que sua atenção me permitia ser verdadeiramente ouvida, já que seu coração me dava a certeza de ser compreendida.

Então me diga meu pequeno hijab, quem será agora o aliado mais fiel? Quem substituirá aquele que fez, na medida do possível, minha defesa em todas essas vezes em que as pessoas nos julgaram – você e eu – exageradamente, diante de todos esses abusos, quando as portas se fecharam uma a uma na sua presença? Quem me apoiará quando eu sentir que vou falhar? Quem me consolará como ele fazia frequentemente, quando meu futuro se mostrar completamente obscurecido por essas medidas libertárias? Quem será minha defesa diante de um ambiente hostil?

Em um último impulso amoroso, quando ele já estava quase morrendo, ele me disse o quanto ele tinha orgulho de mim.

“Não esqueça nunca aquilo em que você acredita minha filha”

Um último gesto de amor que transcende a vida, que transcende a morte, que transcende este mundo que se desintegra debaixo de nossos olhos impotentes. Um último gesto de amor que eu lhe dedico, meu querido hijab, porque eu acredito em você, e Naquele por quem eu uso você.

Julho de 2013

Meu querido hijab,

Em pé de diante deste cemitério, eu pensei que ia morrer de dor. Eu chorava convulsivamente a partida de meu afetuoso pai, eu chorava a vida que tive com ele, eu chorava as dificuldades que já nos tinham sido impostas. Eu chorava esses costumes que não tem nada de religioso e que me impediram de acompanhá-lo na sua última morada sob o pretexto de eu ser mulher. O ar me faltava enquanto você estava apertado ao redor de meu pescoço. Meu olhar embaçado por minhas lágrimas, eu odiava esta injustiça da qual eu era vítima.

Eu levantei os olhos para o céu e em uma oração silenciosa, implorei a Deus para ele fazer justiça. Jamais esquecerei esta brisa fresca vinda não sei de onde na canícula no dos Aures, na Argélia, que acariciou docemente meu rosto enquanto eu sufocava entre meus soluços e meus lamentos. Este vento que me cochichava baixinho na orelha: “Suas súplicas foram ouvidas pelo Todo Poderoso, fique tranquila”.

Meu querido hijab, em nome do que eu tenho de mais amado aqui embaixo, minha fé e minha família, eu nunca mais deixarei os outros instrumentalizarem minha religião por conta de costumes ultrapassados.

Julho de 2013

Pequeno burkini,

Verão... sol, sorvetes, churrascos, passeios, mergulhos... Enfim, não para todo mundo. Não para você. Nós tivemos que sair do lago.

Tínhamos decidido, com três colegas, dar uma volta no lago para mudar de ares; meu irmão e minha irmã caçulas, não tendo saído de férias desde que papai se foi, nos acompanharam. Gasolina no carro, música de verão, óleo bronzeador de monoi, cheiros de verão, óculos de sol, dança e brincadeiras no carro: em uma hora e meia todas com nossas bolsas cheias de sanduiches à catalã, toalhas, maiôs, creme e burkinis de todos os tipos em frente a um lago magnífico.

Nós pagamos nossa entrada, desdobramos as toalhas, e em menos de cinco minutos, o bando alegre se encontra na água. Meu irmão caçula monta em minhas costas, pois ele não tem muita autonomia para ficar só na água. Ele tenta empurrar a cabeça de uma amiga na água. Ele finge ser um pirata, eu serei o barco dele, e os outros navios deverão ser absolutamente afundados. Minha irmã caçula, com sua pele clara e frágil, sai da água para colocar creme protetor e uma camiseta para evitar o sol forte nos ombros.

Meu irmão caçula, sempre superexcitado e feliz por aproveitar o banho, ele que passou o verão no bairro, tenta muitas vezes retirar você para brincar. Isso fez as colegas rirem, eu, um pouco menos.

Eu coloco você no lugar facilmente, já que hoje você é um burkini, um maiô que tem a textura ideal para nadar sem preocupação.

Nós brincamos, rimos, nos sujamos, nadamos. Uma tarde de julho como a gente gosta.

Meia hora depois, um salva-vidas se aproxima da gente. Eu percebo a coisa esquentar. Basta eu sair para sentir essa apreensão por tua causa. O que será que vão me falar hoje? Quais valores você ignorou hoje de novo? A laicidade? A liberdade?

O salva-vidas parece incomodado e murmura alguma coisa que nós não compreendemos. Pedimos que ele repita. Ele olha ao redor, respira fundo para ganhar coragem e nos repete claramente:

- Vocês devem sair do lago.
- Por qual motivo?
- A roupa de vocês não está adequada para o banho.

- O que? Bem ao contrário, é um maiô perfeitamente adequado.

Ele não quer ouvir nada. “Higiene, laicidade, regulamento...” Tudo se confunde na sua boca.

E eu, eu perco minhas palavras, e minha paciência.

O mais doido? Minha irmã caçula também deve tirar a camiseta para continuar a nadar. Minhas amigas ficam estupefatas diante da situação. E meu irmão caçula, que não compreende o problema, se recusa a sair da água.

Depois de dez minutos, eu consigo convencê-lo com um sorvete. E eu, o coração cheio de raiva, volto para a recepção. A coisa piora. A moça da recepção não quer ouvir nada. Mas droga, eu paguei para nadar, gastei uma hora e meia para chegar aqui, nós queríamos apenas nos descontraír e nos refrescar nesse mês de julho tão quente! E depois minha roupa é especificamente feita para nadar, eu compro só para isso. Mas o regulamento interno é claro. Está escrito preto no branco: “Burkini proibido”. Eu tento em vão invocar a lei: “Pode ser uma praia privada, mas eles não têm que ter medidas discriminatórias como essa. Vocês não podem atingir claramente uma população, um grupo de pessoas”. Meus argumentos não têm nenhum valor para eles.

“Droga”! Mesmo nos nossos lazeres mais simples nós somos marcados, mesmo dos lagos somos expulsos.

Para não desperdiçar o dia de meus irmãos caçulas e irmãs, eu decidi de permanecer na praia olhando os outros nadarem, olhando com atenção para o menor.

Já faz semanas que eles estão em casa carregando o luto da família nos ombros. Eu não paro de fazer escândalo, e lhes dou uma tarde para que eles possam aproveitar em ser apenas adolescentes em férias.

Na saída, eu passo pela recepção e tento tocar no assunto de novo. A recepcionista me ignora completamente. As pessoas não se indignam quando o assunto não diz respeito a elas.

Tenho vontade de apelar para o seu lado feminista. Em uma época, era o maiô muito decotado que era proibido. Agora são os burkinis. Nos dois casos, as pessoas veem colocar uma pressão sobre as escolhas das mulheres em dispor do corpo delas como bem entendem. Em função dos contextos, as lutas diferem, mas a causa continua a mesma: parar de examinar o comprimento das roupas.

Sejam elas muito longas ou nem tanto, é preciso parar com essa imposição sobre os corpos das mulheres para corresponder ao que a sociedade espera delas.

Mas o olhar dela me diz que minha luta não é a mesma dela. Eu sou a outra. A estrangeira. Aquela cujas práticas as pessoas não compreendem. Aquela contra a qual se luta. Aquela que as pessoas querem libertar à força, privando-a de seus direitos mais fundamentais.

Agosto de 2013

Meu doce hijab,

Pouco a pouco, devagarzinho, o sol entra na nossa vida de novo. As orações, as invocações, as doações, as preces acalmam o tormento dos nossos corações. É a fé que nos salvou de nós mesmos, e que salva esse mundo à deriva.

A vida volta aos eixos com o peso de suas obrigações. Meu diploma na mão, eu preciso encontrar um mestrado que me convém, tenho que encontrar um trabalho onde aceitem você, tenho que encontrar um equilíbrio que me ajudará a aguentar. Eu tenho que conseguir reinvestir nessas atividades que me ocupavam, e que eu abandonei no momento em que meu pai nos deixou. Eu devo, sobretudo, ser forte para meus pequeninhos que perderam um pai aos catorze anos. Eu lhe prometi nunca esquecer aquilo em que acredito; um santo diria: “Eu acredito em Deus como acredito no Sol. Não porque eu posso vê-Lo, mas porque por causa Dele, eu vejo todo o resto”. Quanto a mim, eu acrescentaria: “Eu acredito em minha família como eu acredito na Lua, ela está aí para me iluminar nos momentos mais escuros de minha vida”.

Eu acredito em você, essa ligação profunda que me une a Deus, eu acredito na legitimidade desse duplo combate que eu enfrento a cada dia com você na cabeça, pelas pessoas que farão pouco de minha dignidade humana, e de minha capacidade de fazer escolhas.

Setembro de 2013

Meu pequeno hijab,

Um dos meus sonhos se realizou... O de publicar um livro.

Meu primeiro romance saiu. *Dans la peau d'un Thug*, publicado em 2013 pelas edições ISEdition, esta crônica que reunia alguns milhares de leitores, está agora disponível em livrarias, estou muito feliz. Muito orgulhosa, e eu adoraria, se meu pai estivesse comigo, que ele visse do que sua pequena “Nargessou” era capaz.

Estou tão feliz que meu editor confiou em mim, e que ele não me julgou por sua causa. Por que no clima atual, você poderia ser um empecilho para a publicação. No entanto, ainda existem pessoas que acreditam na capacidade alheia sem emitir nenhum julgamento sobre a aparência delas.

Em uma sociedade ideal, onde você não será um estandarte de todos os problemas de um país, deveria ser normal.

Novembro de 2013

Meu querido véu,

Você sabe, ontem, eu vi minha irmã caçula. Eu fui incapaz de formular o que quer que seja quando eu a vi nesse dia de *l'aïd al-Kabir* “Grande festa”, a festa mais importante do Islam. Uma mistura de sentimentos tomou conta de mim, entre alegria e medo, orgulho e apreensão. Uma hora eu estava muito feliz por poder dividir esta experiência com minha pequena protegida, e ao mesmo tempo paralisada com a ideia que ela terá que encarar o que eu vivi.

Minha irmã caçula decidiu se enfeitar com você. A morte de meu pai fez com que ela se questionasse muito; sobre o sentido da vida e seu lado efêmero, sobre sua fé, sobre suas práticas e a relação dela com Deus.

Nós o usamos por razões pouco parecidas, em contextos completamente diferentes. Enquanto eu estava numa situação muito egoísta de aceitação de mim mesma e desse corpo de adolescente, e você não representava ainda todos esses problemas para as instituições, ela decide se enfeitar com você com o objetivo de se preparar ao Seu encontro, em um contexto de islamofobia institucionalizado. Estou admirada diante de tanta coragem e fé pela sua pouca idade.

Estando completamente incapaz de formular minhas ideias de viva voz, eu lhe escrevi uma carta. Por minhas palavras jamais conseguirem sair da boca, eu decido colocá-las no papel:

Minha querida pequerrucha,

Eu te escrevo essas palavras para te dar coragem, e sororidade.

Eu sei que este ano será especial para você. Sua relação com Deus é única, suas escolhas só dizem respeito a você, então não deixe os obstáculos, as provações, te orientar em um caminho que você não teria escolhido. Se Ele nos deixou a escolha, não é para que a sociedade nos reprima, minha irmã. Ainda este ano, você, eu, e todas as outras nos obrigaremos a sobreviver como pudermos nesse mundo que nos oprime. Você decidiu se ligar a Deus por este sermão secreto: “Minha humildade por seu amor”. Não duvide nunca de suas escolhas, minha querida. Tenha orgulho de você e de suas decisões.

Minha irmã, eu lhe desejo... Na verdade é mais que um desejo, é um favor que eu lhe peço: deixe-me vê-la forte. Mesmo cercada pelo maior mal, mesmo devastada pela dor,

mesmo espezinhada por esse mundo desolado, eu quero ver você forte, que depois de cada queda você se levante com a determinação das guerreiras que não recuam diante de nada, eu quero lhe ver brava e digna, à altura daquela que nos educou...

Porque você sabe, minha irmã, nós não estamos sozinhas. O Eterno está conosco, Ele cuida de nós, nos ajuda e nos preserva. Ele nos cobre de atenção todos os dias e não sabemos o objetivo. O amor Dele se encontra nos laços que nos unem... Não se desespere minha irmã, tenha confiança em você, sem justa à altura de sua alma generosa, e não recue diante de nada pelas suas convicções. E se, amanhã, nós partirmos, saiba que nossa luta brilhará para sempre na memória silenciosa do mundo. Você marcou o meu mundo por tanta coragem e determinação, irmãzinha.

As coisas não serão fáceis, mas estaremos aqui, nós lutaremos cada dia para juntas desmontar esse sistema de opressão que faz do nosso corpo um campo de batalha. Estaremos aqui, por todas, para combater, lutar, resistir. Juntas, nós estamos juntas. Não temos mais a vida, não tenhamos mais medo, e vejamos a maravilhosa esperança que nos é oferecida, todos esses momentos mágicos, essas emoções, essa beleza, essa esperança. Guardemos na cabeça e no nosso coração a grandeza de nossas lutas, a delicadeza desses momentos passados uma com a outra.

À minha irmã de sangue, minha irmã de luta, minha irmã de fé, minha irmã que amo.

Janeiro de 2014

Querido hijab,

Depois que eu apareci na televisão falando sobre meu livro, recebi uma onda de comentários racistas. Eu estava muito feliz da qualidade da reportagem em comparação com outros artigos carregados de um desprezo jornalístico revoltante. Em certos jornais, me apresentaram como uma “mocinha de bairro que usa véu” que desejava deixar seu gueto para fazer missão humanitária. Em outros, meu estilo era claramente criticado ao compararem meu romance aos livros da coleção da editora Arlequim, que publica literatura sentimental destinada ao público feminino. Outra jornalista ousou me perguntar se eu não tinha sido vítima de alguma revolta no meu bairro, dessa forma, bem direta, entre o “Qual sua idade?” e “Por que você escreveu esse livro?”. Eu fiquei tão estupefata que desliguei o telefone. Esta reportagem não tinha nada a ver com tudo isso, a jornalista tendo o cuidado de ser o mais fiel possível aos meus propósitos. Mas mesmo assim, isso não bastou para parar a raiva dos influenciadores digitais.

Não estou mentindo para você, fiquei com o coração apertado e com lágrimas nos olhos lendo esses comentários. Todo mundo me preveniu para não olhá-los. Mas foi mais forte que eu. Foi deplorável. O mais difícil é ver que pouco importa o assunto que abordava no meu livro, ou minha qualidade de escrita, o que contava aos olhos dos comentaristas loucos era você, e unicamente você.

“Quando eu assisto ao canal de televisão France 3, eu quero ver os franceses, não os que usam turbantes”

“Envezada”, por aqui “trapo islâmico” para lá...

Não, na verdade, eu vou lhe poupar de todos os horrores que eu li.

Vale mais para mim que, com o tempo, essas críticas fiquem longe da minha memória.

Fevereiro de 2014**Meu querido hijab,**

Eu quero ver se as coisas são melhores em outro lugar. Vou sair desse país. Quero ter minha opinião, ver outras sociedades, outras organizações, lugares onde as pessoas nem liguem para você, lugares onde as pessoas não tenham nenhuma objeção contra você, nem para impô-lo, nem para retirá-lo. Eu quero ver se meu espaço é em outro lugar. Assim, esse ano eu vou aproveitar as bolsas de estudo para ir ao outro lado do mundo. E mesmo que lá não seja melhor, como bem diz Keny Arkana, uma cantora de rap argentina, mas que cresceu na França: “chega de sofrer aqui, eu vou sofrer em outro lugar”.

Para meu estágio de mestrado, eu decido então ir para o Peru; talvez lá você não exista. Talvez as pessoas nem mesmo te notem. Talvez por alguns meses eu tenha paz. Espero de todo meu coração que você não seja um empecilho para que eu possa conhecer o mundo.

Foi você que me levou a ver as pessoas além da aparência delas; espero que você me permita ver o mundo além das fronteiras.

Março de 2014

Meu pobre hijab, acabado de chegar sob o sol peruano,

É uma hora da manhã quando eu aterrisso em Lima sob um calor escaldante. Você gruda no meu pescoço, escorrega um pouco acima da minha testa. Eu sofro para manter você no lugar certo. Depois de vinte e quatro horas de viagem, o fuso horário, o cansaço e a ansiedade diminuíram minha capacidade de falar espanhol, já muito medíocres. Eu espero pacientemente a minha vez de passar na imigração tentando colocar você corretamente. De longe, percebo uma policial que olha com um ar de reprovação. Espero do fundo do coração não ter que passar pelo guichê dela. Falta de sorte, um casal de americanos avança na minha frente e eu sou obrigada a encará-la. A senhora me olha abusivamente e começa a fazer as perguntas. E assim, sua primeira ordem me deixa profundamente chocada: “Retire o seu véu para o controle de identidade.”

Os mecanismos de resistência se desencadeiam em mim, estou firme comigo mesma, se houver algum problema, ninguém me obrigará a nada, eu prefiro voltar para o avião que ter que lhe retirar. Eu tento lhe explicar que ela não tem o direito de me pedir isso. Eu não abaixo a cabeça, a encaro para não perder a compostura. Mesmo se meu espanhol caótico não me ajuda a defender você, eu tento manter a calma e minha firmeza. Eu sei que posso usá-lo em qualquer passagem de fronteira; nada exige a retirada do véu. Em Dallas, ninguém me importunou por sua causa, no entanto eu temia o pior. Eu estava então a mil léguas de imaginar que no Peru as pessoas me fizessem passar por isso.

Ela interroga então um superior que me dá razão. Fico aliviada, mesmo se a tristeza invade todo meu ser. Mesmo do outro lado do mundo, devo encarar a mesma incompreensão, o mesmo abuso de poder das instituições, o mesmo excesso de zelo dos policiais, o mesmo desgosto pelo desconhecido, o outro, o estrangeiro. É triste.

“Por que você usa isso? Aqui você não está no seu país”.

Obrigada por me lembrar, é verdade que eu quase esqueci que o Peru não era o meu país de nascença. Eu tento em vão lhe explicar que é minha religião, minha liberdade, e que as tradições católicas também pediam às mulheres que se cobrissem por pudor. Ela não me responde, ela não me escuta, eu me deparo com um muro de incompreensão e julgamento. Ela ainda me faz mil e uma perguntas sobre minha viagem, meus estudos, mas também minha origem.

“Sim, eu estou vendo que você tem um passaporte francês, mas não, com o atrevimento que você tem com certeza vem de outro lugar”, dizia o olhar dela quando ela me perguntava se meus pais eram nascidos na França.

Mal cheguei sobre o sol peruano, sofri as repercussões nefastas das notícias sobre os mulçumanos e o véu pelo mundo.

Mal cheguei em solo peruano, tive a impressão de compreender um pouquinho do que sofrem “os estrangeiros indesejados” na França. Mal cheguei em solo peruano, sinto-me obrigada a resistir, pois as coisas não são melhores aqui como eu pensei para você, para mim, para os outros.

Abril de 2014

Hijabou sedoso,

Ontem à noite, ao redor da nossa mesa de voluntários, você foi nosso assunto principal. Nós falamos das perspectivas de futuro de cada um. Enquanto alguns querem continuar o trabalho voluntário, outras sonham em ser fotógrafo, arquiteto, ou andar pelo mundo. Quando chega minha vez de falar, eu digo que, apesar de meus alguns diplomas, eu só aspiro ao seguro desemprego aos vinte e cinco anos, já que o véu está banido de nosso querido e terno país. Eu não esperava esse tipo de reação, mas eu acho que a saudade da França misturada à cerveja consumida em excesso fez com que soltassem o verbo a teu respeito.

Uma voluntária, encarnando o estereótipo da hippie engajada, simpática com todo mundo menos comigo, acabou me dizendo que ver mulheres colocarem o hijab a agredia em seu dia a dia.

“Eu, eu não posso concordar que mulheres se oprimam elas mesmas por modos tão ultrapassados como o véu.”

Eu hesito entre lhe responder ou derramar meu copo de Inca Cola, um tipo de refrigerante peruano, na cabeça dela.

Eu lhe respondo que ver mulheres dispor do corpo delas como bem entendem, segundo uma escolha consciente e madura, põe em cheque sua visão muito europeizada do mundo: isso põe em cheque sua visão muito pessoal de liberdade, e era isso que a agredia. Seguiu-se uma discussão acalorada até tarde.

Às duas horas da manhã, quando todos os outros foram dormir por cansaço ou desinteresse pelos nossos debates, ela acabou me dizendo que as mulheres de véu incitavam o estupro, “já que os homens muçulmanos dos bairros são frustrados por não verem o corpo das mulheres que usam o véu. Eles descontam então naquelas que ousam desafiar o proibido”.

Eu nem mesmo tive forças para te defender. Na realidade, nem você nem o Islã eram o assunto. Mais uma vez, se tenta achar desculpas para os estupradores: um véu, uma saia, isso não agride, um véu ou uma saia, isso não infringe; os únicos responsáveis são os estupradores, e unicamente eles. Para culpar mais as mulheres pelas suas escolhas, fazem delas as principais responsáveis pelas violências sexistas que aparecem no caminho delas. A passagem entre o sexismo e o racismo dá num piscar de olhos. Suburbanos

estupradores de suas mulheres, e *estupradores* das mulheres dos outros. Foi tão desolador, meu pequeno hijab, que eu acabei deixando para lá.

Eu prefiro deixar a associação, e andar tranquilamente no Peru, sem ter que me privar da presença de meus queridos compatriotas emigrantes franceses.

Maio de 2014

Meu querido hijab,

Ontem, quando estávamos no ônibus para ir fazer uma caminhada na cordilheira dos Andes, eu falei para minha amiga da minha vontade de dedicar um livro a você. Eu quero escrever outra coisa além das histórias de “You”, personagem principal do livro *Dans la peau d’un Thug*. Além dessa identidade de bairro, eu quero falar de você, eu quero falar com você, eu quero dividir com o mundo nossa história, aquela na qual eu decidi me ligar a você, aquela de todos os problemas que atravessamos, da retirada do véu às humilhações passando pelo ódio, mas também aquela das conquistas, da humildade, sororidade que me liga às minhas irmãs, aquela da ligação com Deus que eu tento, aos trancos e barrancos, preservar com tua presença, pelas preces, pelos diferentes atos de adoração, pela viagem, a doação e a luta pela justiça social...

Eu quero falar de tudo isso em um livro, quero testemunhar a minha história mais bonita, aquela que tenho vivido com você.

Minha amiga me encoraja cem por cento, ela me apoia e me ajuda a colocar ordem em minhas ideias. Foi dentro de um ônibus nos confins das montanhas peruanas que a ideia desse livro nasceu.

Junho de 2014

Mi pequeño velo²³,

Chega o final de minha turnê. Para festejar esses poucos meses de viagem, nós nos encontramos em um restaurante do centro da cidade com meu colega de quarto e minha companheira de viagem para o programa Ceviche²⁴, Papa rellena²⁵ e apresentação musical. Para a ocasião, você era vermelho e preto, com uma rosa negra que enfeitava teu lado.

Enquanto eu falava com meu amigo, um homem nos abordou para nos perguntar de onde éramos.

“França”

Ele concorda sem estar convencido. Como sempre, meu aspecto não corresponde à imagem que os peruanos fazem da França, e você, meu pequeno hijab, você não ajuda.

Rapidamente o assunto vira em torno de você. No início ele achou que eu era uma freira cristã, depois, ouvindo nossas conversas em língua estrangeira, ele mudou de ideia. Falamos de você, e de sua presença em todas as religiões. Eu sei que você não é próprio dos muçulmanos, mas no Islam, nós somos mais numerosos a usar você. A conversa termina por um pedido de casamento digno das telenovelas, e a promessa de uma conversa durante a semana. Entre riso e embaraço, eu recuso seu pedido, dizendo que estou com pressa.

A noite continua e desta vez é um homem que logo notou que eu era muçulmana e veio falar com a gente. O tom é mais animado, a conversa se transforma em interrogatório. O rapaz me garante que em três encontros comigo ele me provará que minha religião é falsa, e o cristianismo verdadeiro.

Eu tento lhe explicar com meu espanhol mais ou menos, que para mim não é questão de pretender deter uma verdade qualquer.

²³ “Meu pequeno véu” em espanhol

²⁴ Ceviche - uma marinada de frutos de mar.

²⁵ Papa rellena - rocambole de batata recheado com carne moída

Eu acredito em Deus e em todos os profetas, eu não tenho necessidade de convencer as pessoas do bom fundamento da minha fé. Ela não se explica, nem se discute, ela se vive, e pronto.

Esta última noite me mostrou a abertura dos peruanos com relação ao meu véu apesar das discussões animadas, cheias de paquera. Se eu lhe conto essas piadas você vai ver que não são poucas.

Estamos todas sem exceção marcada pelas notícias que produzem informações erradas e fantasiosas sobre o véu. O que, conseqüentemente, provoca uma rachadura no seio de nossa sociedade. As únicas pessoas que me abordam na rua na França, fazem isso com o coração cheio de ódio. Eles não querem nem saber nem perguntar nada. As ideias preconcebidas estão profundamente enraizadas neles, não tem mais assunto. O Peru me fará falta por isso. Apesar de minha chegada caótica, e minha relação de força com a moça da imigração, minha experiência de viagem me terá mostrado que as pessoas que não conhecem você, me questionam sem maldade, apenas com uma curiosidade sincera. E é esta “diplomacia” que vai me fazer falta brutalmente.

Dezembro de 2014

Querido hijab,

Para 2015, eu desejo que cada dia seja de renovação para nós, que não seja um começo de ano para sermos consumidos pelo desejo de revolta, que seja para nos indignarmos por todos os males que apodrecem nosso mundo, e não somente os que nos dizem respeito, mesmo considerando que nossos males são cada vez maiores. Para isso, meu querido hijab, eu nos desejo a revogação das leis islamofóbicas e sexistas, todas sem exceção, que cada menina possa ter acesso à educação sem fazer concessões sobre sua identidade religiosa, que toda mulher possa ter acesso ao espaço público sem ter de revelar a sua intimidade, mesmo se ela decidir que seu corpo inteiro faz parte da sua intimidade.

Eu nos desejo os mesmos direitos, os mesmos salários, a mesma representatividade, as mesmas possibilidades que os homens, que as mulheres que não usam o véu, que os outros! Eu desejo que nós sejamos respeitadas sem precisar exigir isso, eu nos desejo o acesso aos tratamentos, à moradia, à educação sem concessões. Eu desejo que nossos sobrenomes, nossas origens, nossa religião não sejam mais um obstáculo para obter condições de vida decentes.

Eu desejo que sejamos respeitados como qualquer outro ser humano, nem mais nem menos.

Janeiro de 2015

Meu pobre hijab,

Foi na aula que eu soube que os jornalistas do Charlie Hebdo, um *jornal semanal satírico francês*, tinham sido mortos. Estávamos fazendo nossa mini reportagem quando uma menina da nossa sala chegou contando o que ela sabia dos acontecimentos. Houve um silêncio mortal. Ninguém ousa falar nada. É como se o silêncio nos protegesse da divisão, de nossos pontos de vista que iriam entrar em choque, de nossos medos que iriam se encontrar. Eu oro silenciosamente por aqueles que não são muçulmanos. *Meu Deus, eu lhe suplico, já é bastante difícil...*

Ninguém diz nada, pois ninguém sabe de nada. Existe um abismo entre o que as notícias mostram e a realidade. Assim, meus colegas preferem calar a boca. E é melhor assim, cada um retorna para sua montagem. Aqui dentro da sala eu estou protegida. Nenhum olhar enviesado, nenhuma acusação sem fundamento. As fisionomias são tristes e sinceramente desconcertadas, mas não existe ódio.

Somente voltando para casa e abrindo a internet, esta janela virtual onde as pessoas têm coragem de falar tudo, que a angústia veio. Semanas e semanas de polêmicas. Uma imprensa que se enfurece, crianças colocadas sob custódia, suspeitas de terrorismo por todos aqueles que não são “Charlie” o bastante, imposições para que os muçulmanos não se ajudem, para ser Charlie, para sair às ruas... Depois, no nosso meio, amizades que se dividem em os “eu sou” e “eu não sou Charlie”, as brigas que explodem, a caça àqueles que não se reconhecem nem nos massacres nem na mentira... Minha mãe que nos pede para termos cuidado com você, de usá-lo da forma mais discreta possível. É inverno, por que não trocar por uma touca e uma echarpe? Minha mãe tem medo que suas filhas sejam agredidas, como essas irmãs das quais ouvimos histórias, que foram agredidas verbalmente, fisicamente ou moralmente porque elas usam o véu.

Eu acho que meus votos para 2015 não se realizarão. Ao contrário, este ano será pior.

Março de 2015

Estou sem forças, meu hijab,

Eu tenho vinte e três anos, e muitos desejos: viagens, livros, estudos, batalhas, revoltas e solidariedade.

Mas, aos olhos da França, não passo de uma cabeça vazia e submissa sobre a qual puseram você contra minha vontade, você, esse maldito véu islâmico. Uma mente vazia e submissa que a França, por sua grande caridade e coração bondoso, quer retirar, liberar e encher com os princípios do Iluminismo. Uma mente vazia e submissa que deve encarar a cada dia uma sociedade que quer retirá-lo a força por bem ou por mal.

Estou sem forças, meu hijab.

Eu escolhi você jovem, eu sei. Mas não esquecerei a razão disso.

“A despeito de me agradar, eu enfim agradava a Deus”

Essas palavras, escritas no meu diário de adolescente em busca de identidade, eu não posso esquecer. Você me ensinou a amar, eu, essa adolescente jovem, muito exposta a um mundo que lhe lembrava de que sua pele de burro quando foge, seu cabelo desarrumado, seus contornos corporais arredondados, suas roupas de feira e sua pobreza, não faziam dela uma pessoa bonita. Mas você pôs um frio nisso tudo, você me ensinou a me amar. Você me disse: “Brilhe apenas, por sua inteligência e sua alma. Esqueça essas imposições sobre a beleza, a magreza, a atitude *fashion*. Tenha orgulho do que você é interiormente”. Você me libertou e me emancipou.

No entanto, em 2004, eu, como milhares de outras meninas, fui forçada a retirar você no santuário do Saber. Desde então, eu não me lembro de um ano sem que você não tenha sido vítima de uma crítica, de uma discussão, de uma discriminação, de um gesto, de um olhar, ou de um insulto. Um ano sequer sem que eu não sinta os mecanismos islamofóbicos desabarem sobre você, meu hijab, ou nos de minhas irmãs. Uma semana sequer sem que não seja inserido o sexismo na islamofobia, pois sim, a França decide que, enquanto mulheres, não podemos dispor de nosso corpo como bem entendemos, que não passamos de um “pedaço de carne” que usa o véu, sacrificada por um Islam julgado como radical. Somente pela pressão patriarcal de nossos pais, nossos irmãos, nossos tios e nossos primos que nós, mulheres estúpidas e desmioladas, podemos decidir colocar o véu.

Nunca é sob nosso próprio entendimento, nunca é segundo nossa capacidade de escolha. Eu me pergunto mesmo se nós, jovens mulheres muçulmanas francesas, possuímos apenas um cérebro.

Estou sem forças, meu pequeno hijab.

Faz quase catorze anos que uso você, em suma é mais que a metade de minha vida, e, no entanto, isso nunca foi tão difícil como nos últimos tempos. Eu fiz a escolha, na minha volta de uma viagem espiritual, de jamais lhe retirar para trabalhar. De impor minha escolha à França, e de não deixar nenhuma instituição, nem nenhum superior me restringir na minha liberdade de culto. E desde essa escolha, eu me deparei com centenas de recusas em vários tipos de trabalho, trabalho que eu não tinha antes, sem o véu, nenhuma dificuldade em encontrar. Apesar da minha qualificação, minha vontade e minhas inúmeras experiências, eu me vi assim obrigada a fazer pequenos trabalhos de empregada, serviços onde as pessoas não verão minha cabeça suja de “mestiça” que usa o véu, serviços onde eu esteja em “contato com os clientes, por que você sabe... isso não passa uma boa imagem sua... enfim, você me compreendeu”. Esses trabalhos mal pagos, que acabaram com a coluna de minha mãe, queimaram as mãos de minhas tias, que são raros, e que começam eles também a invocar da sacrosanta laicidade para diminuir pouco a pouco o tamanho de nossos véus.

Estou sem forças, meu pequeno hijab.

Eu terei que voltar atrás em uma promessa que eu me fiz de não retirá-lo mais para trabalhar. Pois, a falta de dinheiro não poupa ninguém, e, na minha idade, não podemos mais nos permitir depender financeiramente de quem quer que seja, principalmente de nossa mãe. Serei obrigada a retirá-lo durante minhas horas de trabalho, e a ideia de ficar mais uma vez com a cabeça descoberta na frente de desconhecidos me corrói por dentro. Eu culpo a França por me colocar contra a parede. Eu culpo a França por não me aceitar tal como eu sou, de não aceitar todas aquelas que decidiram usar o véu, eu culpo a França por fazer de nós o Inimigo número um da República e, simultaneamente, por distinguir e hierarquizar seus cidadãos. Eu culpo a França e estou cansada. Ela é responsável, pois é cúmplice silenciosa das agressões que nós sofremos a cada dia, responsável, pois cria as leis que nos discriminam todos os dias.

Estou sem forças, meu pequeno hijab, vou continuar a procurar, talvez as coisas sejam melhores em outro lugar.

Abril de 2015

Meu lindo véu,

Para terminar meu último ano de mestrado, eu decidi fazer um estágio em Londres. A Inglaterra, esse país visto como o Eldorado pelos muçulmanos da França, principalmente pela tolerância religiosa.

É impressionante. Ninguém liga para você. Que você esteja aqui ou não, isso não importa. Aqui, não temos interferência laicista. As pessoas prestam mais atenção em minhas competências, meu discurso, sobre o que penso, não com a imagem que eu passo. Virou uma situação perturbadora lhe usar sem que isso não seja questionado, sem que você não esteja no centro de um debate público geral.

Quando eu converso com meus colegas de estágio sobre você, eles ficam chocados. Eles pensavam que foi uma espécie de lenda urbana o que falavam de você na França, histórias exageradas. Eles não conseguem conceber que as pessoas possam recusar o acesso a um emprego apenas por sua causa sem que isso seja considerado discriminação; que na televisão, a palavra possa ser tão opressora sem que isso revolte a população.

Na França, passamos nosso tempo elaborando teorias sobre o viver em sociedade, mas na prática as pessoas não vivem juntas. Aqui, eles não têm necessidade dessas teorias, cada dia o “viver em sociedade” é vivido por eles, simples assim.

O mais impressionante, meu pequeno hijab, são as pausas não mistas, quando homens e mulheres ficam separados. Eles não criam nenhum empecilho, nenhuma discussão. Muçulmanas ou não, cobertas ou não com o véu, as mulheres se juntam na hora da pausa para o almoço. E ninguém poderia falar de comunitarismo, ou de radicalização. Como podemos nos tornar radicais passando a pausa do almoço na piscina? Querer se preservar de olhares obscenos de homens que veem para espreitar, faz das mulheres comunitaristas integristas? Mulheres usam você de todas as maneiras, e elas são médicas, bancárias, professoras, instrutoras de ginástica, ou modelos. Você não representa um problema para ninguém. Você permanece no seu lugar de prática religiosa singular. E ninguém emite opinião sobre sua presença ou não. Você volta a ser um pacto silencioso com Deus e não somente um símbolo de um Islam “político radical” que a França tenta fazer você representar.

Junho de 2015

Meu amado Hijab,

Meu fichamento foi reprovado. Fiz uma crítica sobre a formação dos líderes religiosos na França, em particular os imames, chefes religiosos muçulmanos. Essa ideia, para mim, é a antítese da laicidade. Isso claramente não agradou ao meu professor, que me disse que com a minha declarada afiliação religiosa, ou seja, que usando você, seria atrevimento meu dar lições de laicidade. A discussão continuou então bem acalorada. A laicidade, em seu sentido original, não permite a cada pessoa praticar ou não uma religião? Por conseguinte, eu, uma “zé-ninguém”, preciso ter um comportamento religioso neutro para estar de acordo com meu status de cidadã? De modo algum! Mas, ele descontou da minha nota porque, em todo caso, dar lições de laicidade quando se usa o véu, é indecente.

Desde 2003, caímos realmente em uma espiral de loucura laicista. Eles agitam a laicidade como um estandarte contra nosso obscurantismo, mas acabam prejudicando apenas um Estado desejoso de formatar um “Islam da França” misturado ao seu tempero republicano! Você não seria então laico, pequeno hijab; em contrapartida suas formações de líderes religiosos, elas, são realmente laicas.

O Estado que decide se intrometer em religião, isso é laico!

Julho de 2015

Meu pequeno hijab,

Na minha vida virtual, um dos meus objetivos - eu admito, é ridículo – era ser Embaixadora do Blablacar, a sociedade francesa de transporte solidário. É meu lado invasor de fóruns “Harry Potterianos” de adolescente que reaparece. E para isso foi preciso completar meu perfil com uma foto minha. Acabei cedendo à pressão, pois, apesar das minhas muitas viagens, notas, apreciações, eu não conseguia passar para um nível mais alto. Escolhi uma foto na qual você era rosa, na qual eu estava bem bonita e sorria de forma escancarada. O tipo de sorriso que diz: “Eu sou simpática, não duvide disso”. Foto colocada, eu inicio minha próxima carona solidária, sempre com preço baixo, o que faz que em dia normal, meu carro esteja completo em uma tarde.

O dia passa e nada acontece.

Eu olho meu aplicativo para verificar que meu anúncio foi mesmo publicado. Sim, ele está lá e, principalmente, ele foi visto dezenove vezes... Estranho. Eu começo a me fazer perguntas. A noite passa, nenhuma reserva nova. Meu preço é, contudo, um dos mais baixos da página. Os outros que colocam o trajeto com o mesmo preço estão cheios. Mas o que está acontecendo? Minhas avaliações são muito boas, sendo cinco a nota máxima, tenho uma média de 4,7, eu sou experiente, indicada, blá, blá, blá... Então por que diabo as pessoas não escolhem meu anúncio? Foi ao me deitar que eu entendi o que tinha mudado. Eu tinha colocado uma foto de perfil na qual eu usava você! Nos meus outros trajetos, eu não tinha foto. As pessoas não podiam então lhe julgar, elas confiavam nos comentários, nas minhas notas, no meu preço, na minha apresentação. Nunca na imagem que eu passava. Mas a partir do momento em que eu expus meu rosto, os usuários do Blablacar preferiram pagar mais caro por um trajeto em vez de dividir um carro com uma mulher que usa véu. E minha especulação noturna se confirmou quando eu, finalmente, excluí minha foto. No dia seguinte, ao meio dia, meu carro estava completo.

Eu que adorava as caronas solidárias por causa de todos esses belos encontros que pude fazer, hoje tenho um gosto amargo na boca. Então, o desgosto é esse.

Outubro de 2015

Meu hijab,

Se ao menos tudo isso pudesse acabar. Se ao menos eles conseguissem nos deixar em paz. Se a escola ao menos nos desse a mesma chance, nos concedesse o mesmo tratamento... Esses profissionais ligados à educação que deveriam ser benevolentes, supostamente responsáveis por garantir a segurança moral, psicológica e física dos alunos, completamente obcecados pela laicidade deles, chegou a humilhar minha irmã como nunca.

Quando ela estava entrando no colégio, retirando você como ela faz toda manhã, a diretora a intercepta para “avaliar” a sua roupa. Ela não estaria de acordo com os princípios da laicidade. Nesse dia, minha irmã caçula usava um vestido preto combinando com um bonito colete bege. Mas para essa diretora, esta roupa seria ostensiva. Estamos, como há sete anos, sofrendo as mesmas críticas, as mesmas interpelações que incomodam. Só que dessa vez ela foi mais longe. Para se defenderem, minha irmã caçula e a amiga dela explicam que todo mundo usa esse tipo de vestido. Mas, nada adianta, sua presença sobre a cabeça delas, alguns minutos antes, faz que elas sejam alvos privilegiados para o batalhão de conduta laica. Ela acabou por fazê-la retirar o vestido na entrada do colégio e restou à minha irmã caçula ficar de camiseta e legging. Diante desse atentado ao pudor, a diretora se satisfez com um: Misericórdia! Com você é tudo ou nada”.

Ela ficou quase meia hora desse jeito, seminua tentando com dificuldade se esconder com seu colete para não atrair a fúria da administração. Ela finalmente se vestiu depois de assegurar que estava longe dessa diretora sendo o mais discreta possível.

Eu estou magoada lhe escrevendo essas linhas. Isso está indo cada vez mais longe, sempre mais longe. Nós não deixaremos essas humilhações se repetirem. Sua presença em nossas vidas faz com que o mínimo de panos que usamos seja suspeito de radicalização, ostentação, proselitismo... Todas essas palavras enfáticas com as quais as pessoas nos qualificam para nos excluir, nos humilhar, nos discriminar ainda mais.

Aos dezesseis anos, ela não conhece ainda a noção de justiça e já deu de cara com a injustiça.

Novembro de 2015

Meu querido hijab,

Você sempre foi para mim uma fonte de emancipação, primeira grande escolha do meu pouco tempo de vida; eu estava orgulhosa de ter de defender você diante de pessoas próximas, diante dos professores, diante do mundo que fazia você carregar significações imaginárias.

Mas, hoje, falando com amigas da Argélia, eu compreendo como, em certos contextos, não usá-lo pode ser uma escolha eminentemente política, uma escolha de resistência. Na França, enquanto você é considerado pelas instituições como um inimigo que deve desaparecer, lá, decidir não usar você é uma batalha muito difícil.

Eu brigarei ao lado de todas as mulheres, independente de suas escolhas, para que elas possam dispor de seus corpos como quiserem, com ou sem você.

Eu acabei de saber que uma menina da cidade tinha se suicidado. Muita pressão sobre essa menina que tinha decidido se afirmar sem usar você. Uma alma tão nova em pleno desenvolvimento, que tinha tanta coisa para descobrir, tantos sentimentos a conhecer, cansada de viver, colocou um ponto final à história de sua vida. Fiquei com um nó na garganta... Que Deus lhe conceda misericórdia. Sim, eu clamo pela misericórdia de Deus sobre ela, pouco importa seus comentários pelo gesto de desespero dela, pouco importa a sua fé presunçosa, ofensiva e maniqueísta, pouco importa o que eles pensam, sim esta noite eu clamo por ela a misericórdia daquele que perdoa todas as coisas. Esta pobre criança. E se isso tivesse acontecido com minha irmã caçula? Se tivesse sido comigo?

Ela poderia ser qualquer mulher a quem se impõe o peso da respeitabilidade, a boa conduta, a retidão, sem nunca denunciar o lado ruim da situação. Sem nunca questionar o sistema patriarcal no qual sobrevivemos, sem nunca criticar as imposições que nos oprimem, que negam nossa humanidade, essas pressões tão fortes que empurram crianças para a morte.

Eu não suporto a ideia que possam utilizar você para oprimir mulheres, que você possa ser uma garantia de boa conduta. Você deve apenas ser a escolha amadurecida e desejada de uma mulher que tenha uma promessa com seu criador. Mas, por que utilizam você para fazer o mal? Para controlar? Para julgar e excluir os outros?

Em nome do Islam, em teu nome, os fiéis se permitem muitas coisas. Eles julgam seus correligionários que não vivem a fé deles da mesma maneira.

Tudo o que não corresponde a nossa percepção de respeitabilidade é considerado maléfico. Não entendo mais essas atitudes. Você nunca foi um meio para julgar os outros, nem de denegrí-los, bem ao contrário, e quando voltamos à essência de nossa religião, nos damos conta que eles estão a anos luz dos ensinamentos.

O Islam recebeu um bando de idólatras, um bando de alcoólatras, um bando de orgulhosos e de injustos, mas nosso Santo Profeta - que a paz e a benção de Deus esteja sobre ele e sua família – não se dirigiu a eles tratando-os com desprezo e indelicadeza, ele não se dirigiu a eles com censura, dogmas mesquinhos. Ele chegou com a luz da fé, ele chegou com a esperança da misericórdia, ele chegou com doçura, pertinência e ciência.

Se as pessoas não são capazes de ter tanta fé nas suas evocações, tanta misericórdia, tanta profundidade, que elas se abstenham. E que deixem em paz aquelas que fazem de maneira diferente.

Esta noite, eu estou triste, triste em ver que as pessoas podem te instrumentalizar ao ponto de destruir. Triste em ver que os homens podem infernizar meu mais belo combate.

Meu paraíso jamais será o mesmo de uma outra.

Dezembro de 2015

Meu doce hijab,

Eu não vou deixar mais nenhum homem julgar seu comprimento, sua cor, seu estilo. Mais nenhum! Por muito tempo as pessoas censuraram meu extremismo. Quando você aparentava um jilbab, eu fazia o jogo da Frente Nacional para provocar a população francesa pela quantidade de tecido, e pouca cor. E então, hoje, quando eu decido lhe usar de forma diferente, em função do meu humor - você pode ser um turbante bonito, um lenço dourado, enfeitado de coroas de flores, de brincos ou com um prendedor de cabelo em formato de coração e pedrarias - eu não correspondo mais ao que se espera de uma mulher muçulmana. Atenção, DA mulher muçumana.

Encurralada entre duas concepções extremistas, interventoras e sexistas. Tanto de um lado como do outro, se retiram das mulheres sua autonomia, sua capacidade de escolher, desvalorizam-se seu espírito crítico, fazem delas marionetes desarticuladas que precisam ser guiadas de um lado para outro:

Retirando o véu dessas muçulmanas contra a vontade delas, submetidas às ditaduras religiosas, essas impertinentes colocadas sob uma ideologia obscurantista e fanática.

A “recolocar o véu” dessas muçulmanas de véu ocidentalizadas, submetidas às imposições da moda, essas inúteis colocadas ao serviço de uma ideologia perversa e diabólica.

Tanto entre os laicistas quanto entre os muçulmanos, nós somos infantilizadas, privadas de nossa capacidade de refletir e de escolher. E você resta o assunto preferido nas conversas. No entanto isso não interessa nem a um lado nem a outro.

Janeiro de 2016

Meu querido pequeno hijab,

Passamos o tempo discutindo sobre você com as irmãs. Tudo o que lhe diz respeito vira política. As meninas que usam e falam de você no Youtube, colocaram em debate a representação das mulheres que usam você, e principalmente nossa existência no mundo da moda, nos domínios da beleza ou mesmo na mídia. Então, como se amar, se emancipar, se encontrar, quando não temos nenhum modelo que se pareça conosco? Quando somos excluídas, na verdade, pelos padrões de beleza? Quando nossos códigos, nossas peles, nossos corpos nunca são representados?

É unânime: a presença dessas meninas que o celebram, que o usam como acessório, que o banalizam, nos faz um bem enorme. Elas usam você de todas as maneiras, de um jeito próprio; elas falam delas, de você, da vida delas com você, da maneira de usar você, conselhos práticos para viagens, casamentos, saídas noturnas... Elas fazem de você um companheiro normal. Alguns falam de uma geração virtual narcisista, eu diria que somos uma geração que soube criar seus próprios modelos.

Para nós é feminismo. Um feminismo que não nos exclui, um feminismo que fala de nossas lutas para existir, um feminismo inclusivo. Unanimamente, decidimos retomá-lo, e dizer a todos aqueles que desde sempre nos excluem com o intuito de nos libertar, de organizar seu complexo de branco salvador e civilizador nos armários sombrios da república colonial. Isso acabou!

Ninguém tem que nos libertar, nós o faremos, da nossa maneira.

As discussões tomaram corpo durante o chá. É isso que se chama sororidade: dividir, trocar, se emancipar, se gostar.

“Não devemos provar nada a ninguém.”

“O feminismo acontecerá sem nós.”

“Estamos cansadas do uso do anti-sexismo para esconder um racismo esmagador.”

“Não queremos mais retiradas públicas do véu, nós não queremos mais missão civilizadora.”

“Desejamos que nossas escolhas não sejam mais questionadas, não desejamos nos justificar.”

“Queremos afirmar nossa liberdade para dispor de nossos corpos como nós quisermos”.

“Usando o véu ou não, ninguém tem que nos dizer como devemos nos vestir. Livres para sermos pudicas, livres para não sermos.”

Março de 2016

Meu querido hijab,

Estou enfurecida!

Eu tive uma discussão na internet com um irmão que alegava que as mulheres que usam você e que brigam contra a islamofobia para ter acesso livre a lugares como uma sala de ginástica, na realidade não passavam de militantes desmioladas que provocariam voluntariamente situações de discriminação com o intuito de dispor de um pretexto para facilitar a luta delas. Não, falando sério, as pessoas podem parar de delirar?

Como se não fosse o suficiente o que sofremos na pele com as engrenagens de um sistema racista excludente, que nos priva de nossos direitos mais básicos como o acesso à escola, ao trabalho ou ao lazer, é preciso ainda que os “nossos” nos cusпам assim tão porcamente na cara com reflexões desse tipo!

Nós não provocamos situações de discriminação para militar e sermos reconhecidas! Militamos porque sofremos todos os dias desde que decidimos usá-lo, humilhações, violências e opressão. Militamos porque não temos mais escolha. Nós militamos porque queremos continuar a usar você! Eu encerrei a discussão com esse irmão com esta frase: “Até o dia em que você tiver de sair de casa com o estômago embrulhado de stress só pela possibilidade de sofrer mais uma violência por usar o véu mesmo sabendo que o mundo possa desabar sobre sua cabeça. CALE A BOCA! Para sempre! Tua opinião não interessa a ninguém!”.

Não vamos mais nos calar, meu querido hijab, pouco importam nossos detratores.

Abril de 2016

Meu pequeno hijab,

Hoje, enquanto eu estava em videoconferência com estudantes americanos durante uma aula na faculdade, vi na sala uma moça vestida com um véu comprido. Eu passei minhas duas horas olhando para ela. Você não imagina como eu estava feliz, ela falava tranquilamente com os outros estudantes, com o professor dela, depois ela tomou a palavra para nos falar da tese dela sem nenhuma pressão. Como eu tive inveja dela nessa hora! Mas, racionalmente, eu sei que os Estados Unidos não possuem nenhuma lição para nos dar no que concerne à islamofobia ou ao racismo, mas o clima de histeria geral no qual a França está mergulhada desde o Estado de urgência transforma qualquer outro país em um lugar ideal para se exilar.

E finalmente, falando com os colegas de curso, eu soube que nosso professor fez comentários desagradáveis sobre ela, dizendo que se por acaso uma moça se apresentasse assim no auditório, ele se recusaria a dar aulas.

Aí está o que eu chamo de choque cultural.

Junho de 2016

Meu querido véu,

Finalmente encontrei trabalho. Minhas preces foram ouvidas. Eu posso trabalhar com você, sem precisar lhe retirar. Um trabalho que eu sempre quis ter: assalariado em uma associação que me permite ter mil e uma funções que me alegre, me estimule, me traga benefícios...

Foi completamente inesperado, eu que não aguentava mais, não tinha mais a quem recorrer, tendo que me sustentar sem a ajuda da família. Eu sentia todos os mecanismos da precariedade se abaterem sobre mim sem que eu pudesse mudar a situação. Eu que adia o momento em que eu teria que procurar trabalho sem você. Eu que ia romper essa promessa que tinha solenemente feito a mim em frente da Kaaba. Eu que ia apenas me submeter às leis injustas, acabei por encontrar essa vaga quando conversava com um colega. Em um mês, eu entrei na associação. Um verdadeiro trabalho, que me dá prazer, onde eu posso desenvolver projetos que me agradam, onde se redescobre a educação popular e onde se desconstroem seus privilégios.

Obrigada meu Deus, nem consigo acreditar que é verdade... Eu que estava resignada a ficar no seguro desemprego para te poupar, finalmente encontrei um trabalho antes mesmo de acabar meu segundo mestrado!

Mas, não é por que eu encontrei uma colocação que a batalha vai acabar. Isso significa apenas uma vitória individual. Uma exceção. E minhas irmãs diplomadas até o pescoço, excelentes, com percursos universitários brilhantes, continuam a batalhar duas vezes mais que as outras para encontrar o lugar delas. Enquanto mulheres forem discriminadas em todos os aspectos de suas vidas pelo fato de usarem você, será necessário lutar.

Este trabalho me permitiu compreender os mecanismos perversos do racismo de Estado, e como a exclusão das mulheres que o usam não vem apenas de um único ator, mas mesmo de uma bateria de instituições que deixam no ar uma indefinição jurídica totalmente vaga que nos abala.

De minha parte, se os meus colegas e a associação não têm nenhum problema com você, desde minha chegada, eu já enfrentei muitas barreiras por sua causa. Uma das ações da minha associação gira em torno de um projeto de intervenção nos assuntos da atualidade nos colégios, em parceria com outras estruturas. Dado que a lei é vaga sobre o estatuto das intervenções em relação ao princípio da neutralidade religiosa, as outras organizações, para não prejudicarem a finalidade do projeto e os financiamentos, defenderam a autocensura; eu não posso então fazer parte dos interventores, pois isso poderia comprometer as relações com os estabelecimentos.

Em outras palavras, mesmo quando uma estrutura decide engajar uma mulher que usa você, ela é confrontada a uma série de problemas entre seus parceiros, suas intervenções, seus acordos com a administração estatal... Quando sabemos disso, compreendemos muito bem por que inúmeras estruturas associativas, mesmo aquelas que lutam contra as discriminações, não têm a coragem de engajar uma mulher que usa você. As missões serão encaradas como problemáticas sempre que se tratar de intervir junto ao público.

É muito perverso. O Estado cria as condições para que a exclusão aconteça em todos os meios, e mesmo quando certas pessoas resistem, elas veem oportunidades desaparecerem por terem tido a coragem de estar de acordo com suas convicções.

Quantas de minhas irmãs ainda sofrem humilhações, as privações de liberdade, a rejeição e a exclusão? Quantas de minhas irmãs ousam lutar por você ao ponto de se “queimar” publicamente? Quantas de minhas irmãs têm o privilégio de poder assumi-lo no dia a dia? Nossa precariedade, aliada a esse sistema racista, nos mantém em um *status quo* esgotante, nos impede de avançar na nossa luta. E mesmo quando alcançamos alguns espaços de liberdade, eles são questionados sem cessar por esse sistema que o vê como um problema a ser erradicado.

Agosto de 2016

Meu querido véu islâmico,

Eu me pergunto sinceramente o que fará a atualidade francesa sem você, sem o Islã, sem nós.

Esses últimos anos, nós entramos em uma espécie de rotina temperada de polêmicas islamofóbicas. Em função da agenda, os assuntos vão mudar, mas restarão fundamentalmente os mesmos, ano a ano; a prática do Ramadam²⁶, para os assalariados, depois as polêmicas de verão sobre o burkini e a nossa presença na França; com a volta às aulas, serão as questões em torno das comidas autorizadas pelo Islam na cantina, e o comprimento das saias, dos lenços, dos vestidos das meninas.

Com a chegada de nossas festas religiosas, a questão do carneiro da *Aïd*, vai ser levantada, bem como todas as considerações sobre a vida animal e o sacrifício ritual. Essas mesmas pessoas que, durante o resto do ano, claramente não se importam com a exploração e com o sofrimento animal, vão se fazer de Brigitte Bardot na internet. E depois, no meio disso tudo, vão deixar em suspenso o medo da radicalização dos bairros e dos jovens convertidos nas redes sociais, as viagens para a Síria ou para outros lugares distantes, e os terríveis regressos ao nosso território. Por isso, nessa hora, tentarão fazer leis sobre a identidade nacional, sobre a dupla nacionalidade, sobre a expatriação, e sobre as expulsões de todos esses fichados S²⁷ que deverão ser deportados para a “Muçulmanolândia”.

É provável que, sem nós, sem o Islam, sem você, oh véu islâmico, a atualidade se questione mais sobre o desemprego que não para de aumentar; sobre o nosso código trabalhista, que é ignorado; sobre os pobres que estão sempre mais pobres; sobre a fraude fiscal; sobre a queda de subsídios para a cultura, para a juventude, para a educação...

²⁶ Mês da prática do jejum para os adeptos do Islam.

²⁷ FICHA S - Na França, uma ficha S representa uma ficha de pessoas procuradas. A letra S é a abreviação de “Sreté De L'état”, ou seja, Segurança Nacional.

**Conte-lhes minhas confidências,
Clame a eles meus silêncios**

Diga-lhes que eu sou livre, livre, e se eles tentarem lhe retirar da minha cabeça, eu usaria mais ainda a minha liberdade para me defender. Eles ao menos procuraram compreender o que você representava para cada uma de nós?

Diga-lhes que você é a prova da minha submissão a DEUS e unicamente Ele.

Diga-lhes que, se eles não compreendem, é porque você só faz sentido em uma fé profunda e sincera.

Diga-lhes que se você fosse usado por causa de imposições masculinas, você não teria então nenhum valor.

Diga-lhes que usar você para outra coisa que não para Deus, é voltar a cometer o mais grave dos pecados na nossa religião: considerar que possa ter um Deus igual para o qual as pessoas agiriam, para o qual as mulheres colocariam o véu.

Diga-lhes que, aos meus olhos, você é um instrumento de emancipação diante de uma sociedade que desejaria ditar minha maneira de ser uma mulher liberada.

Diga-lhes que foi você que me liberou; você me liberou dos ditados da sociedade, você enraizou em mim a certeza que eu sou algo mais que meu corpo, ou minha aparência externa. Você me incentivou a cultivar minha mente, minha crítica, minhas reflexões.

Diga-lhes que você também está na origem de minha luta contra todas as formas de discriminação e de opressão; você é minha motivação para continuar a resistir, você materializa minha luta por uma sociedade mais justa, mais igualitária.

Diga-lhes que eles parem de fazer apologia desse feminismo patriarcal que gostaria libertar as mulheres muçulmanas da dominação masculina, como se nós possuíssemos o monopólio desta dominação e as outras mulheres estivessem totalmente emancipadas.

Diga-lhes para se dirigirem aos verdadeiros problemas que persistem e aos quais eles precisariam seriamente se voltar: as violências conjugais, os estupros, os estereótipos que nos encarceram em categorias sociais minorizantes, onde a mulher seria obrigatoriamente inferior ao homem pela “sua fragilidade e sua emotividade” ou outras coisas.

Diga-lhes que você não é em nada responsável pela violência simbólica que se impõe a cada uma de nós para que respondamos aos critérios de beleza programados pela nossa sociedade de consumo.

Diga-lhes também que não é você que nos paga 19% a menos que os homens.

Diga-lhes que você não atua em nada sobre nossa sub-representação nas instâncias do poder político e econômico, ou na mídia²⁸

Diga-lhes que eles legislem sobre todas essas problemáticas, ao invés de nos banir do espaço público.

Diga-lhes que polemizar sobre você é mais uma vez questionar a aparência das mulheres sem nunca prestar atenção em suas reflexões.

Diga-lhes que nós lutamos, tanto externamente como internamente, diante de todos aqueles que gostariam de nos ditar nossa maneira de agir.

Diga-lhes que favoráveis ou contrários ao véu eles estão todos no mesmo saco, o de controladores do corpo das mulheres.

Diga-lhes que não esperamos nem sermos aceitas nem aclamadas; desejamos apenas ser respeitadas.

Diga-lhes que queremos os mesmos direitos dos outros.

Diga-lhes que não temos que nos justificar.

Diga-lhes que queremos viver, desabrochar, ocupar o lugar que merecemos.

Diga-lhes que somos mentes, cérebros em ebulição repletos de pensamentos, de filosofia, de inteligência e de convicções.

Diga-lhes que eles têm tudo a perder ao nos excluir.

Diga-lhes que não culpo os indivíduos, nem os comportamentos individuais. O problema é estrutural.

Diga-lhes que o Estado e as instituições são a origem dos males que nos afligem.

Diga-lhes que essa história levanta as consequências de uma herança colonial nunca assumida.

²⁸ Na esfera política francesa as mulheres representam 27% dos deputados da Assembleia Nacional e 22% de senadores. No espaço midiático, segundo um estudo do CSA (Conselho Superior de Audiovisual), elas representam menos de 20% de especialistas e repórteres de rua nos jornais televisivos das 20h dos canais gerais. As aparições delas nos programas de tv representam menos de um terço do tempo de fala global. <http://www.csa.fr/Etudes-et-publications/Les-etudes-thematiques-et-les-etudes-d-impact/Les-etudes-du-CSA/Le-temps-de-parole-des-femmes-dans-les-magazines-de-plateau>.

Diga-lhes que, atrás dessas polêmicas islamofóbicas, se esconde a volta às práticas coloniais perversas quando, em 1958, na Argélia, a França organizava a retirada pública do véu para provar o processo de civilização e de emancipação da mulher algeriana, a nativa selvagem submetida à dominação árabe-muçulmana.

Diga-lhes que, se a França tem amnésia, não esqueçamos o haik, o tradicional véu branco algeriano, que materializava o campo de batalha entre colonização e liberação, entre o Estado francês imperialista e o povo algeriano na busca pela independência.

Diga-lhes que eu lutarei por você com o mesmo ardor de uma revolucionária. Por você, por todas aquelas que querem usá-lo, mas também pelas que a recusam.

Diga-lhes que nós gostamos de você como uma escolha, livre e reivindicada, nunca forçada.

Diga-lhes que a marca de minha caneta é uma mistura das mais amargas lágrimas, aquelas que escorreram quando essa lei libertária o banuiu da escola.

Diga-lhes que meus verbos se conjugam à medida de suas pequenas agressões, que minhas palavras são apenas o resultado de catorze anos de exclusão.

Diga-lhes que eu o uso todos os dias como estandarte da minha liberdade.

Diga-lhes que você é o que me inspira, e que minha fé é meu remédio diante da dureza da vida.

Diga-lhes que eles não devem julgá-lo, nem nos condenar; nós temos apenas utilizado nosso direito de acreditar e praticar.

Diga-lhes que eu imagino você colorido ou preto, usado orgulhosamente por todas aquelas que tenham decidido fazê-lo.

Diga-lhes que você é meu passado, meu presente e meu futuro pelo tempo em que eu decidir.

Diga-lhes que as leis deles de nada adiantarão, que aquelas que querem continuarão a usá-lo.

Diga-lhes que eles não têm mais escolhas, será preciso nos aceitar; os rumores aumentam, usamos o véu e somos revoltadas.

Diga-lhes que somos vítimas de um sistema classicista, racista e sexista, mas que nunca seremos vítimas.

Diga-lhes que as palavras de nossos ancestrais ressoam em nós. Somos “dominadas, não domesticadas; inferiorizadas, mas não convencidas de nossa inferioridade”.

Diga-lhes que lutamos e resistimos com o mesmo ardor que nossas mães, nossas heroínas históricas; com a mesma determinação que nossos pais, nossos avós, nossos heróis.

Diga-lhes principalmente que não estamos sós para sermos esmagadas; nós somos muitas, milhares, a metade da humanidade. Que eles tremam, pois não estamos perto de desistir.

Diga-lhes que somos milhares a viver opressões, que fazemos parte de um movimento maior, aquele das que lutam pela dignidade e justiça.

Diga-lhes também que o que é legal para eles não é a justiça para nós; enquanto as leis forem o que elas são não haverá ponto final nessa história.

Diga-lhes que às últimas palavras dessa história romance se juntarão outras anedotas, outras histórias de vida, outros testemunhos em que nossas liberdades ainda serão ignoradas, mas nossa determinação nunca será abalada.

Diga-lhes que nós lutaremos para reivindicar nossos direitos, nossa existência, nosso direito de existir.

Diga-lhes, finalmente, que eles parem de tentar nos liberar. Isso é responsabilidade nossa, e vamos acabar vencendo.

Chegou a nossa hora!

FIM